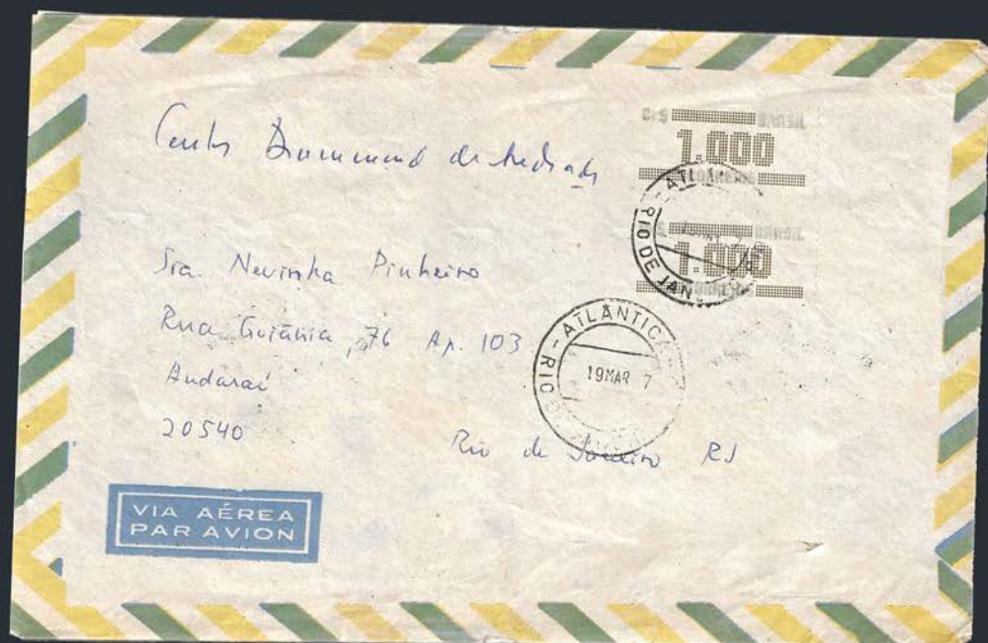


ANTÔNIO DE BRITO FREIRE

# Poética da Incorrespondência: "No Reino das Palavras"

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE/NEVINHA PINHEIRO)





**Universidade Estadual da Paraíba**

Prof<sup>a</sup>. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof<sup>a</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



**Editora da Universidade Estadual da Paraíba**

Cidoval Morais de Sousa (UEPB) | *Diretor*

### **Conselho Editorial**

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

### **Conselho Científico**

Afrânio Silva Jardim (UERJ)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)

Diego Duquelsky (UBA)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB)

Germano Ramalho (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)

Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Rosmar Antoni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

### **Expediente EDUEPB**

*Design Gráfico e Editoração*

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Leonardo Ramos Araujo

*Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire

Elizete Amaral de Medeiros

*Divulgação*

Danielle Correia Gomes

Gilberto S. Gomes

*Comunicação*

Efigênio Moura

*Assessoria Técnica*

Walter Vasconcelos



**Editora indexada no SciELO desde 2012**



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

**Editora filiada a ABEU**

### **EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

ANTÔNIO DE BRITO FREIRE

**Poética da Incorrespondência:  
"No Reino das Palavras"**

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE/NEVINHA PINHEIRO)



Campina Grande/PB

2022



## Estado da Paraíba

João Azevêdo Lins Filho | *Governador*

Ana Lúcia Costa Feliciano | *Vice-governadora*

Nonato Bandeira | *Secretário da Comunicação Institucional*

Claudio Benedito Silva Furtado | *Secretário da Educação e da Ciência e Tecnologia*

Damião Ramos Cavalcanti | *Secretário da Cultura*

## EPC - Empresa Paraibana de Comunicação

Naná Garcez de Castro Dória | *Diretora Presidente*

William Pereira Costa | *Diretor de Mídia Impressa*

Alexandre Macedo | *Gerente da Editora A União*

Albiege Léa Fernandes | *Diretora de Rádio e TV*



BR 101 - KM 03 - Distrito Industrial - João Pessoa-PB - CEP: 58.082-010

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

E24

Freire, Antônio de Brito

Poética da incorrespondência: "no reino das palavras" (Carlos Drummond de Andrade/  
Nevinha Pinheiro) / Antônio de Brito Freire – Campina Grande: EDUEPB, 2022.  
299 p. : il. ; 14 x 21 cm ; 12,1 MB.

ISBN: 978-85-7879-696-9 (Impresso)

ISBN: 978-85-7879-695-2 (E-book)

1.Biografia. 2.Nevinha Pinheiro. 3.Literatura brasileira.

I. Título.

21. ed. CDD 809.93592

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

***In memóriam:***

Mainha, painho, tio, Nevinha Pinheiro,  
seu Rodrigues, dona Alice, Zezé, Vanildo, Carminha, Dionea.



Dedico:

Aos irmãos e irmãs, Istênia Santos, aos Lulas (de Garanhuns e Taperoá), Bill Sotero, Terezinha Pinheiro, Branco e Edvam Gomes, às Anas (das Alagoas), a todos os meus parentes...



aos 4:

Marcéu Gautama

Gitá Juan

Vida Luana

Antônia Dinamene.

À minha neta, Athena, com amor...



Agradeço:

Arão de Azevedo, Cidoval Morais de Sousa, Ulisses W.  
Moura, Luciano Nascimento, Lourdinha Bacalhau e  
Elizete Amaral de Medeiros.



Ao suor do homem da terra...

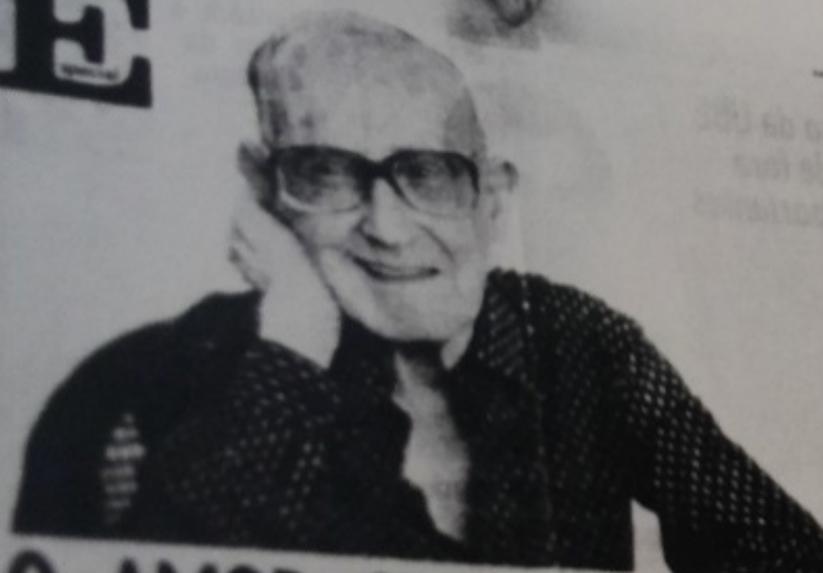


## Poema viúvo

O poeta não morreu,  
Socorreu a si mesmo das agruras da vida  
E correu pra outro plano de outro plano qualquer,  
Do mesmo modo que neste plano viveu,  
O poeta nunca estará no plano designado pela vida  
Porque sempre estará alhures do aqui ou do aculá.

SEMANA DO PAÍZ

**E**



**O AMOR SEGUNDO DRU**





## Sumário

"O Reino das Palavras", **23**

Prefácio 1, **25**

Prefácio 2, **29**

### **Primeiro Capítulo, 41**

Perfil Literário de Nevinha Pinheiro, **43**

Literatura brasileira Contemporânea: Nevinha Pinheiro e o Romance de Ficção, **51**

Atalho Literário 1, **56**

Atalho Literário 2, **58**

Cronograma das Correspondências, **67**

Interpretações, **69**

### **Segundo Capítulo, 227**

Uma Fresta para o Manuscrito, **229**

Intromissões de Suportes, **232**

Narrativas da Voz à Letra, **246**

Manuscrito Digitalizado: das Conversas Telefônicas, **267**

Manuscrito do Manuscrito: Por Dione Pinheiro, **277**

Recortes das Transcrições de Nevinha Pinheiro, **287**

### **Considerações sobre Considerações, 291**

**Referências, 297**



Resolvemos ressaltar já de início, a força intelectual que nossa jornalista exerceu nas leituras da obra e da vida do poeta Carlos Drummond de Andrade. A incorrespondência abaixo só corrobora com a qualidade da produção literária e jornalística de Nevinha Pinheiro reconhecida nesta e em outras incorrespondências escritas pelo poeta de Itabira-MG.

*“Rio, 2 de março, 1983*

*Cara Nevinha:*

*...Texto lindo, que me encantou, me deixou comovido e grato. Obrigado, Nevinha, por suas finas palavras de generosa identificação com este seu velho amigo.*

*O abraço e o carinho de  
Carlos Drummond de Andrade”.*



## "O Reino das Palavras"

Nevinha Pinheiro

(Texto datilografado e assinado pela própria escritora)

"Em 1987 escrevi o TEMA-ENREDO da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, sobre o poeta CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. Dei o título de O REINO DAS PALAVRAS (retirado de um verso do poeta). Escrevi umas trinta laudas, daí o carnavalesco Júlio Matos Vargas baseou-se para criar os carros alegóricos e toda a criatividade do carnaval da Mangueira. Daí, fiz palestras para os compositores da Escola, explicando da maneira mais simples possível a poética DRUMMONDIANA, para que eles escrevessem o samba-enredo. Levada por esse motivo, conheci os bastidores de uma Escola de Samba, sociologicamente, senti o que é o Carnaval, o que é uma Escola. Mantive, por tal, uma farta correspondência com o poeta, muito por telefone, e também por escrito sobre o Carnaval e o que estava sendo feito com relação a ele e sua poesia. Antes eu já conhecia (de carta, telefone e literariamente) o poeta, então passamos a uma amizade grande e criativa. Possuo, pois, boa documentação sobre tal e espero através de livro jogar para fora tudo que sei com relação a tal fato. O livro que pretendo escrever sobre o poeta não será apenas literário, mas também humano, fatos não conhecidos da

vida do poeta e que apenas eu posso revelar, pois fiz o tema-enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Todo o encadeamento desse processo está nas cartas – trocadas entre nós – e nas conversas telefônicas escritas (assim que saía do telefone) por mim. Mal acabava de conversar com o poeta corria a rabiscar 'o papo', eis o motivo, pelo qual, possuo uma documentação interessantíssima e digna de vir à baila através de livro. [apagado]”.

## Prefácio 1

Dionee Pinheiro<sup>1</sup>

Ulisses W. Rocha de Moura<sup>2</sup>

Em virtude de um trabalho tão sensível e singular de retomada e de análise do material intercambiado entre Carlos Drummond de Andrade e Nevinha Pinheiro, foi-me pedido pelo autor, Antônio de Brito Freire, do presente livro "**Poética da Incorrespondência...**", para escrever sobre minha relação com a crítica literária, romancista e jornalista em questão.

Sou Dionee Pinheiro de Lima, autora do livro "**Echo da Serra**", publicado pela EDUEPB, no ano de 2018 e irmã da escritora, jornalista e crítica literária, Nevinha Pinheiro. Muito me apraz ser sua irmã.

---

1 Professora primária e autora do livro "Echo da Serra" publicado pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba-EDUEPB

2 Licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe-UFS e Especialista em Práticas Interdisciplinares em Educação pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB e professor da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba.

Desde criança, Nevinha demonstrava ser bastante inteligente e desembaraçada. Cresceu com o hábito de ler tudo que via à sua frente.

Ainda adolescente descobriu que era preciso alçar voo, uma vez que no ambiente em que vivia, Serra Redonda-PB, pequena cidade do interior paraibano (com uma estimativa de 4 mil habitantes) não dava para a mesma alcançar sua realização pessoal que era conhecer o mundo de outros grandes centros, já que, segundo ela mesma dizia, "sentia algo estranho à sua mente" que a impulsionava a fazer perguntas sobre os problemas da vida e sobre sua realidade que estava além de sua pacata cidade.

Ainda adolescente foi estudar em Campina Grande, cidade polo da região onde nasceu (30 km de Serra Redonda à época), no Colégio Estadual da Prata. Depois foi para a capital do Estado, João Pessoa, onde concluiu o ensino clássico no Liceu Paraibano.

Nossa irmã, Marluce Pinheiro, a qual já estava no Rio de Janeiro, mandou chamá-la para fazer-lhe companhia, mas, sobretudo, com a intenção de que ela continuasse seus estudos para que pudesse se realizar profissionalmente. Assim, Nevinha prestou o vestibular na UERJ e foi aprovada com ótima média para cursar Jornalismo. A partir daí, fez amizades e criou um círculo de amigos ligados às letras e ao jornalismo.

Deste modo, Nevinha passou a se relacionar com pessoas dos mundos da cultura e do jornalismo. Com o passar do tempo, devido seu gosto apurado por diversas leituras, especialmente de autores interessantes, acabou se ligando, de modo especial, às poesias de Carlos Drummond de Andrade, do qual foi uma exímia crítica literária. Evidentemente que sua aproximação com o poeta de Itabira se dera pelo fato de Nevinha já ter ligações tanto com Êrico Veríssimo quanto com Josué Montello. Autores de renomes nacional.

Através da amiga, Zélia Ferreira, começou a trabalhar no setor de revisão do Jornal do Brasil. A partir daí, certamente, Nevinha desco-

briu que tinha o “dom” e a competência de atuar como crítica literária.

Provavelmente, a partir de uma crítica à poesia de Drummond, tenha chegado até o poeta. Foi aí que ele descobriu que Nevinha conhecia muito bem a sua poesia. Desde então, o poeta percebeu seu talento para fazer críticas ao que escrevia. Acredito que foi depois dessa percepção que ele se tornou seu amigo de correspondências.

Pelas cartas e ligações telefônicas entre ambos, Nevinha, sempre demonstrou sentir um prazer muito grande por tornar-se amiga deste expoente da literatura nacional e internacional. Nevinha era muito invejada, por exemplo, contou-me que no Jornal do Brasil quando telefonavam para ela, as colegas diziam em tom de deboche: “Quem será? Drummond ou Tristão de Ataíde?”

Ela, porém, me confirmou, que não dizia nada, que fazia de conta que nada ouvia e sempre me falava: “É estranho, fico me questionando, eu, uma pessoa simples, de uma cidade do interior do nordeste chegar a ser crítica literária e chegar a ser amiga de Érico Veríssimo e Carlos Drummond de Andrade e estes terem uma grande intimidade comigo.

O que mais me estranha é que Drummond não queira que eu o conheça pessoalmente. Eu digo a ele ‘eu vou discretamente a Ipanema onde o senhor sempre fica sentado’ ele diz: ‘Não Nevinha, não venha, não compensa você me conhecer’. Altas horas da noite ele me ligava e ficava conversando, às vezes ele desligava”. Nevinha dizia: “É ele, mas fica chato retornar porque é muito tarde da noite”.

Para que possamos entender o grau da amizade, admiração e considerações mútuas, além das inúmeras correspondências, em cartas, cartões e telefonemas, que constam no presente livro e será devidamente abordada pelo autor, ela tinha na parede do seu quarto, um painel em preto e branco com uma foto de Drummond com uma poesia.

Nevinha me contou que quando o poeta faleceu, em agosto de 1987, uma noite qualquer, ela ficou olhando o quadro, relendo o poema e pensando consigo mesma: "Onde será que ele está? E coisas do tipo".

A emoção era tanta, que segundo ela: "o painel ficou se deslocando da parede e batendo, o quarto estava fechado, sem corrente de ar, sem ventilação". Delírio poético ou afinidade poético-espiritual, a verdade é que Nevinha me contou que ficou emocionada pensando nesse acontecimento que nunca mais havia saído da sua memória.

Estas são pequenas memórias que emergem sobre Nevinha Pinheiro. Portanto: "São infindos mistérios que existem entre o céu e a terra", parafraseando o grande William Shakespeare.

## Prefácio 2

A crítica literária brasileira juntamente com a história da formação da literatura em nossa pátria, continuam omissas e avessas em relação às produções literárias de mulheres brasileiras que merecem destaque em nossa Literatura.

A nosso ver, este desinteresse pode ser medido e identificado como oriundo de orientações teóricas machistas que miram a exclusão de nomes de escritoras do cenário literário nacional.

O termo "exclusão", aqui, pode ser entendido como a configuração de uma demonstração histórico-literária de nomes de autoras que podem até constar na história da Literatura brasileira, mas que aparecem apenas de forma superficial, conforme aconteceu com tantas escritoras, a exemplo de Francisca Júlia, Nevinha Pinheiro entre outras esquecidas, talvez, de forma proposital por uma conjuntura política que determina e demarca o espaço de cada escritora.

A presença da escritora, jornalista e crítica literária, Nevinha Pinheiro, no cenário de nossa Literatura se deu a partir do momento em que ela começou a publicar ensaios, crônicas, resenhas, artigos, contos e, sobretudo, análises das obras de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Publicações essas que circularam em alguns jornais de grande circulação nacional, tanto no eixo sul-sudeste, envolvendo Rio-São Paulo, como no centro-oeste, em Minas Gerais, embora tenha publicado por Cuiabá, Bahia, Salvador, Goiania, João Pessoa, Recife, Pernambuco, o que demonstra o grau de extensão de nossa escritora por vários Estados.

Em virtude do peso e da potência do nome de Carlos Drummond de Andrade, é possível que alguns leitores infiram, dentro de uma divagação literária, que o poeta teria criado uma espécie de personagem para seus devaneios cietíficos, poéticos e políticos, mas isso só seria possível inferir, caso as correspondências não fossem do arquivo pessoal da própria Nevinha Pinheiro e se não houvesse livros, artigos, ensaios, resenhas e análises em diversos jornais assinados por ela. Alguns podem até ousar sugerir, mas indevidamente, que a jornalista seja uma espécie de protagonista secundária diante da criação literária de Drummond.

Para corroborar com esta verve machista que exclui, oculta ou torna secundária a produção literária de mulheres, retomamos como exemplo o Parnasianismo no qual os críticos da época, maliciosamente, ventilaram a ideia de que a grande poeta Francisca Júlia, sobre a qual orientei um Trabalho de Conclusão de Curso pelo Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, com a pesquisadora Ana Maria Nunes, cujo título é "Perfil literário da musa do impassível" (LETRAS-UEPB, 2004), fosse uma invenção inteligente, um pseudônimo de um dos integrantes da "trindade parnasiana", Olavo Bilac.

A pesquisa observou que Francisca Júlia foi verdadeiramente uma parnasiana que respeitou os principais eixos e exaltou os princípios das características mais fortes deste movimento, mas que não teve sua participação e suas obras devidamente respeitadas.

No presente livro, objetivamos ressaltar o nome de Nevinha Pinheiro para que ela não seja mais uma escritora brasileira, a produzir com qualidade e ter sua produção e sua participação rasuradas, apagadas pelas mãos dos homens que escrevem sobre quem escreve.

A nosso ver, esta omissão se dá em duas vertentes: ora como total exclusão, ora como semi-exclusão, ou seja, uma exclusão pela metade que se configura como uma demonstração superficial de nomes de autoras que constam na história da Literatura brasileira apenas como figurantes sem despertarem maiores interesses dos que listam e enumeram esses nomes.

Ao observarmos alguns livros de crítica e história literária e retomarmos esse movimento poético da segunda metade do século XIX, o Parnasianismo, percebemos a presença de uma espécie de marginalização em relação à produção literária de escritoras. Neste momento quase não se fala em mulheres escritoras.

Percebemos que é consensual a crítica considerar, neste movimento, apenas três poetas que foram consagrados como mais importantes e imprescindíveis em estudos literários: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, a "trindade parnasiana".

Para alguns estudiosos, a exemplo de Athayde (1980, p.559) "sem dúvida alguma os grandes parnasianos e simbolistas foram homens". Desse modo, Roberto Fortes, um dos maiores estudiosos da poética de Francisca Júlia, contradiz o olhar machista de Athayde e confirma que Júlia é a maior poeta da língua portuguesa em seu tempo, dentro da proposta do estilo literário que ela integrou.

Péricles Eugênio corrobora com a crítica francesa que considera e indica que Francisca Júlia, dentre os poetas de sua época, foi quem mais se adequou e que correspondeu à impassibilidade que era um dos ideais mais fortes da estética parnasiana.

Portanto, a explanação em foco, visa, além de relembrar o nome desta grande poeta do século XIX, Francisca Júlia, fazer ver o que pode ocorrer ou que já está a ocorrer com a nossa escritora Nevinha Pinheiro.

Não há na presente explanação nenhuma intenção comparativa em relação à obra de Francisca Júlia com a obra de Nevinha Pinheiro. Nosso foco principal é restituir o lugar tomado de nossa escritora e jornalista.

Por isso, entendemos que se torna imprescindível uma remontagem de toda obra de Nevinha Pinheiro para que possamos integrá-la à produção literária nacional. Isto pode ser feito a partir do vasto material que Nevinha deixou: livro, resenhas, contos, crônicas e leituras críticas de poemas de Drummond, de Bandeira dentre outros vultos de nossa Literatura.

Destarte, Nevinha Pinheiro pode ser considerada uma autora que resistiu e resiste a essa resistência que a crítica machista tem em relação às produções de mulheres escritoras brasileiras. Como jornalista, ela escreveu excelentes artigos e fez entrevistas fundamentais para o jornalismo cultural brasileiro, a exemplo das entrevistas com Drummond, José J. Veiga, Clarice Lispector entre tantos outros.

Nevinha Pinheiro é citada como referência e é considerada pelo seu maior confidente, o poeta Carlos Drummond de Andrade, como uma excelente crítica literária e como uma exímia "escrevedora" conforme ele mesmo a define. Nevinha tinha o hábito de mostrar sua produção a ele e ouvir ou ler suas ponderações sobre seus escritos.

Há inúmeras cartas e cartões manuscritos ou datilografados de Drummond para Nevinha Pinheiro que mapeiam o nível da comunicação entre estes dois gigantes da cultura nacional. Drummond é, sem dúvida alguma, dentre os poetas de sua época, quem mais admirou sua produção, conforme ele mesmo ressalta em suas incorrespondências.

Com esse poeta, Nevinha Pinheiro mantinha uma espécie de confiança literária ao mostrar-lhe suas produções e recebeu, assim, o incentivo dele para que continuasse escrevendo. Estas motivações foram escritas pelo próprio poeta e estão registradas nas referidas incorrespondências enviadas a Nevinha Pinheiro.

Uma coisa que chamou atenção neste primeiro momento das comunicações é o diálogo estabelecido a partir de textos que apresentam duas formas de escritas, uma mais imperante, a manuscrita, e uma outra, talvez, mais trabalhosa, datilografada.

O mais fascinante é que em algumas correspondências, o manuscrito dialoga com textos datilografados propiciando a aparência dessas duas formas de escritas que dialogam entre si. Portanto, a forma de comunicação que predominou foi a escrita à mão, a manuscrita, o que sinaliza, talvez, para uma escassez de recursos mais avançados, à época, para esta comunicação.

O descaso da "crítica literária tradicional", com nossa jornalista, escritora e crítica literária pode até parecer proposital, já que até o TCC, Trabalho de Conclusão de Curso, defendido pela licenciada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, Istênia Silva Santos, sob minha orientação, durante o biênio 2017-2018, cujo título é "A Crucificação do Diabo: A Narrativa de Nevinha Pinheiro em Foco", não havia nenhum TCC escrito sobre a obra de Nevinha Pinheiro.

O trabalho em termos monográficos, é pioneiro na abordagem da obra de Nevinha Pinheiro.

Até então, não havia estudos acadêmicos que mirassem a qualidade da produção literária de Nevinha Pinheiro, a qual constitui seu potencial literário, não apenas pela crítica contundente e pertinente ou pelo jornalismo atuante, mas, sobretudo, pela vasta produção de entrevistas feitas com grandes nomes da Literatura brasileira.

Assim, a partir da visão requintada do poeta Carlos Drummond de Andrade, o qual estava sempre a elogiar a qualidade da produção escrita de Nevinha Pinheiro, foi possível conhecer o poder da intervenção da jornalista na obra do poeta.

Por isso, levantamos uma hipótese: esta desatenção à produção literária de Nevinha Pinheiro, na crítica literária brasileira, se dá em detrimento da sustentação discursiva da participação do "sexo frágil" neste final da década de 1970?

Contudo, sensibilizados com esta desatenção à nossa escritora, por parte da crítica nacional, é que encampamos, no TCC, supracitado, a construção de uma crítica contundente que proponha, senão uma releitura, porque muitos não conhecem suas produções, mas uma leitura da produção desta escritora.

O estudo acadêmico pioneiro citado, sob nossa orientação, visou trazer sua obra para o cenário literário paraibano, e, sobretudo, para o âmbito acadêmico paraibano.

A nosso ver, Nevinha Pinheiro estava atendida com as produções literárias do Brasil da sua época, e, que, pela qualidade que possui, sua obra deveria aparecer ao lado das produções que integraram a criação literária de seu tempo.

Assim, verificando o valor literário da obra dessa jornalista, escritora e crítica literária, procuramos remontar as diversas correspondências entre a escritora e um dos baluartes da arte literária brasileira, Carlos Drummond de Andrade, com a finalidade de ressaltar o valor desta escritora para a Literatura paraibana e nacional.

Portanto, é oportuno, definir o que vem a ser o conteúdo de um livro cujo título é "**Poética da Incorrespondência...**"?

A nosso ver, parece haver uma parte incorrespondente com relação às correspondências idas e vindas. Incorrespondência porque havia sempre uma demora para determinadas respostas em torno

do que foi escrito por Nevinha Pinheiro para o poeta. Esta incorrespondência, ora se dava por eles mesmos, na morosidade para corresponderem a tempo a uma dada correspondência, e ora se dava pelos Correios.

O objetivo deste livro, não é apenas desvendar o conteúdo das correspondências, muitas vezes, incorrespondidas, por um ou outro, mas sim, instigar o leitor a inferir, nas entrelinhas dessas incorrespondências, sobre as temáticas que foram enviadas por Nevinha Pinheiro para Drummond.

Nossa veia analítica eleva estas incorrespondências a uma via mais complexa possível para aguçar ainda mais a imaginação do leitor para que possa caminhar por outras vias para interpretar o que foi escrito por ela para Drummond.

Algumas palavras ou frases, desnudam e revelam os sincretismos presentes nas cartas e cartões que se apresentam com liberdade poética dessas duas formas, como que restabelecendo uma espécie de grito do silêncio que estabeleceu um hiato na presença corporal entre Nevinha Pinheiro e Carlos Drummond de Andrade.

Havia um desejo infindo da jornalista de realizar um encontro pessoal com o poeta, mas esse encontro nunca foi possível. Ficou aí um vazio, uma lacuna inexplicável para esse "encontro" pessoal que nunca aconteceu e que ficou apenas expresso no plano virtual da comunicação através da escrita.

Preferimos preservar um destes lados, o de Nevinha Pinheiro, para que pudéssemos designar de incorrespondência a correspondência de dentro, que parece íntima, sem ser intimista, mas que se caracteriza, sobretudo, como uma correspondência, muitas vezes, sem correspondência e, sendo de dentro, pouco importa, pois o que importa é que estas incorrespondências iam e vinham numa dinâmica comunicativa que remontava meses de espera de um dos lados,

o de Nevinha Pinheiro, o que nos levou a refletir sobre a apoteose literária destas incorrespondências.

As incorrespondências também se definem pela demonstração da insatisfação de Drummond que, como um bom "incorespondente", conforme ele mesmo se autodefine, reclama da sua falta de desejo e motivação para escrever e dos atrasos constantes dos Correios.

Em vários momentos, há sempre um pedido de desculpas por parte do poeta pelas incorrespondências, quer seja pelo atraso das respostas para Nevinha Pinheiro ou por causa dos atrasos corriqueiros dos próprios Correios.

Mas, se como demonstra Mallarmé em sua obra "Um Lance de Dados" ou "Un Coup de Dés" que é melhor sugerir do que dizer as coisas como elas realmente são, é que optamos por esta via mallarmaica de uma infusão de sugestões que beiram o verdadeiro propósito da poesia em sua essência, a plurisignificação.

Eis para que viemos nas abas destas incorrespondências, para sugerir Interpretações que peçam, imponham, mas não mendiguem Interpretações superficiais porque a riqueza deste diálogo, às vezes, incorespondente, entre Nevinha e Drummond, leva-nos ao delírio Interpretativo mediante a força, a potência e a velocidade que a arte exerce sobre nossos sentimentos de meros expectadores ou de aguçados intelectuais atuantes que entendem a importância de salvar os devidos valores literários que os fatores políticos concentram em suas verves.

Quando Nevinha Pinheiro se foi para o sudeste, precisamente para o Rio de Janeiro, havia de se pensar que ela estaria deixando seu rincão, Serra Redonda da Paraíba, para construir sua vida intelectual no mundo carioca, longe de sua terra natal, para se instalar no primeiro mundo literário brasileiro. Lá, Maria das Neves Pinheiro atuou não apenas como uma crítica literária e escritora, mas, tam-

bém, como jornalista, reflexo do contato com tantos autores de renome nacional.

Carlos Drummond de Andrade em suas "incorespondências" com Nevinha Pinheiro, encontrou uma via de mão dupla para estabelecer uma relação que beirava um sentimento quase umbilical, uma amizade quase visceral. Nevinha Pinheiro era obcecada por leituras e, em sua obsessão, se tornou uma exímia estudiosa da poética de Drummond de Andrade. Portanto, foram o requinte e a qualidade de sua crítica que aproximaram o poeta, por anos a fio, à sua produção crítico-literária.

Com o passar do tempo, percebeu-se que Nevinha Pinheiro não foi para o "Rio" para enclausurar-se num centro cultural tão distante, pelo contrário, sua ida caracterizou um retorno que trouxe para os paraibanos, a excelente companhia do poeta Carlos Drummond de Andrade, o qual se tornou seu par indissolúvel em discussões que beiraram política, publicação de livros, Deus, amor, morte, Literatura, Carnaval, injustiças, saúde, fé entre outras temáticas.

O livro "**Poética da Incorespondência...**", tem um teor incorrespondente íntimo por trazer em seu cerne a possibilidade de uma irradiação crítica em torno do valor literário de Nevinha Pinheiro para a Literatura brasileira, particularmente, Literatura paraibana. Drummond em suas incorespondências fazia sempre questão de abordar e ressaltar a qualidade literária de Nevinha Pinheiro como escritora e chegou a motivá-la a publicar os seus livros ainda no prelo.

Portanto, temos em mãos, doadas pela força do tempo, as incorespondências preservadas pela força e pela paixão das irmãs de Nevinha Pinheiro, Dionée Pinheiro, e, Maria do Carmo Pinheiro, Carminha, exímias contadoras das histórias da vida de Nevinha Pinheiro. As irmãs Pinheiro resguardaram com amor e cuidado todo acervo

da escritora para doarem à Universidade Estadual da Paraíba, o que resultou no presente livro.

As cartas e os cartões enviados por Carlos Drummond para Nevinha Pinheiro remontam as décadas de 70 e 80 do século XX. Estas incorrespondências beiram momentos tensos que demarcam sua desilusão com a política e com a doença de sua filha Maria Julieta.

Drummond deixou transparecer que mantinha uma relação de apreço, admiração e respeito por Nevinha Pinheiro e que esta admiração estava além de uma simples amizade. Mais do que uma amiga, Nevinha Pinheiro mantinha com Drummond, afinidades literárias, certamente em virtude das tantas análises e leituras feitas por ela em torno da obra do poeta.

Nevinha Pinheiro pode ser considerada, indiscutivelmente, um baluarte da vanguarda literária paraibana. Em seu convívio com este cânone da Literatura nacional e internacional, Drummond de Andrade, pôde manter um alto nível de diálogo sobre suas obras já consolidadas na Literatura brasileira.

Para analisarmos os recortes desta comunicação, tomamos como base o roteiro traçado por Nevinha Pinheiro das cartas e cartões aos telefonemas transcritos que segundo ela: "Após uma boa conversa reescrevia tudo".

Esperamos que os recortes destas incorrespondências, os quais estão à mostra, possam trazer uma reflexão que proponha uma remontagem do valor literário desta escritora que viveu e produziu Literatura ao lado, ombro a ombro, com grandes nomes da Literatura nacional.

Se o inestimável leitor chegou até aqui, neste último parágrafo desta explanação inicial, é porque temos muito mais em comum do que o interesse por um diálogo.

Temos o compromisso de olharmos as “injustiças” cometidas contra as autoras que encenaram e encenam no cenário literário com excelentes produções, produções de alto nível, mas que foram ou não “queimadas”, ocultadas ou submetidas aos porões do esquecimento e silenciadas como “bruxas” de “péssimas” escritas pelos homens que compõem a “República Mundial das Letras”.

Aqui chamamos sua atenção para esses dois nomes: da parnasia-na Francisca Júlia, na poesia e, principalmente, do nosso foco maior, na pós-modernidade, Nevinha Pinheiro, na prosa com: romances, contos, artigos, resenhas, crônicas, críticas em suas diversas análises publicadas e alguns livros que “findaram” no prelo.

Portanto, aqui há um convite para que se adentre estas duas salas de bate-papos nos 2 capítulos. 1, por onde se conversa sobre os textos manuscritos ou datilografados em cartas e cartões e 2, por onde se escuta a voz do poeta em conversas que foram transcritas por Nevinha Pinheiro.

É um convite para que se olhe as Interpretações sem o abandono das próprias miras da Interpretação de cada um e que a soma dessas Interpretações enriqueça ainda mais o “capital linguístico” dos diálogos entre o poeta e a jornalista para que ela seja vista e estudada conforme seu merecimento literário em seu “capital cultural”.



## *Primeiro Capítulo*

Carta, é uma espécie de mensagem, de forma manuscrita ou impressa, endereçada a uma pessoa ou a uma organização, para comunicar-lhe algo. A carta em dias atuais perdeu os endereços e sua força nos Correios e se estendeu por redes sociais como uma expressão que se mantém viva em suas características na forma das pessoas se comunicarem. As cartas de Drummond para Nevinha foram manuscritas ou datilografadas, o que acirra ainda mais a vivacidade do poeta ao se comunicar com a escritora paraibana de Serra Redonda em tempos em que a rede social mais forte eram os Correios.



## Perfil Literário de Nevinha Pinheiro

Istênia Silva Santos<sup>3</sup>

Os estudos sobre Literatura brasileira produzidos nacionalmente, em particular no Estado da Paraíba, recaem, em sua maioria, sobre autores do gênero masculino, sobretudo, aqueles que pertencem à tradição literária já consolidada ou consagrada na denominada República dos Livros. De acordo com Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984) essas “tradições que parecem ou são consideradas antigas, em sua maioria, são bastante recentes, quando não inventadas”.

Assim, encontramos em Nevinha Pinheiro na obra em debate, “A Crucificação do Diabo” a manutenção de uma tradição pautada no viés religioso envolvendo tanto Jesus como o Diabo.

---

3 Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Trabalho orientado pelo Prof. dr. Antônio de Brito Freire

Por outro lado, mesmo mantendo esta tradição, a escritora parai-bana, parece querer romper com a tradição religiosa que mantém a querela entre ambos, promovendo o encontro e a vivência entre o sagrado e o demoníaco em diálogos e peripécias que servem como pano de fundo para a humanização tanto do diabinho quanto do menino Jesus.

Estas tradições têm suas imbricações pautadas em coisas que já existiram e que de certa forma reinventam-se como uma espécie de "passado conveniente". Mesmo assim, entende-se que precisa de uma "certa ordem" para a manutenção dessa tradição.

É aí que percebemos a singularidade de Nevinha Pinheiro por entendermos que em seu romance, "A Crucificação do Diabo" ela vai rebuscar nessa ordem da tradição religiosa uma espécie de "mapa da desleitura", conforme Harold Bloom (1973), na leitura inversa dessa tradição. Nevinha Pinheiro coloca o diabinho como o precursor de uma relação fundamentada em suas próprias experiências em peripécias de menino astuto e levado.

Entendemos que esta ruptura que Nevinha apresenta no seu romance publicado pela editora moderna nos idos dos anos 1978, busca de certa forma confrontar as "tradições inventadas que têm funções políticas e sociais" consideradas imprescindíveis na organização social.

Quando abordamos a questão das tradições nos referimos obviamente à ruptura que Nevinha encampa em seu romance por dar "conta da repetição da tradição", do passado cristão, a partir da existência de Jesus e do Diabo, mas colocando ambos como crianças, como amigos, ombro a ombro, na sobrevivência cruel do mundo que a eles pertence, mas que aparece como um mundo desconhecido pronto para ser explorado e vivido por ambos.

Deste modo, atentando para esta questão da quebra e, ao mesmo tempo, da manutenção de uma tradição é que encontramos em

Nevinha Pinheiro um dualismo, uma ambivalência onde ao mesmo tempo em que mantém a relação Jesus versus Diabo, um santo, outro demônio, conforme a tradição, cada um em sua abrangência de crenças, torna clara a sua perspectiva como escritora de humanizar a ambos transvestindo-os das mazelas humanas, tais como: frio, fome, sede, desejos, locomoções e sentimentos.

É nesta seara de manutenção e ruptura com a ordem da tradição religiosa que Nevinha desponta como uma escritora singular que no cerne da literatura brasileira, em que as escritoras não encontravam espaço para deflagrarem sua inquietação política e religiosa, desponta.

Deste modo, em anos políticos tão acirrados, de regimes ditatoriais impregnados na forma de pensar a vida através da arte da literatura, anos 70, mais precisamente em 1978, ano da publicação da "Crucificação do Diabo" a produção escrita da mulher é ínfima em termos de quantidade e ganha pouco destaque na produção literária brasileira, e, sobretudo, na produção literária paraibana, principalmente no âmbito acadêmico, no qual é perene a crítica indicar para estudos e pesquisas apenas os escritores que integram o cânone, em sua maioria, homens, o que formata uma lista de nomes já consolidados.

No entanto, o que nos chama atenção é que, de acordo com nossa pesquisa, constatamos que há uma grande e frutífera produção literária da paraibana da cidade de Serra Redonda, Nevinha Pinheiro, tanto no que diz respeito a textos ainda inéditos, quanto na publicação de vários artigos e entrevistas sobre Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Josué Montello, Clarice Lispector entre outros que foram alvos tanto da crítica de Nevinha quanto de suas diversas entrevistas como jornalista de grandes jornais de circulação nacional.

Entendemos que é imprescindível uma abertura para que a crítica literária possa fomentar pesquisas que sejam direcionadas à produ-

ção literária de mulheres e é neste sentido que chamamos a atenção à produção literária de Nevinha Pinheiro para que haja um aumento gradativo de estudos e pesquisas que façam despertar o interesse de leitores para a importância de suas produções.

A relevância do presente artigo reside no fato de refletirmos sobre a produção literária de uma autora da Paraíba, sobre a qual não há, até o momento, exceto o nosso, nenhum trabalho de abrangência acadêmica dedicado à reflexão crítica do livro, "A Crucificação do Diabo" o qual a nosso ver ficou fadado ao esquecimento, ao descaso.

Assim, conforme a escassez ou pouco enfoque de análises críticas sobre a obra em foco é que se dilacera uma crise mais abrangente e contundente para que possamos pensar o papel da escritora paraibana na produção literária brasileira.

Deste modo, é necessário refletirmos sobre o espaço que Nevinha Pinheiro ocupou e ocupa nos estudos literários, o que a nosso ver, não é compatível com a importância da obra aqui em estudo.

Nossa intenção, no presente artigo, é tornar visível, é evidenciar a qualidade da obra supramencionada da escritora paraibana "Nevinha Pinheiro". Objetivamos com o presente artigo tornar presente um debate sobre literatura paraibana destacando não apenas a presença, mas a qualidade da obra da escritora de Serra Redonda-PB.

Nossa crítica no presente artigo não busca apenas criar uma crise em relação à desatenção da crítica literária no tocante à produção de Nevinha Pinheiro, nem tão pouco compará-la à produção de outros autores ou autoras, com suas respectivas obras, mas sim, fazer uma espécie de apresentação que possa resultar na defesa da importância de "A Crucificação do Diabo" por ser uma produção literária de qualidade e que mesmo sendo produzida num grande centro, no eixo sul-sudeste, por uma editora de renome internacional, a editora moderna, acabou não ganhando o devido espaço literário.

Indicamos que a maior qualidade de Nevinha está presente a partir dos novos modos de reflexão sobre o sagrado e o demoníaco como máculas fundantes de seu fazer literário cujo modelo de abordagem em sua organização literária revela sua veia estética.

Ou seja, seria necessário desconsiderarmos "os modelos de valorização das grandes obras" impostos pela crítica tradicional para que pudessem os sugerir um novo conceito de literatura respeitando as diversas produções de diversos autores de diversos Estados.

Afinal, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros, o que significa que determinadas produções estão excluídas de antemão (DALCASTAGNÈ, 2012, p.12).

A literatura produzida por mulheres embora não necessite da autorização do cânone masculino para ser efetivada, para ser escrita, precisa passar, obrigatoriamente, por um funil excludente da crítica masculina para que possa ganhar notoriedade.

No entanto, a obra "A Crucificação do Diabo" (1978), apresenta um diferencial. Nos bastidores de grandes nomes da literatura brasileira, Nevinha Pinheiro, em diálogos e correspondências, foi acobertada, referendada, incentivada, analisada e elogiada, mesmo que através de cartas pessoais, por excelentes críticos de nossa literatura brasileira.

Grandes cânones reconhecidos no meio acadêmico, a exemplo de Carlos Drummond, Erico Veríssimo, Ariano Suassuna, Câmara Cascudo, Josué Montello etc., os quais foram fundamentais no incentivo e motivação à produção de Nevinha Pinheiro.

As "formas de consagração" no entorno de uma determinada obra são práticas indispensáveis que reforçam o poder do cânone e reve-

lam a flagrante e frequente colaboração para apagar ou fazer emergir sujeitos que estão à margem do interesse da crítica canônica.

A análise, o comentário de um autor reconhecido nacionalmente embora seja o demarcador da importância de uma ou outra obra, a nosso ver, não pode ser o principal indicador da qualidade desta obra e nem tão pouco pode configurar, também, o aspecto redutor da obra.

A obra de Nevinha Pinheiro, "A Crucificação do Diabo" (1978) é narrada em um dos Estados da região nordeste do país, Paraíba, região considerada pobre e com grande índice de analfabetismo e é um dos Estados que integram o polígono das secas.

Entenda-se o polígono das secas como uma região concentrada no nordeste e parte do Sudeste com alto índice de seca. É uma área de 1.348 municípios localizados nos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais.

A literatura produzida por mulheres, embora venha, aos poucos, conquistando espaços e estabelecendo mudanças que são pontuais na qualidade de suas produções, ainda sofre discriminações e tem que concorrer com a tradição literária masculina.

Na obra "A Crucificação do Diabo" há uma relação que é estabelecida entre estilos, gêneros e tradições de textos literários e um dos temas recorrentes é o demoníaco em suas diversas representações tais como o diabo, o diabinho, o mal, o satanás, o demônio e isso, talvez tenha feito com que a obra passasse por uma insatisfação crítica ou uma espécie de recusa da obra por parte da tradição cristã.

"A Crucificação do Diabo" abre, portanto, possibilidades de um confronto em diálogos pertinentes com textos religiosos, textos bíblicos, mais precisamente o novo testamento em suas novas versões literárias e culturais que remontam o calvário de Jesus Cristo.

Sendo assim, o demoníaco e o sagrado, presentes no campo literário, não estão limitados apenas às abordagens de teorias religiosas tradicionais, pelo contrário, tornaram-se temas polêmicos em diversos campos do saber humano porque passaram a ser focos de recorrências de muitas narrativas usadas para despertarem o imaginário das mais diferentes camadas de nossa cultura.

O romance ficcional em estudo apresenta enfoques teóricos que encampam tanto a intertextualidade quanto a interdiscursividade. Estas premissas teóricas estão voltadas, fundamentalmente, para uma literatura fundada na verve intercultural que está demarcada, sobretudo, pela oralidade nordestina presente na forma de diálogo que a obra propõe não apenas pela linguagem popular utilizada, mas, sobretudo, pela inovação que a obra propõe ao intercalar o discurso erudito com o popular, em estrofes que rimam entre si, como uma verdadeira peleja da linguagem erudita com a linguagem popular, isto, na presença marcante tanto de frases e títulos em latim quanto da intercalação de um folheto de cordel, no corpus do romance, em forma de capítulo.

Neste diálogo intercultural, a novidade está nesta presença do popular e do erudito. O popular está presente na linguagem utilizada ao longo da obra e na presença da literatura de cordel que se faz viva no folheto que a autora dispõe como um capítulo para seus leitores.

Já o erudito se faz presente nos textos clássicos religiosos e na linguagem da narrativa que serve de premissa para frases escritas em latim, as quais, muitas vezes, dão títulos aos capítulos ou servem para ilustrar debates entre os protagonistas. Este diálogo entre o clássico e o popular propõe leituras e interpretações interculturais conforme a própria autora sugere.

A linguagem literária utilizada por Nevinha Pinheiro, na obra em estudo, tem como maior destaque o seu caráter ficcional, o que de acordo com Aguiar e Silva (1976) pode ser considerada "plurisigni-

ficativa porque nela o signo linguístico, os sintagmas, as frases e as sequências transfrásicas são portadores de múltiplas dimensões semânticas" (1976, p.51).

Sendo assim, Nevinha Pinheiro, apresenta em seu livro, diversos caracteres que realçam componentes diferenciadores de linguagens tais como, escrita criativa, mímese e conotação. As narrativas clássicas contemporâneas, nos levam a "mares nunca dantes navegados", repletos de mistérios e acontecimentos.

Entender a narrativa de Nevinha Pinheiro, em "A Crucificação do Diabo", a nosso ver, é fundamental para que possamos potencializar o imaginário e viajar sob o comando do narrador que faz despertar uma literatura cheia de simbolismo num romance repleto de significações.

## **Literatura brasileira Contemporânea:** Nevinha Pinheiro e o Romance de Ficção

A empregabilidade do termo pós-modernismo em países dissociados do grande eixo que engloba países do primeiro mundo é uma atividade teórica polêmica e complexa, uma vez que alguns estudiosos negam esse conceito no tocante a alguns países subdesenvolvidos.

Essa afirmação aponta para o fato de que "a literatura, parece ser uma disciplina vaga e mal definida" (WELLEK; WARREN, 1983, p.35). É neste sentido, que a escritora Linda Hutcheon (1995) afirma que esse movimento contemporâneo "é basicamente europeu e americano" (HUTCHEON, 1995, p.20). Ainda mais radical, Frederic Jameson diz que o pós-modernismo é "essencialmente norte-americano" (JAMESON, 1994, p.136).

É neste confronto de uma literatura de vanguarda fundada nos moldes do primeiro mundo, de uma literatura que dita as normas canônicas para a indicação ou não de aceitabilidade da obra para os demais mundos, que o escritor indiano, Aijaz Ahmad, faz uma fremente defesa da necessidade de considerarmos a existência de uma literatura produzida por países de terceiro mundo. Esta literatura de terceiro mundo, ao ver deste crítico, teria que trazer, em seu bojo, a conjuntura crítica em sua originalidade para romper

com o etnocentrismo, ou seja, com este olhar que vem de cima para baixo.

Este olhar enviesado, do maior para o menor, do influenciador para o influenciado é um fator preponderante que impede os escritores tidos como maiores de não observarem nem considerarem os avanços significativos nos países de terceiro mundo, os quais têm plena capacidade de produzir não apenas suas obras, mas, sobretudo, de construir uma crítica com estudos voltados para as próprias produções literárias destes países considerados como de primeiro mundo.

Dois outros grandes autores também se destacam em suas discussões em relação ao pós-moderno na América Latina. O primeiro, Nestor Garcia Canclini (1997), se refere à questão da hibridização cultural como sendo essencial para o pós-modernismo. No que diz respeito ao desenvolvimento, Canclini atenta para a heterogeneidade de latino-americana própria de cada país:

Hoje concebemos a América latina como uma articulação mais complexa de tradições e modernidades (diversas, desiguais), um continente heterogêneo formado por países onde, em cada um, coexistem múltiplas lógicas de desenvolvimento. Para repensar essa heterogeneidade é útil a reflexão anti-evolucionista do pós-modernismo, mais radical que qualquer outra anterior (CANCLINI, 1997, p.28).

Assim, Canclini relaciona o pós-moderno com a multiplicidade cultural e com o desenvolvimento da indústria cultural da América Latina, esse misto torna-se algo que está altamente ligado à proposta do pós-moderno.

A segunda escritora a se destacar dentro desta discussão do hibridismo cultural é Irlomar Chiampi (1996), a qual analisando o ro-

mance do pós-boom, hispano-americano, procura destacar a aproximação do erudito com o popular.

Essa aproximação é caracterizada pelo deslocamento do material exclusivo da cultura popular massiva que tem como objetivo a inserção no código culto da enunciação narrativa.

Desta forma, Chiampi discute com elementos ditos como “espúrios”, “alienantes”, “adulterados” e afirma que tais termos são reutilizados de acordo com o contexto e que termos como estes podem variar de acordo com a narrativa e sua incorporação. No tocante a esse processo ela nomeia de “re pragmatização”, ou seja, uma nova forma de reorganizar ou redefinir um assunto.

Para Chiampi, não existe motivos para preservar diferenças entre erudito e popular, pois “sua identidade e legitimidade ficam comprometidas pelo contágio” (CHIAMPI, 1996, p.83), não podendo voltar ao seu estado original por terem sido contaminados um pelo outro.

Essa contaminação dá início a uma nova tendência, o pós-modernismo:

O lixo cultural, cuja presença a cultura hegemônica foi tolerando na época moderna desde que se mantivesse em territórios bem definidos – onde o contágio não ameaçasse a pureza das expressões culturais genuínas e nobres, as do Folclore e da Arte, o popular e erudito -, parece experimentar dias de glória que transcendem sua condição de resíduo (CHIAMPI, 1996, p.76).

O termo pré-modernismo começou a ser difundido em 1939 por Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, 1893-1983). Esse período da Literatura Brasileira foi mais que um “simples anteparo do modernismo” (PASSIANE, 2003, p.22), foi um movimento que propunha novidades, anunciava elementos estéticos e temáti-

cos. Esse movimento acomoda inovações referentes tanto a um projeto político quanto a um projeto estético.

Do ponto de vista político, esse "movimento" apresenta rupturas imprescindíveis, já que, aos olhos dos países mais avançados, encarados como de primeiro mundo, os países marginais não se encontram no mesmo nível de democratização e modernização artístico-literária que eles.

Observando as diferenças sociais e culturais entre os dois mundos, percebemos que indiscutivelmente existem características que são peculiares de uma dada realidade social de cada país.

As manifestações estéticas de acordo com os moldes da *art nouveau* (Arte Nova), se inseriram no campo da produção literária como tentativa de explicitar não apenas as produções literárias, mas, sobretudo, expor o nível de conhecimento de cada país através da utilização de uma linguagem nova também peculiar à realidade político-social destas nações.

Portanto, foi neste sentido que a "narrativa literária se mostrou explicitamente como uma ferramenta para o conhecimento das condições reais" (PASSIANE, 2003, p.44-45) destas nações.

Estas manifestações artísticas, principalmente no Brasil, aparecem como marcas representativas de uma espécie de repúdio ou de confronto cultural cuja bandeira de luta era rever a importância de determinados movimentos e, sobretudo, barrar a dominação de movimentos artísticos oriundos da realidade europeia ou norte-americana.

É sem dúvida alguma, este o momento crucial em que os artistas, os autores brasileiros passam a rediscutir o papel do escritor, do artista brasileiro e passam a propor a partir de então, uma espécie de produção literária fundamentada na realidade nacional. Assim, surge a necessidade artística de um resgate das raízes culturais bra-

sileiras a partir da construção de um ideal mais avançado de nação e de identidade nacional, o que por si só, estabelece o rompimento com os ideais românticos advindos da Europa.

É neste turbilhão de repúdios e de buscas de identidades culturais que se estabelece no campo político, principalmente dos anos 1964-1985, a famigerada censura, a qual passa a atuar como um fator excludente representativo do Estado.

Esta censura instalada, à luz de uma ditadura política, tinha como objetivo primordial monitorar toda e qualquer forma de produção artístico-cultural. Há uma grande divergência entre os artistas e os órgãos de censura que visavam exclusivamente restringir as intenções críticas das produções culturais.

Em 1975, esta censura desperta a revolta da população que leva o Estado a incentivar a cultura popular. Porém, sem incentivo financeiro, origina-se a literatura marginal, a qual com recursos próprios se fortalece com o apoio da massa.

Com relação ao ponto de vista estético, a literatura contemporânea passa a incorporar elementos coloquiais da língua se adaptando a uma narrativa breve, simples e reflexiva. As principais propostas da literatura contemporânea são: a rapidez e a brevidade do ritmo no texto literário. Há uma inovação na redução dos textos e na incorporação das crônicas como gênero literário.

A principal preocupação destes novos autores é aproximar o leitor do texto fazendo com que este leitor seja parte integrante da criação. Podemos elencar várias inovações tais como: diversificação do léxico pré-modernista pela incorporação do regionalismo, estrangeirismo, gírias, expressões populares e neologismos. Deste modo, é possível vislumbrarmos a partir deste momento, um conglomerado de multiplicidades tanto no campo político quanto social ou artístico.

## Atalho Literário 1

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) nasceu em Itabira-MG, integrou o segundo momento do Modernismo no Brasil.

Em 1922, ganhou 50 mil réis, no Concurso da Novela Mineira com o conto "Joaquim do Telhado". Em 1925 fundou "A Revista" veículo do Modernismo Mineiro. Foi redator no Diário de Minas.

Em 1928 publicou o poema "No Meio do Caminho" pela Revista de Antropofagia, São Paulo. Com este poema escandalizou leitores e críticos que consideraram a estrutura do poema adversa aos padrões corriqueiros e o consideraram provocativo por repetir exageradamente determinadas expressões. A expressão "Tinha uma pedra" foi reprovada e perseguida.

Em 1930, publicou o volume, "Alguma Poesia", o poema marcante é o "Poema de Sete Faces". Neste livro, constam "No Meio do Caminho", "Cidadezinha Qualquer" e "Quadrilha".

Em 1934, no Rio de Janeiro, foi chefe de gabinete do Ministério da Educação. Em 1942 publicou seu primeiro livro de prosa "Confissões de Minas".

Em 1945, publica "A Rosa do Povo", onde confronta o sentimento mecanicista da vida desumana de seu tempo e reflete a falta de solidariedade de seu mundo.

A poesia de Drummond veste nova roupagem e seus temas passam sempre a terem caráter social: angústia, medo, tédio e a solidão, companhias do homem moderno.

De 1945 a 1962 trabalhou no Serviço Histórico e Artístico Nacional. Em 1946, foi premiado pela Sociedade Felipe de Oliveira.

O poeta da “Geração de 30”, também é autor de contos e crônicas. Sua poética reflete os humanos em suas inquietudes sociais, religiosas, filosóficas e amorosas.

Toda a sua produção denota sarcasmo e pessimismo em torno do cotidiano. Drummond remontou e recortou “retratos existenciais” dispersos e fez emergir poemas de sua habilidade e de seu admirável domínio da escrita. Traduziu Balzac, Garcia Lorca e Molière.

### **Suas obras são:**

- No Meio do Caminho, poesia, 1928
- Alguma Poesia, poesia, 1930
- Poema da Sete Faces, poesia, 1930
- Cidadezinha Qualquer e Quadrilha, poesia, 1930
- Brejo das Almas, poesia, 1934
- Sentimento do Mundo, poesia, 1940
- Poesias e José, poesia, 1942
- Confissões de Minas, ensaios e crônicas, 1942
- A Rosa do Povo, poesia, 1945
- Poesia até Agora, poesia, 1948
- Claro Enigma, poesia, 1951
- Contos de Aprendiz, prosa, 1951
- Viola de Bolso, poesia, 1952
- Passeios na Ilha, ensaios e crônicas, 1952
- Fazendeiro do Ar, poesia, 1953
- Ciclo, poesia, 1957
- Fala, Amendoeira, prosa, 1957
- Poemas, poesia, 1959
- A Vida Passada a Limpo, poesia, 1959
- Lições de Coisas, poesia, 1962
- A Bolsa e a Vida, crônicas e poemas, 1962
- Boitempo, poesia, 1968
- Cadeira de Balanço, crônicas e poemas, 1970

Menino Antigo, poesia, 1973  
As Impurezas do Branco, poesia, 1973  
Discurso da Primavera e Outras Sombras, poesia, 1978  
O Corpo, poesia, 1984  
Amar se Aprende Amando, poesia, 1985  
Elegia a Um Tucano Morto, poesia, 1987.

Drummond de Andrade, maior expoente da Literatura brasileira, sem dúvida, mesmo sendo alvo da crítica de Nevinha Pinheiro, tornou-se um grande amigo dela.

As incorrespondências que ora remontamos são provenientes do acervo da família Pinheiro.

As Incorrespondências datam de 1975 a 1987 e estão recheadas de diversos diálogos sobre assuntos que vão desde o Carnaval, quando Drummond foi tema da Escola de Samba de "Mangueira", a partir da pesquisa feita por Nevinha Pinheiro, até conversas que versam sobre lançamentos de livros, sobre a doença de sua filha, sobre sua desilusão com o mundo, sua desilusão com a escrita, com a política, sobre a vida de forma geral até chegar à sua doença.

## **Atalho Literário 2**

Maria das Neves Pinheiro, Nevinha Pinheiro, (1935-1996) paraibana de Serra Redonda, a nosso ver, foi e é ainda, um dos grandes nomes da produção jornalística e literária brasileira. Toda sua produção mira não apenas o jornalismo como um suporte cultural para seus largos passos em grandes entrevistas, mas, sobretudo, busca ser uma fonte para olhares aguçados em relação às Literaturas nacional e internacional.

Portanto, Nevinha Pinheiro dedicou-se a escrever inúmeras resenhas e críticas sobre grandes nomes da Literatura mundial em suplementos literários de grande circulação nacional.

Abaixo listamos “algumas” de suas publicações, e esse termo, “algumas”, serve como uma espécie de fresta que pode ser um convite para que nosso leitor possa dar o devido valor de busca e pesquisa à nossa grande romancista paraibana.

Claro que qualquer pesquisa sempre abre um leque para tantas outras pesquisas, e é nisso que consiste nossa investigação: instigar o leitor que ora nos vê, embora não entenda como olhamos para ele, a olhar para Nevinha Pinheiro como um dos nossos grandes patrimônios culturais:

- Suplemento de MINAS GERAIS (Belo Horizonte)

**ÍDOLO DE PEDRA** – conto – junho de 1972;

TRIBUNA DA IMPRENSA (Rio de Janeiro)

**CORDEIRO** (conto) – agosto de 1972;

- TRIBUNA DA IMPRENSA (Rio de Janeiro)

**A PERMANÊNCIA DE UMA SALA** (conto) – outubro de 1972;

- TRIBUNA DA IMPRENSA (Rio de Janeiro)

**IMAGENS DO MAR** (conto em prosa ritmada) – outubro de 1972;

- TRIBUNA DA IMPRENSA (Rio de Janeiro)

**LIBERTAÇÃO** (conto) – dezembro de 1972;

- TRIBUNA DA IMPRENSA (Rio de Janeiro)

**CASTRAÇÃO: UM CONTO AUTO DE NATAL** – dezembro de 1972;

- TRIBUNA DA IMPRENSA (Rio de Janeiro) - dezembro de 1972;

**ENCONTRO** (conto) – fevereiro de 1973;

- TRIBUNA DA IMPRENSA (Rio de Janeiro)

**TEM VAGA PRA POETA** (crônica) – fevereiro de 1973;

- TRIBUNA DA IMPRENSA (Rio de Janeiro)

**ÉRICO VERÍSSIMO COMPLETOU 40 ANOS DE ATIVIDADE LITERÁRIA: PARABÉNS A ELE OU A NÓS BRASILEIROS?** (artigo) – abril de 1973;

- TRIBUNA DA IMPRENSA (Rio de Janeiro)

**SIMBIOSE** (conto) – maio de 1973;

- TRIBUNA DA IMPRENSA (Rio de Janeiro)

**A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO: O ARCO IRIS DE VIDAS SECAS** (análise literária do romance VIDAS SECAS de Graciliano Ramos) – junho de 1973;

- TRIBUNA DA IMPRENSA (Rio de Janeiro)

**ENTIDADES FANTÁSTICAS QUE POVOAM O REINO MÁGICO DE ARIANO SUASSUNA** (análise do romance a PEDRA DO REINO de ARIANO SUASSUNA) – agosto de 1973;

- Suplemento De CULTURA DIADORIM (Divinópolis, Minas Gerais)

**TEM VAGA PRA POETA** (conto) – novembro de 1973;

- Suplemento De CULTURA DIADORIM (Divinópolis, Minas Gerais)

**IMUTABILIDADE** (conto) – março de 1973;

- Suplemento De CULTURA DIADORIM (Divinópolis, Minas Gerais)

**NO MARACANÃ** (crônica) - julho de 1973;

- Suplemento De Natal A SEMANA (Minas Gerais)

**NATAL** (crônica) – dezembro de 1973;

- Suplemento CULTURAL LITERARTE (Minas Gerais)

**COMADRE VIDA** (crônica) – fevereiro de 1973;

- Suplemento CULTURAL LITERARTE (Minas Gerais)

**O OBELISCO** (conto) – abril de 1973;

- Suplemento CULTURAL LITERARTE (Minas Gerais)

**VIAGEM DENTRO DA VIAGEM** (conto) – junho de 1973;

- TRIBUNA DA BAHIA (Salvador)

**A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO: O ARCO-IRIS DE VIDAS SECAS**  
- (análise do romance de GRACILIANO RAMOS);

- TRIBUNA DA BAHIA (Salvador)

**UM CONTISTA FANTÁSTICO EM MINAS GERAIS** (análise do livro de contos A CABEÇA DE OURO DO PROFETA de Lázaro Barreto) – julho de 1973;

- TRIBUNA DA BAHIA (Salvador)

**UM HOMEM-OBJETO EM NECROLÓGIO** - (análise do conto ARQUIVO de Vitor Giudice) – setembro de 1973;

- Coluna Literária de do DIÁRIO DE CUIABÁ (Cuiabá)

**UM HOMEM-OBJETO EM NECROLÓGIO** - (análise do conto ARQUIVO de Vitor Giudice) – fevereiro de 1974;

- Coluna Literária do DIÁRIO DE CUIABÁ (Cuiabá)

**ÉRICO VERÍSSIMO EM NOVO RITMO** (comentário do livro autobiográfico de ERICO VERÍSSIMO – Solo de Clarineta) – janeiro de 1974;

- Coluna Literária do DIÁRIO DE CUIABÁ (Cuiabá)

**PROCESSO DE AUTODESTRUIÇÃO ATRAVÉS DO MEDO** (análise do romance de José J. Veiga A HORA DOS RUMINANTES) – fevereiro de 1974;

- Coluna Literária do DIÁRIO DE GOIÂNIA

**UM CONTO DO BEM E DO MAL – PAULINHO PERNA TORTA**, do livro de JOÃO ANTONIO Leão de Chácara, análise – agosto de 1976;

- Revista FICÇÃO (Rio)

**MEU/NOSSO ENCONTRO SINGULAR** (conto) – 1976;

- Revista INÉDITOS (Belo Horizonte)
- ÍDOLO DE PEDRA (conto) – 1976;
- Revista o TEOSOFISTA (Rio de Janeiro)

**DÁ LICENÇA, NATUREZA?** – (crônica poética) – 1976;

- Livro de CABICEIRA DA MULHER (Editora Civilização Brasileira, Rio)

**FALA, MULHER BRASILEIRA** (Entrevista sobre o papel da mulher);

- Livro de CABICEIRA DA MULHER (Editora Civilização Brasileira, Rio)

**RELIGIOSIDADE E MISTICISMO** (entrevista com expoentes de religiões sobre misticismo, inclusive ALCEU AMOROSO LIMA E MURILLO NUNES DE AZEVEDO);

- ZARTES – jornalzinho de Arte (Rio de Janeiro)
- Entrevista com JOSÉ J. VEIGA: “eu só falo de coisas que existem” – 1976;
- O LIVRO – JORNAL DO BRASIL (Rio de Janeiro)
- Um político Entre o Desabafo e a Literatura (resenha do livro O JULGAMENTO , de Divaldo Suruagy) – 31-10-1976;

- O LIVRO – JORNAL DO BRASIL (Rio de Janeiro)

**A navegação do West em Busca de Novos Horizontes (resenha do livro de MORRIS WEST, O Navegante)** – 20-11-1976;

- O LIVRO – JORNAL DO BRASIL (Rio de Janeiro)

**Conserve seu sonho** (resenha do livro **A vida é assim** de Hélio Tys) – 26-12-1976;

- O LIVRO – JORNAL DO BRASIL (Rio de Janeiro)

**Ideia fixa** - (resenha dos livros: **Antoninho Fincapé e seu Defunto** (e) **Testamento de Jônatas Deixado a David** (livros de Rogério C. de Cerqueira Leite e João Silvério Trevisan, respectivamente) – 20-02-1977.

- O LIVRO – JORNAL DO BRASIL (Rio de Janeiro)

**Fantasia Populares** (resenha dos livros: **Estórias da Boca da Noite** de Altimar Pimentel e a **Noiva do Tempo** de Florival Seraine – 21-02-1977;

- O LIVRO – JORNAL DO BRASIL (Rio de Janeiro)

**ROMANTISMO E REALIDADE** (resenha do livro **Canaã**, de Graça Aranha) – 03-04-1977;

- O LIVRO – JORNAL DO BRASIL (Rio de Janeiro)

**A Força da Resistência** (resenha do livro **Inês Vai Morrer**, de Renata Vigonô) – 18-06-1977;

- CADERNO "B" – JORNAL DO BRASIL (Rio de Janeiro)

**CLARICE PELA ÚLTIMA VEZ** (última entrevista com CLARICE LISPECTOR – 15-12-1977;

- REVISTA PAIS & FILHOS (Rio de Janeiro)

**DA CRIANÇA DEPENDE O MUNDO DE AMANHÃ** (1977);

- REVISTA PAIS & FILHOS (Rio de Janeiro)

**O MEDO NA CRIANÇA** (1977);

- Jornal O MOMENTO (João Pessoa-PB)

**CONTATOS IMEDIATOS ENTRE SERRA REDONDA E RIO/SÃO PAULO** (matéria baseada em notícia saída no Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO – 1979;

- Suplemento literário de MINAS GERAIS (Belo Horizonte)

**UM CONTO DO MAL E DO BEM:** Paulinho Perna Torta de João Antônio (análise do conto Paulinho Perna Torta, do livro Leão de Chácara – dezembro de 1981 – página inteira;

- Suplemento literário de MINAS GERAIS (Belo Horizonte)

**PUREZINHA, MULHER DE MONTEIRO LOBATO** (artigo sobre a visão que tinha LOBATO da mulher – julho de 1982 – página inteira;

- Suplemento literário de MINAS GERAIS (Belo Horizonte)

**DOU-TE UM COMETA, VAI** (análise de uma crônica de Carlos D. de Andrade com o mesmo título - fevereiro de 1983;

- Suplemento literário de MINAS GERAIS (Belo Horizonte)

**O ENIGMA NA POÉTICA DRUMMONDIANA** (análise esotérica da poesia de CDA) julho de 1984 – página inteira;

- Suplemento literário de MINAS GERAIS (Belo Horizonte)

**ITINERÁRIO DA MORTE NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA** – 23-3-1985 – página inteira;

- Suplemento literário de MINAS GERAIS (Belo Horizonte)
- JOSÉ J. VEIGA: REALIDADE OU FANTASIA (uma homenagem aos seus 70 anos - 1-6-1985 – página inteira;
- Suplemento literário de MINAS GERAIS (Belo Horizonte)

**LUIS DA CÂMARA CASCUDO: BOM HUMOR E ERUDÇÃO** (artigo sobre o escritor norte-riograndense) – 23-8-1986 – página inteira;

- Suplemento literário de MINAS GERAIS (Belo Horizonte)

**O REINO DAS PALAVRAS** (artigo sobre o tema-enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira para o Carnaval de 1987) – página inteira;

- LOGOS – Revista do Centro Teosófico de Pesquisas

**PROVÁVEL ENTREVISTA COM MONTEIRO LOBATO** (em 1983);

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**AS PALAVRAS TRITURADAS DE DRUMMOND** (análise do livro CORPO, de CDA) – 31 de janeiro de 1985;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**O TEMPO NA POESIA DE RUY ESPINHEIRA FILHO** (análise do livro MORTE SECRETA de RE) – 7-3-1985;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**THOMAS MAN: AS FORÇAS DIABÓLICAS** (análise do livro doutor FAUSTO de TM) – 7-3-1985;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**AS HISTÓRIAS DO MEDO ARMADO** (análise do livro UMA VARANDA SOBRE O SILÊNCIO de Josué Montello – 21-3-1985;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**O CINQUENTENÁRIO DE OS RATOS** (análise do livro de Dyonélio Machado OS RATOS) – 11-4-1985;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**O AMOR SEGUNDO DRUMMOND** (entrevista sobre o amor com Carlos Drummond de Andrade)

**GUIA PARA AMANTES ENTRAREM NUM MUNDO DE SONHOS**

(análise do livro de CDA Amar se aprende amando) – 25-4-1985;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**VIVA O POVO BRASILEIRO, UM DEBOCHE, UM GRITO DE AMOR**

(análise do livro de João Ubaldo Ribeiro) – 2-5-85;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**MÃE** (artigo em homenagem ao Dia das Mães através da visão de 18 poetas brasileiros) – 9-5-1985;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**JOSÉ J. VEIGA: PENSEM NOS QUE MORRERAM NO CORPO OU ESPÍRITO** (Entrevista com José J. Veiga) 30-5-85;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**DIAS DE LUTA** (análise do romance Joel Silveira) – 18-7-1985;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**O PROCESSO DE CONHECIMENTO SEGUNDO CARLOS CASTANEDA** – 25-7-1985;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**JOSUÉ MONTELLO: NOVAS LEMBRANÇAS DO MARANHÃO** – 8-8-1985;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**O FIM DO MUNDO: A Visão Pessimista de um ex-cientista da NASA** – 22-8-1985;

- JORNAL O PAÍS – Nas bancas (Rio de Janeiro)

**ANDRÉ GIDE APRESENTA ISABELLE** – 5-8-85;

- LIVRO

**A CRUCIFICAÇÃO DO DIABO** – Ed. Moderna – 1978.

Enfim, poderíamos continuar listando as produções de Nevinha Pinheiro que como criativa, autêntica e atuante jornalista, escritora e crítica literária produziu até seu último suspiro de vida, mas deixamos aqui essa fresta como que convidando nosso leitor curioso a olhar mais profundamente para dentro, quer de soslaio, quer de canto de olho, para que possa procurá-la e encontrá-la de acordo com seu próprio fôlego, sua própria competência ou incompetência como intérprete, conforme sua força física, espiritual e intelectual.

Nevinha Pinheiro também foi citada em várias pesquisas acadêmicas, em vários artigos que versaram sobre Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira entre outros vultos da Literatura brasileira aos quais se dedicou a estudá-los e a esmiuçá-los em suas incontáveis análises.

### **Cronograma das Correspondências**

1. Rio, 21 de abril de 1975;
2. Rio, 1 de fevereiro de 1978;
3. Rio, 27 de setembro de 1978;
4. Rio, 17 de fevereiro de 1981;
5. Rio, 30 de novembro de 1982;
6. Rio, 2 de março de 1983;
7. 26.III.1984;
8. Rio, 17 de maio de 1984;
9. Rio, 16 de agosto de 1984;
10. Rio, 3 de fevereiro de 1985;
11. Rio, 5 de março de 1985;

12. Rio, 3 de maio de 1985;
13. Rio, 18 de maio de 1985;
14. Rio, 9 de junho de 1985;
15. Rio, 4 de janeiro de 1986;
16. Rio, 22 de março de 1986;
17. Rio, 29.iv.1986;
18. Rio, 5 de maio de 1986;
19. 8 de junho de 1986;
20. Rio, 10 de junho, 1986;
21. Rio, 8 de julho de 1986;
22. Rio, 22 de outubro de 1986;
23. Rio, 14 de dezembro de 1986;
24. Rio, 2 de fevereiro de 1987;
25. Rio, 5 de abril de 1987;
26. Rio, 19 de junho de 1987.

## Interpretações

Os conceitos de interpretação, de perspectiva, de avaliação, de diferença e todos os motivos "empiristas" ou não-filosóficos que, no decorrer de toda a história do ocidente, não cessaram de atormentar a filosofia e só tiveram a fraqueza, aliás inelutável, de produzirem-se no campo filosófico... (DERRIDA, 1973, p.22).

As Interpretações são caminhos pessoais que num certo ponto se tornam vias públicas porque promovem uma abertura para que se pense, sobretudo, na forma de cada um olhar cada coisa do mundo literário.

São as Interpretações em suas vertentes mais radicais ou libertárias que abrem as tantas janelas da obra de arte para o mundo ver. É a partir de cada Interpretação que a obra vai fomentando sua existência porque são os tantos sentidos dados, no sistema de Interpretação, que farão com que haja mais aproximações ou distanciamentos do público com uma determinada obra de arte.

A Interpretação também pode ser considerada um caminho perigoso para o entendimento tendencioso do ponto de vista político ou artístico ou para desviar o valor da importância da obra.

Uma Interpretação infundada, descabida, deturpada ou superficial pode afastar e/ou aproximar uma obra do público em geral. Embora, entendamos que sejam estas Interpretações infundadas, deturpadas, descabidas ou superficiais os motes maiores para a instalação de tantas inquietações em torno de uma produção artística mirada por inúmeros intérpretes.

Portanto, a Interpretação pode ser considerada um momento específico, particular do modo de alguém olhar algo. É um momento que a depender de sua impertinência pode indicar um caminho mais

longo ou falso. Portanto, uma Interpretação pode encurtar ou alongar os passos ou até mesmo desviar a conduta do leitor em relação ao que ele observa na obra.

As Interpretações são janelas particulares que dão sentido ao mundo com uma mira privada, individual, mas que se tornam vias públicas porque trazem mais do que um olhar pessoal ou uma maneira peculiar de entender as coisas e repassá-las, trazem uma lição de como observar as coisas e falar sobre elas com pertinência.

As Interpretações, aceitáveis ou não, contundentes ou não, de alto nível de agregação teórica ou não, ou simplesmente uma Interpretação empírica, sem dados científicos, são as marcas mais fortes da crítica como um todo, é a partir do que Interpreta a crítica que passamos a ver a obra e o autor, é a partir do que dita a crítica em sua Interpretação que passamos a ter um outro olhar sobre a obra de arte para aceitá-la ou negá-la.

A Interpretação pode se propagar em seu mais alto nível, mas será algo sempre muito pessoal que perpassa-se para influenciar outros olhares que entre uma Interpretação e outra, podem medir o grau de conhecimento que cada interpretante detém sobre o que fala.

Por isso Didi-Huberman (1998) diante do processo de Interpretação nos coloca que é preciso que entendamos que tudo o que "Vemos não nos olha como o vemos...". Ou seja, há um fluxo de uma correnteza de "ondas" Interpretativas que se batem umas contra as outras no olhar que olha e que é olhado pelo que olha. Este autor (1998, p.29) nos alerta que "O que vemos só vale – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha".

A Interpretação é este vulto volumoso, gorduroso, cheio de recheios de experiências pessoais. Ela é transbordante de falhas e acertos e tem movimentos extremamente perigosos no vai e vem dos tantos sentidos que cada obra encena.

Para Didi-Huberman (1998, p.178) "As obras inventam formas novas; para responder a elas – e se a interpretação quer de fato se mover no elemento do *responso*, da pergunta devolvida, e não no da tomada de posse, isto é, do poder –, que há de mais elegante, que há de mais rigoroso que o discurso Interpretativo inventar por sua vez novas formas...".

Esta capacidade de olhar e Interpretar, mesmo que precariamente, o que também nos olha, vai além e se propaga como algo salutar para a comunicação humana. A Interpretação das coisas que estão postas no mundo literário move sentidos múltiplos e infinitos que nos põem numa dança de acasalamento que une informação e comunicação humana.

Para Didi-Huberman (1998, p.118) "a obra é um cristal, mas todo cristal se move sob o olhar que ele suscita. Ora, esse movimento não é outro senão o de uma cisão sempre reconduzida, a dança do cristal em que cada faceta, inelutavelmente, contrasta com a outra".

No sistema de aprendizagem da leitura, o maior problema reside na capacidade de cada um, que aprende a ler, saber Interpretar e isto tem sido um dos entraves para que a educação avance numa direção menos caótica e menos problemática no processo de formação de leitores.

Já se tem, estatisticamente falando, dados científicos que comprovam que a maior parte dos leitores brasileiros quando acaba de ler um determinado texto já esqueceu de parte do que leu e este esquecimento, este apagamento abrupto, momentâneo, obviamente, afeta o nível de Interpretação de cada leitor. Este apagamento prejudica e entrava uma Interpretação contundente, coerente, sábia e pertinente.

Interpretar é expor a si mesmo e aos outros com os quais cada interpretante se alinhou para construir determinada Interpretação, é expor ideias que dirão onde cada intérprete é contundente ou não.

A Interpretação da Interpretação, por sua vez, deflagra uma abertura para que se saiba o que pensa o outro e em que nível pensa este outro sobre aquilo que Interpreta.

Cada Interpretação é um mundo de muitas dicas para se adentrar de forma pertinente no entorno de uma obra de arte. Em qualquer linguagem artística, há sempre uma cobrança para que haja Interpretações e são estas Interpretações que farão a diferença e permitirão que outros sentidos venham à tona.

Assim, Interpretar pode também significar "determinar com certeza o sentido de um texto" ou até mesmo pode ser entendida como uma tentativa de explicar o sentido de algo obscuro. Embora esta certeza seja sempre contestada ou aceita, mas não deixa de ser um caminho por onde o leitor passará conferindo a pertinência e a competência de quem Interpreta.

21/ABRIL/1975

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio, 21 de abril de 1975.

Nevinha Pinheiro:

Grato por sua carta gentil e imaginosa, ditada por uma simpatia intelectual que me desvanece. Sobre as razões que atribui ao meu gesto haveria muito que conversar. Na realidade, agi tendo em vista a liberdade de expressão e de criação intelectual. Apenas. O abraço cordial de

*Carlos Drummond de Andrade*

Ps. O encontro pessoal fica para próxima oportunidade, que marcarei com prazer CDA

*Rio, 21 de abril de 1975*

*Nevinha Pinheiro:*

*Grato por sua carta gentil e imaginosa, ditada por uma simpatia intelectual que me desvanece. Sobre as razões que atribui ao meu gesto haveria muito que conversar. Na realidade, agi tendo em vista a liberdade de expressão e de criação intelectual. Apenas. O abraço cordial de*

*Carlos Drummond de Andrade*

*Ps. O encontro pessoal fica para próxima oportunidade, que marcarei com prazer*

*CDA*

*"O encontro pessoal, fica para próxima  
oportunidade, que marcarei com prazer"*

Nesta pequena carta, Drummond como poeta e crítico que era sobre si, sobre os outros e sobre as coisas do mundo, parece não ter correspondido a tempo, a uma correspondência que Nevinha Pinheiro lhe enviara. E estes constantes esforços de movimentos correspondidos ou incorrespondidos, por vezes, "discretos" e "dispersos", são "quase imperceptíveis: isto se deve ao seu sentido e à natureza do meio em que produzem sua operação" (DERRIDA, 1973, p.5).

Estes rastros de Nevinha Pinheiro, as vezes imperceptíveis, mas tão presentes na incorrespondência de Drummond, obviamente, podem ser demarcados e identificados em algumas respostas do poeta que sempre deixava explícita nas entrelinhas de suas incorrespondências, uma ou outra abordagem cuja temática fora suscitada por Nevinha Pinheiro.

A operação comunicativa com a escrita, delineou, valorizou e propiciou este encontro fundado pelas leituras de vários poemas de Drummond, aos quais Nevinha Pinheiro dedicava parte de seu tempo para analisá-los e, posteriormente, publicar estas análises que se constituíram como uma ponte que ligou um ao outro.

Nossa leitura das incorrespondências de Drummond permeia a Semiótica do que foi escrito pelo poeta, para em seguida, inferirmos sobre os temas e o nível do que foi abordado pela jornalista na correspondência enviada ao poeta.

Para Watzlawick (2005, p.45) "Palavras ou silêncios, tudo possui um valor de mensagem; influenciam outros e estes outros, por sua vez, portanto, estão comunicando".

Pondera o mesmo autor (2005, p.41) "Esta abordagem constitui, pois, uma exploração que visa mais a busca de um padrão 'aqui e agora' do que de um significado simbólico". Ou seja, embora haja sempre uma inclinação e uma curiosidade para buscarmos entender o que po-

deria Nevinha Pinheiro ter escrito na carta enviada para Drummond no passado remoto, mas aqui o que importa é o presente exprimido pelo poeta que pode falar apenas daquele presente, mas que deixa escapar rastros do conteúdo das correspondências escritas por Nevinha Pinheiro.

Não dispomos de nenhuma análise do texto escrito por Nevinha Pinheiro para Drummond analisando esta incorrespondência, o que ocasionou a presente análise a partir de recortes solitários ausentes-presentes, mas não díspares nos fractais desta comunicação onde um sempre interage com o outro com base numa comunicação recebida.

Portanto, "vistas a esta luz, as causas possíveis ou hipotéticas do comportamento assumem uma importância secundária, mas o efeito do comportamento surge como um critério de significação primordial na interação de indivíduos intimamente relacionados" (WATZLAWICK, 2005, p.41).

Entenda-se este "intimamente" como algo não intimista, como algo extremamente respeitoso entre Drummond e Nevinha Pinheiro e que diz respeito apenas à comunicação entre ambos. Portanto, é o efeito do que disse Nevinha a Drummond em sua correspondência, o provocador maior do comportamento de Drummond em sua escrita e que nos faz inferir sobre o possível conteúdo das cartas e cartões enviados por Nevinha Pinheiro.

Neste sentido, este diálogo marcado pela presença de um com a ausência-presença do outro, sugere a construção de um debate permeado pelo significativo do significativo o que "descreve um certo movimento da linguagem" (DERRIDA, 1973, p.8).

Este "movimento da linguagem" se caracteriza pela operação que está configurada na comunicação estabelecida entre ambos. Foram as idas e vindas das correspondências escritas que nortearam esta amizade demarcada apenas pelo registro exclusivo do que foi escrito por Drummond.

A escrita, ora pelo viés do manuscrito, ora pelo viés da datilografia, foi sem dúvida, o suporte que, a princípio, serviu de porta de entrada para o debate que se estabeleceu por anos entre ambos.

A escrita nesta relação se “revela ser a organização sutil e sofisticada de uma troca de reciprocidades entre presença e ausência”, isto no sentido de que em alguns momentos havia sempre o pedido de desculpas do poeta por não ter respondido a tempo, a uma ou outra correspondência incorrespondida de sua parte.

A confirmação ou mesmo a insinuação do que poderia ter sido escrito por Nevinha Pinheiro, na correspondência em foco, surge sutilmente nas respostas e nas abordagens do poeta quando se refere à carta de Nevinha como “gentil” e “imaginosa”, “ditada por uma simpatia intelectual que me desvanece”.

Aliás, “gentileza” e “agradecimentos” foram os termos motores mais predominantes e que movimentaram e deram velocidade e força à relação literária entre Nevinha Pinheiro e Drummond de Andrade.

Demonstra-se esta “intimidade” literária na corroboração de que não havia contato físico entre Drummond e Nevinha Pinheiro. Esta assertiva do contato físico que não houve é comprovada na fala do próprio poeta que pondera: “O encontro pessoal, fica para próxima oportunidade, que marcarei com prazer”.

Contato este que era intermediado, exclusivamente, apenas pelo ato de escrever, através dos manuscritos, da máquina de escrever, máquina datilográfica consagrada à época como um “instrumento mecânico”, eletromecânico ou eletrônico.

Pode-se demarcar o surgimento deste instrumento fantástico, desta grande invenção, na segunda metade do século XIX e que revolucionou a sociedade e todos os segmentos ligados à escrita que até

então era feita de forma manual. Esta invenção contribuiu para um grande impulso, um grande passo na comunicação da época.

Datilografia, palavra de origem grega "dactilo" = "dedo" e "grafia", escrita, ou seja a ciência e a arte de digitar textos com dedos através de um teclado.

Entendemos que tanto o poeta quanto a jornalista estavam antenados com a tecnologia de suas épocas ao fazerem uso deste meio de comunicação que mantinha viva a escrita. A escrita, era a atividade em que ambos estavam mais orgulhados em suas vidas e era, precisamente, o recurso mais importante para diminuir a distância física entre ambos.

Essa correspondência se efetivava a partir das cartas que ambos escreviam um para o outro para tratarem de suas próprias escritas, o que, a nosso ver, acabou por instituir uma distância que ao mesmo tempo aproximava ambos para mais perto de suas obras, uma vez que suas conversas estavam fundamentadas em leituras que ambos faziam de suas produções escritas.

Por isso, nessa carta, Drummond regojizado com a escrita de Nevinha Pinheiro, explicita a sua admiração literária pela jornalista. Esta admiração vem confirmada na fala do poeta quando pondera que a correspondência de Nevinha Pinheiro foi "ditada por uma simpatia intelectual" que o desvanecia.

Para demonstrar que esta relação fugia completamente de uma provável submissão da crítica literária, Nevinha Pinheiro ao poeta mineiro, basta a comprovação presente na própria incorrespondência de Drummond de que ela adentrava o universo mais particular do poeta através desta "simpatia intelectual" medida pela revelação do próprio "desvanecimento" do poeta.

Este "desvanecer-se" pontua uma espécie de sensação de satisfação e de prazer do poeta, o que nos faz compreender de forma mais

profunda a significância de Nevinha Pinheiro nesta relação de amizade tão bela, tão respeitosa.

Assim, neste sentido, "um outro axioma foi insinuado acima, quando sugerimos que qualquer comunicação implica um cometimento, um compromisso; e por conseguinte define a relação" (WATZLAWICK, 2005, p.47). Claro que o que analisamos aqui não pode ser tratado como "qualquer comunicação" entre qualquer pessoa. Comprova-se isto quando o poeta procura se defender de uma provável crítica pessoal que Nevinha fizera a um determinado gesto seu e que conseqüentemente foi motivo de muita discussão e preocupação por parte do poeta.

Assim Drummond se expressa: "Sobre as razões que atribui ao meu gesto haveria muito que conversar". O que nos dá a entender que as conversas entre ambos não findavam porque sempre "haveria muito que conversar" e giravam em torno de muitas vertentes. Isso se justifica quando o poeta diz que agira "apenas" por ter "em vista a liberdade de expressão e de criação intelectual...".

A defesa do poeta no tocante à "liberdade de expressão" veicula em sua instância mais íntima, um certo desconforto que instituiu uma provável crise momentânea entre a escritora e o poeta em relação a algo que não agradara a Nevinha e que fora contestado por ela numa correspondência enviada a Drummond.

Assim, um

aspecto relacional de uma comunicação, sendo uma comunicação sobre uma comunicação, é idêntico, naturalmente, ao conceito de metacomunicação. A capacidade de metacomunicar adequadamente e não só a condição sine qua non da comunicação bem sucedida mas está intimamente ligada ao grande problema da consciência do eu e dos outros (WATZLAWICK, 2005, p.49).

Rio, 1.2.78.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio, 1.2.78.

Cara Nevinha:

Adorei os contos e acho que o seu livro  
será muito gostoso de ler. Apresenta-se, entretanto,  
um pouco cheio de alucinações. Eu assumiria um  
ar de autoridade no fórum, por não sou, além  
disso, nenhuma opinador e' por a obra literária  
se sustenta por si mesma, sem qualquer alheio.  
Você tem talento, e basta. Uma bonita edição,

bem distribuída, e sobretudo uma o livro pagar.  
Não há nenhuma crítica do que o leitor. Ele pega  
da obra, lê, julga, e se gostar, vai espalhando  
aos quatro ventos o seu entusiasmo.

O abraço cariúba e os melhores votos  
do

Carlos Drummond de Andrade

1-2-78

*Cara Nevinha:*

*Adorei as cartas e acho que o seu livro será muito gostoso de ler. Apresentação, entretanto, não tenho jeito de alinhar. Eu assumiria um ar de autoridade no gênero, que não sou. Além disso, minha opinião é que a obra literária se sustenta por si mesma, sem andaimes alheios, você tem talento, e basta. Uma bonita edição, bem distribuída, é o bastante para o livro pegar, não há melhor crítico do que o leitor. Ele pega da obra, lê, julga, e se gostar, vai espalhando pelos quatro ventos o seu entusiasmo.*

*O abraço carinhoso e os melhores votos*

*do*

*Carlos Drummond de Andrade.*

**"Adorei as cartas e acho que o seu livro  
será muito gostoso de ler"**

Mais uma vez, o poeta confirma os constantes elogios e críticas, que são prementes em relação à escrita de Nevinha Pinheiro, quando revela "adorei as cartas". A expressão "As cartas" revela que foram muitas cartas enviadas por Nevinha Pinheiro. A partir da diferença de meses entre a última incorrespondência do poeta e esta, mais precisamente, foram sete meses, uma data de fevereiro e a outra de setembro. O que revela que, as vezes, a resposta do poeta demorava meses, enquanto Nevinha enviava outras correspondências. Daí a prova na confissão de Drummond "adorei as cartas".

Isto corrobora, ainda mais, com a semiose de uma insinuação latente nas entrelinhas da carta de Drummond que revela o que foi escrito por Nevinha Pinheiro. Assim o poeta define seu gosto pelas cartas da jornalista estabelecendo uma espécie de elo tardio entre a incorrespondência enviada e a correspondência recebida há meses.

Isto demarca e identifica o que designamos como "incorespondência". É neste sentido que recorreremos a Justino (2014, p.62) para entendermos que "toda relação humana é mediada por processos semióticos de vários sistemas concorrentes e parceiros".

Desse modo, "A comunicação afeta o comportamento e este é o seu aspecto pragmático". Isto é, a comunicação entre ambos é interdita, às vezes, pela distância na interlocução e pela falta de tempo para a efetivação, a tempo, da correspondência recebida/enviada.

Assim, temos aqui uma preocupação pertinente que vem corroborar com a afirmação de Quiroga (2013, p.55) que pondera: "Temos que conceber a problemática do tempo a partir da inclusão do presente naquilo que se põe a pensar, em que o próprio presente aparece como 'acontecimento filosófico que fala'", aqui, preferimos trocar

o termo "filosófico" pelo termo "poético", ou seja, como acontecimento poético que fala.

Esta incorrespondência acaba por afetar um dos interlocutores, o que finda por provocar "efeitos comportamentais" pela não correspondência, a tempo, da correspondência necessária. E isto pode ser medido ou sentido a partir do "efeito de um item de comunicação sobre o receptor...no efeito da reação do receptor sobre o emissor" conforme pondera Watzlawick (2005, p.19).

Na carta em discussão, Drummond se refere ao livro de Nevinha Pinheiro, o que confirma que a autora tenha mostrado o livro "A Crucificação do Diabo" ao poeta, sobre o qual ele mesmo teceu elogios ao dizer "Acho que o seu livro será muito gostoso de ler".

A presença marcante do termo "Acho" pode dá a entender, inicialmente, que, provavelmente, o livro não chegara às suas mãos a tempo porque o poeta, superficialmente, deixa explícito que não o leu ainda, ao mesmo tempo em que opina sobre o livro dizendo que "Acho" que o referido livro "será muito gostoso de ler". O "Acho" e o "Será" podem ser índices semióticos de sua "inocência" como leitor da obra enviada por Nevinha Pinheiro para sua apreciação e análise, mas também revela seu pouco interesse em opinar sobre a prosa, conforme ele se expressou que assumiria um ar de autoridade na área, sem ser.

O texto de Drummond deixa transparecer que a proposta de Nevinha Pinheiro era ter um prefácio ou uma apresentação sua para a referida obra que foi, posteriormente, publicada pela Editora Moderna no ano de 1978.

Drummond de Andrade assim se refere ao convite de leitura e opiniões sobre o livro que a jornalista lhe enviara para tal missão: "Apresentação, entretanto, não tenho jeito de alinhar. Eu assumiria um ar de autoridade no gênero, que não sou. Além disso, minha

opinião é que a obra literária se sustenta por si mesma, sem andaimes alheios. Você tem talento, e basta uma bonita edição...".

Neste sentido, Justino (2014, p.68) aponta uma vertente que aborda que a "Literatura tem uma logística que lhe é própria e que não poderá funcionar, nem mesmo existir, sem uma série de novos aparatos industriais e científicos, urbanos e políticos, escolares e individualizantes, e que são atemporais ou a-históricos além e acima dos utensílios e de seus humanos".

Vejamos que na discussão em foco, o poeta se posiciona em vários sentidos e aponta para sua incapacidade/incompetência de organizar uma apresentação que, a seu ver, tem um peso excepcional para introduzir uma determinada obra, mas que ele rejeita abruptamente, sem pensar duas vezes.

Portanto, ele acaba por fugir desta responsabilidade ao afirmar que não ousaria assumir este compromisso sem ser da área prosaica. Vejamos como se posiciona o poeta: "Assumiria um ar de autoridade no gênero, que não sou...". Portanto, ele toma partido e assume-se de um gênero diferenciado colocando em debate frente a frente, o histórico embate entre a poesia e a prosa. Contrariando assim a assertiva de Caetano Veloso que pondera de que "a poesia está para a prosa assim como o amor está para a amizade".

Porém, mesmo assim, não deixa de tecer opiniões sobre sua posição em relação à sustentabilidade da obra literária que a seu ver "Se sustenta por si mesma, sem andaimes alheios". A rejeição de Drummond à feitura do referido prefácio ou apresentação do livro de Nevinha Pinheiro, faz com que lembremos a assertiva de Justino (2014, p.68) de que "Literatura e poesia não se confundem enquanto formações discursivas".

Desse modo, o poeta, dá uma pancada sobre a independência da obra e, provavelmente, o impacto do peso desta pancada tenha recaído sobre Nevinha Pinheiro que poderia até estar pensando de que

uma boa apresentação do poeta poderia servir de “andaimes” para que seu livro pudesse subir um pouco acima da subida que começara a traçar e a ensaiar em sua vida literária.

Isto se confirma quando o poeta fala sobre esta liberdade que a obra literária alcança em si mesma, sem precisar de ninguém para alcançar seu patamar máximo de comunicação com o público. É como se o poeta indicasse que é apenas a qualidade da obra este principal andaime, é a qualidade do autor que dará esta liberdade para a obra literária cruzar fronteiras e passar a falar várias línguas.

Acima de tudo não podemos esquecer de que Drummond de Andrade aponta a qualidade necessária, ou seja, o motor de uma produção literária ao sinalizar o “talento” de Nevinha Pinheiro: “Você tem talento”, está aí o sinal verde para Nevinha Pinheiro prosseguir e avançar no seu projeto literário.

E por fim, na mesma linha da busca da independência da obra, talvez, como um bom editor que foi, o poeta apontou como essencial para uma obra ter visibilidade, a questão de uma “bonita edição”.

A seu ver, esta “bonita edição” é fundamental, mas é evidente que é ao leitor, principal alvo de uma produção literária, que ele direciona toda a responsabilidade sobre o livro produzido. Uma vez que este leitor, por outro lado, pode ser apontado conforme Zilberman (1989, p.99), também como “uma figura histórica: seu horizonte, delimitado; impõe restrições à liberdade de criação do escritor”.

Entretanto, o que pode ser considerada uma “bonita edição”, conforme o próprio poeta?

Evidentemente que hoje teríamos outros tantos parâmetros e recursos para que pudéssemos entender o que seria essa “bonita edição” de uma dada obra. Embora tenhamos que considerar e fazermos uma comparação entre o tempo de Drummond e Nevinha com o tempo atual para a produção de uma “bonita edição”.

Para Quiroga (2013, p.67) "sem dúvida nenhuma, hoje, poderíamos dizer: nossa atualidade se diferencia de qualquer outro período em função da consolidação das supostas infinitas possibilidades de comunicar".

A nosso ver, esta "bonita edição" hoje, soaria como uma espécie de adesão do livro a tantos outros suportes que corroboram para uma boa divulgação e uma excelente expansão da comunicação produzida para além da própria língua. Embora entendamos conforme Justino (2014) "que a língua, a religião, os códigos de conduta, as relações cotidianas são compostas de tradições que vêm de tempos e lugares múltiplos".

Esta "bonita edição" colocada pelo poeta, sem dúvidas, implicava numa boa correção, numa boa diagramação, numa ótima disposição de imagens, numa excelente editoração, ou seja, há uma série de coisas outras que favorecem a uma boa apresentação tanto visual, quanto organizacional do livro para que sua chegada até o leitor, até o consumidor, se dê em alto nível, para que, a partir de seus "concomitantes verbais e não-verbais", possa refletir uma bonita imagem do livro enquanto produto de consumo do mercado livresco.

Assim, Drummond finda sua carta dizendo que o leitor será responsável por espalhar de canto a canto a obra se ele gostar. Para Drummond, o leitor é o termômetro da obra, é o principal funil por onde passa a obra literária... "Não há melhor crítico do que o leitor. Ele pega da obra, lê, julga, e se gostar, vai espalhando pelos quatro ventos o seu entusiasmo".

Neste sentido Zilberman (1989, p.21-23) diz que "A obra de arte é um signo, porque a significação é um aspecto fundamental de sua natureza, mas ela só se concretiza quando percebida por uma consciência, a do sujeito estético. O significado da obra depende totalmente dos sentidos que o leitor depositar nela".

27/ SETEMBRO/1978

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio, 27 de setembro, 1978.

Cara Nevinha Pinheiro:

Estou recebendo "A Crucificação do Diabo". Já o título é atraente como o próprio diabo. As primeiras páginas, lidas imediatamente, convidam a penetrar a fundo no romance. O que vai fazer, encantado. Não quero retardar o agradecimento: ele aí vai, num abraço de admiração afetuosa do

Carlos Drummond de Andrade

Rio, 27 de setembro, 1978

Cara Nevinha Pinheiro:

Estou recebendo "A Crucificação do Diabo" Já o título é atraente com o próprio diabo. As primeiras páginas, lidas imediatamente, convidam a penetrar a fundo no romance. O que vai fazer, encantado. Não quero retardar o agradecimento: ele aí vai, num abraço de admiração afetuosa do

Carlos Drummond de Andrade

*"Estou recebendo 'A Crucificação do Diabo',  
já o título é atraente com o próprio diabo"*

Finalmente aqui, o poeta se refere ao romance da escritora Nevinha Pinheiro, lançado no ano de 1978 pela Editora Moderna, "A Crucificação do Diabo".

Ao dar uma olhada no livro, quando chegou às suas mãos, através dos Correios, de imediato, o poeta classificou o livro e o considerou uma obra importante para a Literatura brasileira, o que vem demonstrar o nível intelectual da comunicação entre ambos. Comunicação esta deflagrada pela troca de críticas de um para com a obra do outro.

Contudo, nesta comunicação, para a construção da parceria, "a linguagem escrita fixaria convenções, que ligaria entre si outras convenções". Aqui, particularmente, abrimos um espaço para pensarmos na convenção oral ou na convenção falada a partir dos "telefonemas" entre ambos, cujos diálogos, que foram transpostos para a escrita, pelo manuscrito, serão tratados no segundo capítulo do presente livro.

Embora Derrida (1973, p.13) considere que "a primeira convenção, a que se referiria, imediatamente à ordem da significação natural e universal, produzir-se-ia como linguagem falada" invertamos, propositalmente, a posição da porta de entrada para este debate que seria a fala, o oral, para tratarmos primeiro da convenção da escrita representada e ocasionada pelas presenças de cartas e cartões, para em seguida, revisitarmos a fala como suporte dos "telefonemas" entre ambos, no momento em que o poeta já não desejava utilizar como recurso para sua comunicação com a jornalista, o ato de escrever.

Esta demarcação da convenção da escrita como meio de comunicação, é plausível em toda comunicação traçada entre ambos. Esta

relação de trocar ideias e de mostrar suas produções, reforça a relação de amizade e profissionalismo entre o poeta e a jornalista. Entre os dois prevalecia uma espécie de afeição intelectual “que ao amigo, mais que à amiga, é pedido, recomendado, ordenado, pela leitura, além da leitura...” (DERRIDA, 1995, p.17).

Era como se ambos entendessem que “entre o ser e a alma, as coisas e as afeições, haveria uma relação de tradução ou de significação natural; entre a alma e o logos, uma relação de simbolização convencional” (DERRIDA, 1973, p.13).

Deste modo, entendemos que a amizade traçada entre ambos dilacera uma espécie de semiose que pode até sugerir a indagação derridiana “com que direito encadear esses aforismos, esses fragmentos setenciosos ou esses brilhos poéticos, como se formassem o tecido de um silogismo?” (DERRIDA, 1995, p.18).

Sem dúvida este tecido confeccionado pelo poeta em pequenas cartas, tem o alinhavamento de Nevinha Pinheiro nas correspondências enviadas para ele. Correspondências estas que se deixam explicitar pelos tantos rastros e tantas pistas na resposta escrita por Drummond, o que sempre nos dar a certeza, ora de uma temática, ora de várias temáticas abordadas nessa conversação.

E é isto o que recheia as cartas de Drummond, a presença de Nevinha Pinheiro em tantos rastros deixados por ela. Nas cartas enviadas pelo poeta há sempre um fractal do tema das correspondências enviadas pela paraibana.

A importância da obra de Nevinha Pinheiro foi corroborada pela pesquisadora Istênia Silva Santos do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB que com o trabalho de conclusão de curso cujo título é “A Crucificação do Diabo: A Narrativa de Nevinha Pinheiro em Foco” dilacera um importante olhar sobre o livro de Nevinha Pinheiro.

Esta pesquisa buscou observar a escrita feminina num campo tão restrito à presença da escritora brasileira em nossa Literatura.

Os principais objetivos do trabalho foram: ressaltar e debater a produção de Nevinha Pinheiro em nossos dias e o “esquecimento”, talvez, proposital em torno de sua importante obra que, a nosso ver, vinha passando despercebida no sentido de não ter tido ainda nenhum trabalho acadêmico sobre a escritora e sua referida obra.

O que corrobora com a suspeita da tentativa de apagamento não somente do nome de Nevinha Pinheiro, mas também das produções literárias de escritoras brasileiras “esse pensamento parece estranhamente familiar à experiência daquilo que chamamos a desconstrução” da produção e do nome de determinadas autoras ou das mortes destas autoras onde nada poderia matá-las, há não ser o assassinato do próprio nome ou “da própria morte desse ser que fala e que fala daquilo que leva, interrompe, nega ou aniquila sua fala...” (DERRIDA, 1995, p.21) corroborando com o que Derrida preconiza sobre o apagamento do nome, em seu livro “Salvo o Nome”, no qual discorre que “Todas as místicas apofáticas podem também ser lidas como poderosos discursos sobre a morte, sobre a possibilidade (impossível) da própria morte” do nome.

Provavelmente, de acordo com o que verificamos na obra “A Crucificação do Diabo”, entre outras produções de Nevinha, que o referido livro não tenha sido estudado, lido, comentado, criticado quer positivamente ou negativamente, talvez, por ela não pertencer ao rol de escritores tops famosos que vendiam conforme desejavam as editoras. Também não devemos esquecer que por trás do apagamento ou da tentativa de apagamento de qualquer nome de escritoras, há sempre a presença de uma estratégia machista de excluí-las da *playlist* da produção literária nacional.

A partir do momento em que Drummond faz uma leitura e tece alguns comentários, mesmo que apressados, do livro que Nevinha

lhe mandara para sua análise, comprova-se a grandeza deste encontro a partir das amostragens das obras de um para o outro.

Para Nevinha Pinheiro a entrega do seu livro a Drummond para uma apresentação, vista por outro prisma, poderia ser entendida como a tentativa de um elo fundamental entre a arte de ambos, entre as culturas de ambos, entre os gêneros de ambos, entre a poesia e a prosa.

Era como se ela desejasse ser "Compreendida, portanto, no interior de uma totalidade encoberta num volume ou num livro. A ideia de um livro é a ideia de uma totalidade, finita ou infinita, do significante..." (DERRIDA, 1973, p.21).

Era esta troca de "totalidades" que tornava a comunicação entre ambos, algo inconstante, mas na verdade, duradoura porque se construía a cada passo, a cada batente para que cada um pudesse ver de cima a grandeza da intervenção de cada um na vida um do outro.

Drummond aborda a qualidade do livro de Nevinha ao dizer "Estou recebendo 'A Crucificação do Diabo', já o título é atraente com o próprio diabo. As primeiras páginas lidas imediatamente, convidam a penetrar a fundo no romance".

Este posicionamento do poeta em relação ao livro de Nevinha Pinheiro é fascinante porque explicita sua atenção ao romance da escritora paraibana. Demonstra-se assim que esta comunicação permeava os mais recôntidos interesses artísticos entre ambos. Interesses esses que eram adornados pela leitura crítica que a jornalista e escritora fazia de seus poemas e da leitura que Drummond fazia de suas críticas, tantas vezes, elogiadas e elevadas por ele a um alto nível intelectual. Eis a grandeza de nossa paraibana de Serra Redonda.

Por fim, Drummond se aventura a observar e ressaltar a questão da capa do livro com a presença de uma criança negra, interpreta-a por ele como um diabo, já que ele se refere ao título como sendo

"atraente com o próprio diabo", como se desejasse não penetrar, mas já penetrando e adentrando nas "relações entre imagens e palavras. De modo que o visual seja capaz de transmitir tanta informação quanto lhe é possível". Ou seja, há claramente, uma sugestão de associar a imagem da criança negra moribunda ao diabo.

Isso fica claro, por exemplo, na capa do livro com a presença marcante de uma criança negra cabisbaixa, triste, moribunda, desnuda e cuja imagem cria uma conformação da figura do diabo como um preto, pobre, desprezado, mas que conduz em seu corpo, nos vãos dos pés e das mãos, as marcas do sofrimento de Jesus Cristo. Assim, é neste mote interpretativo que viaja Carlos Drummond ao ponderar: "Já o título é atraente com o próprio diabo...".

Deste modo, as "zonas de transição entre o verbal e as imagens" podem estar dispostas a partir das formas como Nevinha Pinheiro constrói a moldura que encarcera o diabo na imagem de uma criança preta, aparentemente despida e desprezada, o que denota que "tendo este panorama geral em vista, nosso percurso analítico ou metodológico pode dar conta das questões relativas à diferentes naturezas que as mensagens podem ter, (palavra e imagem, por exemplo)" (SANTAELLA, 2005, p.49).

Assim, finalizando a carta, o poeta devolve o agradecimento de Nevinha Pinheiro com as seguintes palavras: "O agradecimento: ele aí vai, num abraço, de admiração afetuosa..."

17/FEVEREIRO/1981

Obrigado, Nevinha, pelas  
doce palavras de sua carta.  
Curo uma leitura criativa  
e sempre valoriza o texto  
da fonte! É assim por essa leitura.

O abraço afetuoso e  
fiado de

Carlos Drummond

Rio, 17.2.81

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

17.2.81

*Obrigado, Nevinha, pelas  
doces palavras de sua carta.  
Como uma leitura criativa  
e generosa valoriza o texto  
da gente! E você fez essa leitura.  
O abraço afetuoso e grato de  
Carlos Drummond*

*Rio, 17.2.81*

**"Obrigado, Nevinha, pelas doces palavras de sua parte.  
Como uma leitura criativa..."**

Mais uma vez o poeta se refere às correspondências de Nevinha Pinheiro como "doces palavras de sua parte", o que dá a entender que Drummond sempre fora grato às leituras críticas de Nevinha à sua produção. E isso se confirma quando o próprio poeta diz que a leitura que Nevinha faz de sua obra é "uma leitura criativa e generosa" "que dá mais fôlego ao texto da gente! E você fez essa leitura".

Vejamus que à sombra do que foi dito pelo poeta, sobre as qualidades da escritora, é que nos tornamos baluartes na defesa do nome de nossa jornalista. Portanto, há uma conexão da potência do devir com a produção literária e jornalística de nossa paraibana de Serra Redonda.

Nesta incorrepondência, em especial, Drummond exalta justamente aquilo que buscamos ressaltar, a qualidade da produção literária de Nevinha. Por isso, deixamos claro nosso objetivo, no presente debate: ressaltar a potência, a força intelectual da escritora, jornalista e crítica literária, Maria das Neves Pinheiro, Nevinha Pinheiro.

Para Bakhtin (1992, p.384) "As palavras se dividem, para cada um de nós, em palavras pessoais e palavras do outro, mas as fronteiras entre essas categorias podem ser flutuantes, sendo nas fronteiras que se trava o duro combate dialógico...".

Desta forma, entendemos que as palavras, frases e as orações escritas por Drummond foram ditas, muitas vezes, para corroborarem com as palavras escritas anteriormente por Nevinha Pinheiro que atua, indiscutivelmente, como este outro que segundo Justino (2014, p.63) é o que "falta, o suplemento *indispensável*, aquele cuja invocação cria em nós uma incompletude ou um impulso semiósico...".

O discurso deste outro está implícito no discurso do poeta, que além de abordar a palavra, com uma certa doçura, acaba por não se fechar num labirinto de sentidos, sobretudo, sugerindo o que Bakhtin denomina de "complexo acontecimento do encontro e da interação com a palavra do outro" que no caso em questão se configura numa leitura de Nevinha a um de seus poemas.

É como se Drummond, nesta breve comunicação, buscasse transformar as palavras de doçuras, segundo ele, de Nevinha Pinheiro, em palavras ainda mais adocicadas, também dela, mas nunca em palavras alheias dela, porque ela sabia como ninguém ler e desler a obra do poeta e foram estes mapas da leitura e da "desleitura" traçados por Nevinha em torno dos poemas de Drummond que indicaram os caminhos das suas análises interpretativas.

Estes "mapas", de leituras e "desleituras", traçados por Nevinha Pinheiro cativaram e aproximaram para sempre o poeta de suas críticas. É o que pondera Harold Blomm (2003) "que não existem textos apenas relações entre os textos. Estas relações dependem de um ato crítico uma desleitura ou desapropriação que um poema exerce sobre outro".

Assim, a incorrespondência de Drummond, nela mesma, demonstra uma espécie de "sentido assimilável a uma resposta", uma vez que "o sentido sempre responde a uma pergunta, o que não responde a nada parece-nos insensato, separa-se do diálogo" Bakhtin (2002, p.386). Diálogo este que está sempre implícito nas cartas escritas por Drummond para Nevinha, o que demarca uma "Distância (exotopia) e respeito" entre ambos que se comunicavam através da escrita sem nunca terem se visto pessoalmente.

É como se o eu de Nevinha, implícito no eu das cartas de Drummond, desejasse celebrar o sentido semiótico se ocupando "principalmente de assegurar a comunicação de uma mensagem já concluída, mediante um código já concluído...".

E segundo Bakhtin (2002, p.388) este "código é o contexto deliberadamente estabelecido, necrosado". Contexto "estabelecido" porque entendemos que o texto ido de Nevinha para Drummond está presente em cada coisa dita pelo poeta que, se não esclareceu o conteúdo das cartas de Nevinha, pelo menos sugeriu que o ato de comunicação na carta acima aponta para interpretações do contexto anterior de Nevinha em sua extensibilidade.

A partir deste posicionamento do poeta, em relação ao texto escrito por Nevinha sobre seu texto, se dilacera um debate sobre a importância de uma crítica literária sensata, pertinente e inteligente. Uma crítica que deve servir, sobretudo, para destacar a importância de uma leitura inteligente e contundente em relação à obra literária:

O texto so vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para a frente, fazendo que o texto participe de um diálogo (BAKHTIN, 2002, p.404).

Deste modo, o papel da crítica transcende os parâmetros de uma crítica destrutiva ou negativa que serve apenas para retirar ou ratificar a importância de uma determinada obra ou abnegar seu valor para a Literatura. O papel da crítica vai além e deve desprender um olhar que busque mais do que encontrar problemas num determinado texto ou contexto.

A nosso ver, da forma como Drummond se expressa, em relação à crítica de Nevinha, está claro que pode até haver uma espécie de parcialidade nesta crítica, o que não descaracteriza o valor de sua leitura crítica. A nosso ver, a parcialidade ou imparcialidade na crítica não desmerece a obra e sua importância na produção literária.

Definitivamente e objetivamente é latente a importância da crítica de Nevinha Pinheiro à obra de Carlos Drummond de Andrade. De certa forma, a breve carta supracitada esclarece sobre a força que

ela possuía como crítica da criação literária de Drummond, o que demonstra que o seu papel, enquanto crítica literária, era ressaltar a importância da obra drummondiana. Neste sentido, é que se pode entender o tamanho da complexidade do interesse de Nevinha Pinheiro pela produção literária do poeta mineiro.

Sabe-se que o papel da crítica tem sido estabelecer uma linha tênue entre o crítico e o autor, entre a qualidade do que se produz, em termos de arte poética, com a personalidade política e científica de um dado escritor.

30/NOVEMBRO/1982

À cara Nevinha,  
num abraço,  
O comovido agradecimento de  
Carlos Drummond de Andrade  
Rio, 30.XI.1982

À cara Nevinha,  
num abraço,

O comovido agradecimento de  
Carlos Drummond de Andrade

Rio, 30.xi.1982

**"O comovido agradecimento de  
Carlos Drummond de Andrade"**

Breve como propõe a poesia, a abjetividade aqui, a escassez, a economia na correspondência com poucos termos, deflagra uma crise inicial, talvez, da necessidade de fundar uma comunicação pautada em poucas palavras escritas. A objetividade é uma das marcas dos poetas que almejam dizer em poucas palavras, tudo sobre todas as coisas do mundo ao dilacerarem a plurisignificação.

Por isso, para Massaud, a poesia (1987, p.85) "se identifica como a tarefa de exprimir os conteúdos do eu-profundo". E é evidente que a tarefa maior deste "eu-profundo" do poeta na incorrespondência em epígrafe, foi gritar alto e em bom tom sua empatia para com Nevinha Pinheiro, expressada em seu "comovido agradecimento". Justino (2014, p.36) ratifica que "na literatura, a poesia entra como tradição próxima a ser incorporada, na outra, a escrita, como errância, como mudança de estatuto e função...".

Poderíamos até inferir, dado o peso tão singular de uma incorrespondência tão breve, que a referida carta pode ser compreendida como uma espécie de poema, ousando dizer conforme Massaud (1987, p.88) que "o poema não é sua apresentação formal, gráfica, é, sim, a soma de signos mediante os quais o poeta procura comunicar-se". Sem dúvida é a soma destes signos que nos reporta a outros significantes que por sua vez reportam às diversas inferências sobre o motivo e o sentido de tamanha comoção a partir de uma "constelação de metáforas".

Se agradecer, já é, em si, uma qualidade inerente de gente de grandeza humana, imagina se comover e se emocionar com algo feito ou escrito por alguém. Certamente, isto ultrapassa os limites da formalidade entre amigos comuns e distantes. Portanto, de alguma forma, a expressão "Comovido agradecimento", superficialmente, poderia soar, ou melhor, ser entendido como uma espécie de redun-

dância que serviu para exprimir e expressar algo mais que um muito obrigado.

Essas palavras, "comoção", "agradecimento", "obrigado" são como tijolos que vão, aos poucos, integrando a construção de inúmeros sentidos presentes na correspondência entre o poeta e a escritora. Estes termos são de usos constantes nas comunicações fundamentadas com respeito e admiração, conforme o próprio poeta exprime em seu "Comovido agradecimento".

A comoção do poeta resvala, provavelmente, em algo grandioso propiciado por Nevinha Pinheiro, mormente presente na via de comunicação que ligava ambos. A "comoção", o "agradecimento", são termos que atuam como imprescindíveis e necessários ao poeta. São termos necessários para fundamentar a poesia que circula em suas veias de homem inquieto e antenado.

As palavras ditas pelos poetas estão recheadas de "comoção" porque eles se comovem com os signos, ora mais simples, ora mais vorazes em seus significados. Isto ocorre devido o poeta, conforme Massaud (1988, p.136), "carregar uma dualidade originária, de modo que já no indivíduo-ser-social-poeta se evidencia uma duplicidade que o processo criativo reproduz...".

Nesta rede de comoções e agradecimentos a Nevinha Pinheiro, alinhavavam-se as leituras críticas aos poemas do poeta, as amostras de livros inéditos ainda no prelo, bem como toda a montagem da obra e da vida drummondiana feita por Nevinha, o que acabou por culminar no desfile da Escola de Samba de "Mangueira", a qual ganhou o Carnaval com a colaboração da pesquisa que a jornalista fizera para ilustrar toda a história do poeta e que seria disposta na via carnavalesca.

Sem dúvida alguma foi esta passagem de Nevinha Pinheiro, pelo Carnaval brasileiro, um marco em sua história de vida, pois, a partir das informações passadas por ela sobre Drummond acarretou-se a

vitória da Escola de Samba que homenageou o poeta nos idos dos anos oitenta.

Também alinhavavam-se a esta amizade, os tantos estudos mostrados sobre Clarice, Manuel Bandeira etc. De certo modo, esta comoção drummondiana é o mote que movimentava a amizade entre ambos. A comoção era algo recíproco entre ambos, era a chama que mantinha acesa o calor da curiosidade.

Entendemos que em quase todas as correspondências, há sempre uma espécie de "incorespondência" das cartas de Drummond para com Nevinha Pinheiro. É como se em cada correspondência ficasse uma fresta para olharmos de diversas formas para o debate como se "algo" estivesse sempre atrasado, como se este "algo" ainda estivesse para ser dito ou mesmo desdito, em tempo muitas vezes, não hábeis.

Aqui, na carta em questão, há uma incorespondência breve e sem muita delonga. É como se o poeta estivesse enjoado de conversas ou demasiadamente apressado para se dedicar a elas. Por isso, esta é uma das cartas mais curtas e breves e sem muitas conversas ou apetites para os usos exagerados ou excessivos de palavras escritas.

Aqui impera o início de uma conversa que será conduzida por uma seara de produções críticas sobre a poesia de Drummond. A partir desta comoção demonstrada, mesmo que de forma apressada pelo poeta, demonstra-se a importância da qualidade crítica e da responsabilidade que a escritora paraibana tinha com a produção de Drummond.

26/MARÇO/1984

A Luís Maurício, infante

... O tempo, que fazes dele? Como adivinhar, Luís Maurício, o que cada hora traz em si de plenitude e sacrifício?

Hás de aprender o tempo, Luís Maurício. Sha' de ser tua ciência uma tão íntima conexão de ti mesmo e tua existência, que ninguém suscitara nada. E teu primeiro segredo seja antes de alegria subterrânea que do soturno medo.

Aprenderás muitas leis, Luís Maurício. Mas se as esqueceres depressa outras mais altas descobrirás, e é então que a vida começa.

Para Nevinha Pinheiro,  
com um abraço do

Carlos Drummond de Andrade

26.III.1984

26/MARÇO/1984

*A Luis Maurício, infante,*

*... O tempo, que fazer dele? Como adivinhar, Luis Maurício, o que cada hora traz em si de plenitude e sacrifício?*

*Hás de aprender o tempo, Luis Maurício, e há de ser tua ciência uma tão íntima conexão de ti mesmo e tua existência, que ninguém suspeitará nada. E teu primeiro segredo seja antes de alegria subterrânea que de soturno medo.*

*Aprenderás muitas leis, Luis Maurício, mas se as esqueceres depressa outras mais altas descobrirás, e é então que a vida começa.*

*Para Nevinha Pinheiro,*

*Com um abraço de*

*Carlos Drummond de Andrade*

26.III.1984

**"E há de ser tua ciência uma tão íntima  
conexão de ti mesmo e tua existência"**

Nesta incorrespondência, o poeta retoma alguns fractais do poema "a Luis Maurício, infante" fazendo um recorte do momento em que o tempo é a pauta maior, "ora o 'tempo' a que remete o discurso, o tempo das mediações predicativas, é um tempo originariamente social, social porque habitado pelas múltiplas relações entre pessoa e pessoa, pessoa e coisa..." (BOSI, 1990, p.121).

O poema já começa de forma bastante contundente em relação ao tempo, "acorda", de forma incisiva, imperativa, é uma expressão que denotativamente pode significar: desperta, levanta, "se liga". Assim, os versos "Acorda, Luís Maurício. Vou te mostrar o mundo", fugindo do sentido real do desejo de despertar seu neto recém-nascido para o mundo, parece uma espécie de saculejo, ora em si mesmo, ora em Nevinha Pinheiro.

Saculejo este muito pertinente numa relação em que um procurava acordar o outro. Uma relação em que Carlos Drummond tem em Nevinha Pinheiro mais do que uma confidente intelectual, mas como uma leitora contundente e crítica de sua obra, e que ousava adentrar-lhe versos e entranhas para criticar até mesmo gestos e posições pessoais de Drummond, o qual chega a pedir-lhe desculpas por determinados gestos seus, conforme veremos mais adiante.

O poema em questão veio à tona através do "Diário Carioca" em 1953 e posteriormente no livro "Fazendeiro do Ar", em 1955. O título do poema é considerado por alguns críticos como "antiquado" porque, de certa forma, é um poema que fugia sorratamente do estilo drummondiano. *Luis Maurício* é seu segundo neto nascido em agosto de 1953.

Conforme o professor, ensaísta e poeta, Antônio Carlos Secchin "Trata-se de um poema-batismo de vida, ou um poema de boas vin-

das a um mundo nem tão bom assim". Assim, "Parece, afinal, que o poema foi montado para que toda linguagem se ajustasse a um certo esquema de paradigma" familiar (BOSI, 1990, p.27).

A partir do recorte e da dedicação do poema de forma manuscrita para Nevinha Pinheiro, percebe-se o quanto o poeta a admirava. Claro que este recorte servia para instigar ainda mais o debate entre ambos. Era como se a partir deste momento, houvesse a demarcação de um instante extremamente familiar entre Drummond e Nevinha Pinheiro, o que podemos comprovar na ocorrência de várias passagens de suas incorrespondências nas quais Carlos Drummond chega até mesmo a chamá-la de "maezinha". Esta expressão demonstra o grau de afeto e de parentesco de Drummond para com Nevinha Pinheiro. Portanto, o afeto, entre ambos, era de causar admiração a qualquer leitor.

A dedicatória deste poema vem recheada de sugestões para reflexões sobre o tempo. O tempo que corre nas veias do ser humano e se esvai por entre seus dedos numa linha de aproveitamentos e desperdícios.

É como se o poema em seu *ethos* discursivo pedisse "a quem profere, e a quem escuta, alguma paciência e a virtude da esperança" (BOSI, 1990, p.25) e isto é latente, gritante, uma vez que o poema é feito para um recém-nascido, cuja esperança é a própria vida e a virtude maior passa ser a paciência com a vida em suas intempéries com o próprio tempo, tema recorrente do referido poema.

Para Justino (2014, p.56) "Tempo e espaço só adquirem significação quando articulados aos processos materiais que exprimem as práticas humanas em construção contínua, eis o ato bakhtiniano em sentido forte". Estes dois fatores que são indispensáveis à comunicação humana estão imbrincados, indissociados na comunicação entre o poeta e a escritora paraibana.

Para Alfredo Bosi (1990, p.112)

Mesmo quando o poeta fala do seu tempo, da sua experiência de homem de hoje entre homens de hoje, ele o faz quando poeta, de um modo que não é do senso comum, fortemente ideologizado; mas de outro que ficou na memória infinitamente rica da linguagem”.

É neste sentido que corroboramos com a tese de que o fazer poético tem uma relação extremamente estreita com o tempo em que o poeta vive com o "mundo-da-vida". Justino (2014) pondera que o "poeta" cruza as "duas temporalidades da poesia, enquanto literatura, que é para nós a poesia na modernidade, e enquanto gênero ligado às funções fáticas da voz".

Essa retomada do poema acima para dedicar fractais a Nevinha Pinheiro, parecia ser uma sugestão de reflexão sobre o tempo que circundava não apenas a si, mas também a Nevinha e seu neto Maurício. Sua reflexão sobre o tempo é alarmante e instigante "O tempo, que fazer dele?" a pergunta é fatal para qualquer um, ainda mais para um poeta com idade bastante avançada.

A pergunta sobre o "que fazer do tempo", traz uma inquietação maior, mais ampla sobre o destino de cada ser humano diante do tempo que ruge e que se esvai velozmente. A passagem do tempo "que faz crescer a árvore, rebentar o botão, dourar o fruto" sempre foi a preocupação de pensadores no que tange ao aproveitamento ou desperdício.

Os versos, "Como adivinhar, Luis Maurício, o que cada hora traz em si da plenitude e sacrifício?", em si, são marcas de uma inquietação avançada de um poeta que desejava esmiuçar cada segundo, cada minuto e cada hora vivida na tentativa de compreender as marcas históricas e sociais imbricadas no mundo.

Como prever o devir, “se cada objeto separado é um dado empírico” (BOSI, 1990, p.113). De certa forma, felizmente ou infelizmente, nunca conseguiremos prever o que cada hora nos reserva durante nossas vidas porque cada dia vivido se apresenta como um novo “dado empírico”.

Nos versos, “Hás de aprender o tempo, Luis Maurício, e há de ser sua ciência uma tão íntima conexão de ti mesmo e tua existência”, o poeta sonha e deseja, com sua esperança, que a aprendizagem sobre o tempo seja a marca maior da existência de seu netinho. E parecem-nos que estes versos, alvos da dedicação a Nevinha, eram marcas impulsivas do poeta que buscava instigar e motivar a aprendizagem sobre o tempo de vida e do tempo usado por cada um em seu percurso de vida.

Portanto, fica claro, mais uma vez, que a preocupação do poeta com a velocidade do tempo, com o “tempo ruge” e o “velho”, conforme ele mesmo se autodenomina para Nevinha, conforme veremos em outras correspondências, parece em sua abordagem, se preocupar com o que lhe restava para viver.

Este poema, não por ser o que é, uma saudação à chegada do seu neto, mas pela dedicatória provocante e intencional em seus recortes, parece uma sugestão incisiva de uma reflexão que traduz inquietações tão incomuns entre as pessoas. Despertar, acordar. Diante disso, percebemos que Nevinha foi mesmo uma privilegiada por ter uma dedicatória de um poema tão intenso, solícito, respeitoso, crítico e reflexivo em torno da sociedade do seu tempo.

Por fim, este começo de vida, presente no “poema-batismo”, fez o poeta refletir sugerindo também reflexões mais intensas sobre o tempo, intensidade essa que nos faz refletir sobre o começo e o fim da vida. No poema, Drummond demonstra sua preocupação com o tempo como se fosse um convite a uma reflexão sobre a metáfora do valor da vida.

17/MAIO/1984

Rio, 17 de maio, 1984.

Querida Neiruh:

Fiquei encantado com  
a fina e penetrante análise  
de meus versos, contida no  
trabalho que me remeteu.  
Venho sendo fructo de seu re-

specto intelectual, e'  
altamente honroso para  
este velho praticante de  
poesia. Você me valorizou tanto!  
Fraternal e afetivos  
abraços de

Drummond

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*Rio, 17 de maio, 1984.*

*Querida Nevinha:*

*Fiquei encantado com a fina e penetrante análise de meus versos, contida no trabalho que me remeteu.*

*Mesmo sendo fruto de generosidade Intelectual, é altamente honroso para este velho praticante de Poesia. Você me valoriza tanto!*

*Gratíssimo e afetuosamente abraço do*

*Drummond.*

*"Fiquei encantado com a fina e penetrante análise de meus versos, contida no trabalho que me remeteu"*

Aqui, mais uma vez, faz-se marca gritante a qualidade da crítica da jornalista Nevinha Pinheiro. Nesta incorrespondência evidencia-se o caráter e o valor presentes na realidade de sua crítica. Através dos termos "fina e penetrante análise..." podemos reconhecer o reconhecimento do poeta que ressaltou ainda mais a importância e a qualidade da leitura crítica de Nevinha Pinheiro à sua produção poética.

O que mais chama a atenção nesta incorrespondência é a delicadeza com que Drummond utiliza as palavras "finas e penetrantes" para se referir à análise que Nevinha fizera de um dos seus poemas. Certamente, são termos fortes cujas temáticas abrangem competência, sensibilidade e qualidade e elevam para além de uma leitura comum que pode apenas desconstruir ou simplesmente construir uma concepção indevida sobre o texto lido.

E isto revela que nas leituras de Nevinha Pinheiro, não há uma linearidade interpretativa que estagne os tantos sentidos que a produção poética de Drummond encena. Contudo, estas leituras instigantes tornaram-se mais evidentes e passaram a ocupar um "lugar" central no campo da contestação poética do próprio poeta.

Assim, "este lugar não possui um caráter estável ou trans-histórico. Ele resiste ao fluxo homogeneizante do universalismo com temporalidades distintas e conjunturais" (HALL, 2011, p.59).

Deste modo, instala-se este perfil de uma crítica inovadora, do ponto de vista de uma aproximação do crítico com o criticado que beira, de certa forma, a parcialidade. Nevinha Pinheiro desmonta todo o perfil abusivo e mal humorado da crítica que estamos acostumados a encarar.

Uma crítica que busca a todo custo, e acima de tudo, desdizer o que o autor diz ou deixou de dizer numa classificação intelectual que,

muitas vezes, beira o ridículo do olhar que aprova ou desaprova um produto, ou seja, que aponta o livro como consumível ou descartável, como prestável ou imprestável.

Portanto, para Hall (2011, p.58) “não se trata da forma binária de diferença entre o que é absolutamente o mesmo e o que é absolutamente o ‘outro’”, ou seja, pela sensibilidade da escritora, não pretendemos indicar a superioridade ou supremacia de uma crítica sobre outra. Assim, não indicamos, nem insinuamos que o crítico menos ou mais próximo do autor, não teria a devida competência para perceber as nuances que a prosa e a poesia trazem em suas coreografias plurisignificativas ou em suas coreografias de imagens.

Para (DERRIDA apud HALL, 2011, p.58) “cada conceito ou [significado] está inscrito em uma cadeia ou em um sistema, dentro do qual ele se refere ao outro e aos outros conceitos [significados]...”

Entendemos que o papel da crítica de Nevinha Pinheiro tinha uma verve mais humana, um viés que indicava e declinava o amor do crítico que analisa uma obra de arte. Certamente, que o papel do crítico literário não deve ser se prender, exclusivamente, a observar as particularidades de cada obra com a missão de apontar acertos, falhas ou contradições culturais e estéticas presentes.

É fundamental que a intervenção de uma crítica pertinente adentre muito mais e traga uma contribuição para que a obra literária possa dizer muito mais do que deseja o próprio autor, pois é a intervenção inteligente do crítico que fará a obra dizer algo mais do que o próprio autor desejara dizer.

É importante que estas estratégias de leituras tragam muito mais do que propõe uma releitura, porque, muitas vezes, estas interpelações e interpretações se apresentam como estratégias que “surgem nos vazios e nas aporias, que constituem sitios potenciais de resistência, intervenção e tradução” (HALL, 2011, p.58) que são tão inerentes ao trabalho da crítica literária.

A nosso ver, não devem ser apenas e exclusivamente os termos estéticos, linguísticos ou retóricos que devem nortear o valor de uma obra de arte. Barthes, (2007) por sua vez, ver o papel do crítico "como uma atividade fundamentalmente criativa". Já para Afrânio Coutinho (1975) o "crítico é alguém que enuncia juízos críticos ou exerce a crítica literária".

Definitivamente, as portas de entradas para esta amizade-sensibilidade entre o poeta e a escritora, foram as diversas leituras que ela fizera de seus poemas e que sempre agradavam ou desagradavam o poeta em alguns aspectos.

Isto está presente e pode ser confirmado, comprovado e até confrontado na fala do poeta que diz "é altamente honroso para este velho praticante de Poesia. Você me valoriza tanto!", o que esclarece de pronto que o poeta lido se sentia bem e fortalecido com a leitura de sua crítica mais próxima, Nevinha Pinheiro.

Eis a prova de que a cumplicidade de Nevinha Pinheiro, para com o poeta, era sem dúvida alguma, advinda ou derivada de uma relação de admirações mútuas. Nestes fractais, Drummond sugere que ela era de fato uma crítica com um olhar bastante aguçado que demarcava não apenas uma admiração, mas algo além, o que quer dizer que este algo além pode ser entendido como o tamanho da inteligência que se fundia entre amizade e admiração.

Há uma infinidade de afinidades que propiciam a ambos uma marca indelével sobre quem é cada um. "Fina e penetrante" são as expressões que fundamentam e definem o olhar do poeta, conforme ele mesmo se refere: "fina e penetrante análise, contida no trabalho que me remeteu", eis mais uma prova de que o poeta mineiro referencia e admira cada vez mais as tantas leituras de Nevinha Pinheiro sobre seus tantos poemas.

16/AGOSTO/1984

Rio, 16 de agosto, 1984.

Querida Nevinha:

nem a tevê da nem chate nem  
coisa nenhuma: encerto ple-  
namente em você. O lado  
"eclesiástico" da minha cotidi-  
ninha me manuseia pouco, me  
enchem de nervosos atos de "pen-  
da" que não cometa. Passei a vida  
fazendo o espanto dessa doutrina de  
empunção. e ainda que, mesmo liberto,  
continuo condicionado a ela.  
Você enxerga bem, com sabedoria. Quan-  
to ao meu espiritualismo, só as  
rapazes entilistam de seu estado  
me fazem acreditar nele. Ainda  
assim, devo de admitir que é  
muito limitado, muito obscuro, e  
talvez se resumia em simples  
escritura de alguma carta por  
você proferir...

O suplemento literário  
de "Luminária" publicou o seu

maravilhoso trabalho, e fiquei  
tudo cheio com isso. Obrigada,  
Nevinha, de todo o coração,  
e com um beijinho carinhoso de  
seu

Drummond

P.S. Claro que se um  
encontramos na rua um  
um pequeno nomeado, você  
está intimado a falar  
cumprido, sob pena de provocar  
a escritura (ra de velleo hitorico).

D.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio, 16 de agosto, 1984.

Querida Nevinha:

*Nem atrevida nem chata nem coisa nenhuma: concordo plenamente com você. O lado “eclesiástico” da minha cidadezinha me marcou fundo, me encheu de remorso “até de pecados” “que não cometi”. Passei a vida fazendo o expurgo desses dramas de consciência, e sinto que, mesmo liberto, continuo condicionado a eles. Você enxergou bem, com sutileza. Quanto ao meu espiritualismo, só as razões sutilíssimas do seu [ilegível] me fazem acreditar nele. Ainda assim, devo de admitir que é muito limitado obscuro, e talvez se resuma em simples encontro de alguma coisa que não procuro...*

*O suplemento literário de “Minas Gerais” publicou o seu magnífico trabalho, e fiquei todo ancho com isso. Obrigado Nevinha, de todo o coração e com um beijo carinhoso do seu*

*Drummond*

*PS. Claro que se nos encontrarmos na rua ou em qualquer reunião, você está intimada a falar comigo sob pena de provocar a minha ira de velho birrento.*

*D.*

*"Claro que se nos encontrarmos na rua ou em qualquer reunião, você está intimidada a falar comigo sob pena de provocar a minha ira de velho birrento"*

Aqui o poeta usa algumas palavras que podem ser imprescindíveis para entendermos a relação intelectual entre ele e Nevinha Pinheiro. Destacamos a frase "Nem atrevida nem chata nem coisa nenhuma" com termos que na verdade dizem e ratificam a importância de Nevinha Pinheiro como sua leitora.

A partir destes termos, o poeta nega, provavelmente, o próprio conceito de Nevinha Pinheiro sobre si mesma. E isso é feito pelo modo e pelos termos que usa para negar e se opor de forma clara usando o advérbio que exprime negação "nem", o que deixa explícito que o poeta nega abruptamente tais prerrogativas que foram designadas por ela sobre ela mesma.

Era como se o poeta a partir de tais termos, procurasse, conforme Zilberman (1989, p.11) "infundir nova direção à hermenêutica" dessa amizade. Amizade esta sempre regada com admiração, consideração, respeito e muita crítica.

Nevinha Pinheiro, de exímia leitora dos poemas de Drummond de Andrade, passou a ser encarada pelo poeta como alguém com potencial para intervir até em sua vida pessoal, a qual estava além dos poemas. Nevinha Pinheiro foi desses seres que conforme Hall (2011, p.72) define "permanecem profundamente comprometidos com as práticas e valores...".

Era como se Drummond convertesse sua leitora numa "peça essencial" da interpretação crítica de seus poemas e ela constituísse uma espécie de crítica literária que fugia de uma das tendências da crítica tradicional que era tratar o leitor da obra literária apenas como "peça importante da teoria".

Percebe-se que na intimidade da correspondência entre ambos prevalece uma espécie de marca que ultrapassa os limites da crítica literária tradicional. De certo modo, na comunicação pela via da crítica, há sempre uma lacuna que abisma a empatia entre a crítica e o criticado e é nesta lacuna que se identifica conforme Zilberman (1989, p.15), "o princípio de que a literatura constitui um caso especial de comunicação".

Essa via da interpretação tão diversa e adversa faz veicular e transitar, de modo geral, um nível de comunicação entre o crítico e o autor criticado que chega a beirar o abismo do respeito mútuo. O que muitas vezes ocasiona uma espécie de inimizade e a construção de uma blindagem que isola o crítico do criticado em sua via mais pessoal, o que não é possível verificar entre a crítica literária Nevinha Pinheiro e o poeta Drummond.

Por isso, a crítica de Nevinha Pinheiro pode ser considerada como uma leitura que corrobora com a ideia de que o "significado da obra depende totalmente dos sentidos que o leitor deposita nela" conforme Zilberman (1989, p.26).

Assim, encontramos rastros objetivos, na afirmativa abaixo do poeta, de uma amizade mais que necessária para a sobrevivência de uma leitura que mergulhasse fundo em seus poemas criados "Você enxergou bem, com sutileza. Quanto ao meu espiritualismo, só as razões sutilíssimas do seu [ilegível] me fazem acreditar nele".

A partir destes fractais é possível perceber, mais uma vez, o nível desta relação entre a crítica e jornalista Nevinha Pinheiro e o crítico do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Aqui, retomamos o ponto que abordamos anteriormente, no sentido de mostrar que há sempre nas palavras do poeta, uma espécie de resposta à correspondência enviada por Nevinha Pinheiro. Em cada correspondência há sempre sugestões para muitas inferências.

Há uma clara referência do próprio poeta ao que provavelmente Nevinha lhe escrevera na correspondência anterior.

Estes rastros, muitas vezes caracterizam diversas pistas para uma correspondência ou incorrespondência que esteja pautada no tempo de espera que foi caracterizado pelo atraso de ambos e dos Correios da época.

Esta reclamação, sobre atrasos, é uma constante nas incorrespondências do poeta, através das quais, ele sempre reclama da morosidade dos meios de comunicação, especificamente, dos Correios nas respostas a algumas prerrogativas que estão presentes na incorrespondência ida que se desculpa ou reclama da demora na comunicação e no retardamento de respostas necessárias para que determinada crítica ou ponto de vista fosse ponderada pelo poeta.

É como se o poeta nos desse, através destes rastros, a oportunidade de termos acesso aos rastros de uma fala da qual não temos o registro para o devido compartilhamento.

Assim, podemos entender, conforme Benjamin (2012, p.8) que “a categoria rastro (*Spuren*) é muito oportuna para propor este questionamento. O termo ambigualmente aponta para uma presença e uma ausência. Aquilo que resta de um passado, de uma trajetória, pode constituir uma base para tentar compreender o que ocorreu a um indivíduo ou a uma sociedade”.

As entrelinhas desta comunicação, mostram que houve, prévio a esta pequena carta, uma carta, talvez, bastante produtiva na correspondência enviada por Nevinha Pinheiro.

Estes temas podem ser percebidos quando explicitados ou revelados a partir de opiniões profissionais e pessoais de Nevinha Pinheiro em relação a si mesma e em relação ao próprio poeta.

O poeta corrobora com fortes expressões, inclusive, concordando com o ponto de vista da jornalista: “Concordo plenamente com você.

O lado 'eclesiástico' da minha cidadezinha me marcou fundo, me encheu de remorso até 'pecados' que não cometi".

Portanto, nestes fractais percebe-se o nível da conversação entre ambos e o nível de respeito que Drummond tem pelas ponderações de Nevinha Pinheiro mesmo pessoais. Destarte, percebe-se que a crítica dela vai além da crítica à sua obra e isto desnuda-se a partir do momento em que o poeta retoma a crítica de Nevinha concordando e deixando transparecer que ela tinha "toda" razão. É possível perceber isto a partir da presença dos termos "concordo plenamente" sobre tal crítica.

O ponto crucial desta conversa prévia a esta carta, foi a crítica feita por Nevinha ao perfil "eclesiástico" de Drummond. Evidentemente, os leitores mais aguçados de Drummond e que conhecem a fundo sua obra vão entender que há sim, a presença constante dessa marca apontada por Nevinha Pinheiro na obra drummondiana.

Por isto ele concorda que há em si, esta marca advinda da Igreja católica, das influências de sacerdotes entre outras autoridades da Igreja. O mais impressionante é que ele não retruca a crítica e vai na sua direção numa marcha também crítica, mas apenas para concordar com o ponto de vista de Nevinha Pinheiro.

Na crítica referida, o poeta acata a opinião da jornalista com um: "Concordo plenamente", o que por si só, já demonstra ou desnuda não apenas o peso intelectual das leituras feitas por Nevinha Pinheiro, mas, sobretudo de sua intervenção pessoal em relação à amizade que mantinha com o poeta.

Nevinha Pinheiro se afirma com autoridade ao opinar sobre o lado mais cristão de Drummond, o qual, ao ver dela, ainda estava tão arraigado aos preceitos da cultura do interior de Minas Gerais, Itabira, ou com uma crítica ao perfil eclesiástico do poeta no entorno de sua obra poética.

Em seguida, o poeta detém uma consciência sobre si mesmo ao declarar a Nevinha que sua condição humana e, sobretudo, a sua condução humana de si mesmo é o que o conduz ao abismo da vida "Passei a vida fazendo o expurgo desses dramas de consciência, e sinto que, mesmo liberto, continuo condicionado a eles".

Destarte, o poeta reconhece que mesmo apesar de sentir-se já liberto, por causa de sua maturidade, mas que continua enraizada esta verve dos dramas, o que dá a entender que a análise de Nevinha Pinheiro em relação ao poeta é pertinente porque ele concorda com ela ao dizer: "Você enxergou bem" e ainda dá mais crédito a ela no sentido de dizer "Quanto ao meu espiritualismo, só as razões", o que implica numa abordagem sobre o tema da espiritualidade do próprio Drummond que fora abordado.

Ele corrobora ao dizer: "quanto ao espiritualismo", só as razões de Nevinha Pinheiro faria ele acreditar. Deste modo, percebe-se que a análise de Nevinha Pinheiro, como crítica literária da poesia drummondiana, estava para além da mera observação da estrutura poética de Drummond, mas que sua leitura vai além e penetra fundo a alma do poeta, que sempre encantado com a leitura de Nevinha sobre seus poemas, encenava e acenava para uma conversa que sempre estava além da simples análise de um poema. Entendemos que, muitas vezes, se tratava de uma análise que beirava uma penetração da alma e da poesia do poeta.

Drummond faz uma alusão e abre um aparte sobre o suplemento literário de Minas Gerais, o qual publicou o trabalho de Nevinha Pinheiro ao qual ele faz um elogio, o seu "magnífico trabalho" sobre o qual diz: "fiquei tolo".

Esta ponderação de Drummond sobre o trabalho publicado de Nevinha só faz exaltar ainda mais e corroborar com a genialidade literária e jornalística da paraibana de Serra Redonda.

Nesta incorrespondência, há a dica de que o poeta e Nevinha Pinheiro não se conheciam pessoalmente, o que dilacera a escrita como uma ponte entre ambos. Nevinha escrevia, Drummond respondia também escrevendo e a relação deste diálogo tão unilateral, mas compreensível, devido não termos registrado o que foi escrito por ela para ele, conforme já debatido.

São as pistas dadas pelo próprio poeta que deflagram a presença de um discurso ausente-presente. Este discurso ausente-presente emerge quando o poeta escreve no final de sua incorrespondência como que respondendo a uma ansiedade de Nevinha Pinheiro de conhecê-lo pessoalmente: "P.S. Claro que se nos encontrarmos na rua ou em qualquer reunião, você está intimada a falar comigo sob pena de provocar a minha ira de velho birrento" D.

Percebe-se, que aí reina a chave de uma grande amizade, que mesmo sem ambos se conhecerem pessoalmente, fez imperar a força da escrita como uma verve virtual que tudo separa e tudo junta, que tudo diz e tudo desdiz, que tudo oculta ou explicita, que tudo diminui ou exalta. A virtualidade no século passado, talvez possa ser definida, num momento ou noutro, a partir da escrita, da televisão, do telefone.

Por fim, o agradecimento como a marca maior desta amizade, vem da seguinte maneira: "Obrigado Nevinha, de todo o coração e com um beijo carinhoso do seu Drummond", mais uma vez o agradecimento revela o apreço, o respeito e, sobretudo, a admiração que o poeta tinha à crítica dela à sua obra.

E por fim, a expressão "seu Drummond" é uma explanação com a presença de um pronome possessivo que pode demonstrar ou até sugerir com clareza o que um representava para o outro.

Portanto, revela-se o quanto Drummond tinha apreço e consideração pela crítica de Nevinha Pinheiro, cuja admiração o provoca

a intimá-la a falar com ele em qualquer circunstância "sob pena de provocar" sua "ira de velho birrento" e para concluir assina como D.

03/ FEVEREIRO/1985

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE  
Rio, 3.II.85.  
Querida Nevinha:  
Você me deu mais do que mereço e espero.  
Seu artigo, finalmente pensado, valoriza a minha  
poesia e me faz feliz, pelo alto conceito em  
que tenho a sua percepção crítica.  
Muito obrigado! - e o abraço carinhoso  
do  
Drummond

Rio, 3.II.85

Querida Nevinha:

Você me deu mais do que mereço e espero. Seu artigo, finalmen-  
te pensado, valoriza  
a minha poesia e me faz feliz, pelo alto conceito em que tenho a  
percepção crítica,  
Muito obrigado! - e o abraço carinhoso do  
Drummond

*"Seu artigo, finamente pensado, valoriza a minha poesia e me faz feliz pelo alto conceito em que tenho a sua percepção crítica"*

Conforme podemos observar acima, o reconhecimento de Drummond em relação à qualidade da crítica de Nevinha Pinheiro aos seus poemas, abre uma brecha para que possamos pensá-la como uma escritora que exerceu os papéis não apenas de jornalista e escritora, mas sobretudo de crítica literária que em consonância com um dos maiores poetas da Literatura brasileira faz uma leitura pertinente do que pode ser a poesia brasileira.

É perene esta via crítica que colocou o poeta e Nevinha Pinheiro no caminho um do outro. A poesia de Drummond, certamente, encantara a ela que passara a lê-la e criticá-la em diversos momentos, atraindo assim, a atenção, a simpatia e a amizade do poeta lido.

É assim que o itabirensense se refere a Nevinha Pinheiro "Você me deu mais do que mereço e espero". Para Zilberman (1989, p.27) "em outras palavras, a insistência na comunicação entre cada texto e cada leitor parece reduzir o diálogo apenas aos dois". O que nos esclarece que texto e leitor formatam um perfil digno de críticas e elogios que ora se guarda na crítica ida, ora se revela na crítica chegada.

Essa perspectiva dialógica faz encenar mais uma vez, como de praxe, na conversa entre ambos, as pistas, os rastros no escrito pelo poeta, respondendo ao que foi escrito por Nevinha Pinheiro. Ela tinha a competência, a ousadia e persistência que todo poeta espera de seu leitor.

Não apenas para encontrar coisas falhas, coisas negativas, mas para indicar caminhos que levassem a tantos outros caminhos mais produtivos e mais necessários para a compreensão da poesia e da obra de arte como um todo. Para Zilberman (1989, p.27) no entanto

"certas interpretações vingaram no tempo e foram depois contestadas, obras subiram e desceram na gangorra dos juízos literários".

Não basta que o poema seja apenas plurisignificativo e que esta plurisignificância esteja apenas no campo negativo da leitura, isolando autores e ocultando obras. A riqueza da plurisignificância ancora-se na capacidade de cada leitor entender o escrito e dar a entender sua interpretação sobre o escrito a outros leitores numa cadeia de significados infinitos. Assim, para Zilberman (1989, p.26) "O significado da obra depende totalmente dos sentidos que o leitor deposita nela". E conforme vimos, Drummond se regoziza, se sente feliz com o artigo escrito por Nevinha Pinheiro sobre seu poema.

Se o poeta esperava apenas flores, recebeu de Nevinha Pinheiro muito mais, recebeu flores, pedras, areias, argamassas e uma arquiteta pronta para construir inúmeros sentidos mais positivos que negativos no entorno de sua poética. E foi, talvez, a tessitura dessa construção tão complexa que encantou o poeta e chamou sua atenção para a crítica concreta de Nevinha Pinheiro.

A leitura crítica de Drummond à crítica de Nevinha Pinheiro dá a entender que ela escrevera um artigo cheio de teoria e paixão. É como o poeta costuma afirmar, são as análises dela, em diversas críticas, que forneceram-lhe mais fôlego para sua organização conceitual sobre ele mesmo e sobre sua criação literária.

Claro que o poeta e o escritor sempre esperam o pior da crítica, que a passos curtos, busca problemas passivos de críticas e desmontes. Esta assertiva se comprova na própria expressão do poeta Drummond "Você me deu mais do que mereço e espero" corroborando com a pontuação acima de que o poeta sempre espera o pior da crítica e Nevinha Pinheiro, como exímia crítica literária, foi além e conseguiu, nas suas leituras pertinentes, arrancar, também, diversas críticas positivas do poeta à sua crítica, o que era bastante comum

entre ambos e foi o que fortaleceu o diálogo entre os dois, o que validou e deu mais fôlego à experiênte leitora Nevinha Pinheiro.

Assim, havia sempre uma crítica muito respeitosa que arrancava outra crítica mais respeitosa ainda. A crítica da crítica, entre ambos, era um laço que enfeitava e que amarrava e prendia ainda mais esta amizade e era também um nó que apertava e unia cada vez mais a crítica de Nevinha ao poeta. Assim, "este gesto hermenêutico faz com que o texto, até então mudo volte a falar, ou seja, resgata o diálogo original a que ele se propunha" conforme Zilberman (1989, p.68).

Podemos comprovar esta crítica positiva da crítica, quando o poeta sela o nível de Nevinha Pinheiro, enquanto crítica literária, se referindo a seu artigo publicado pelo Jornal de Minas Gerais, no suplemento literário.

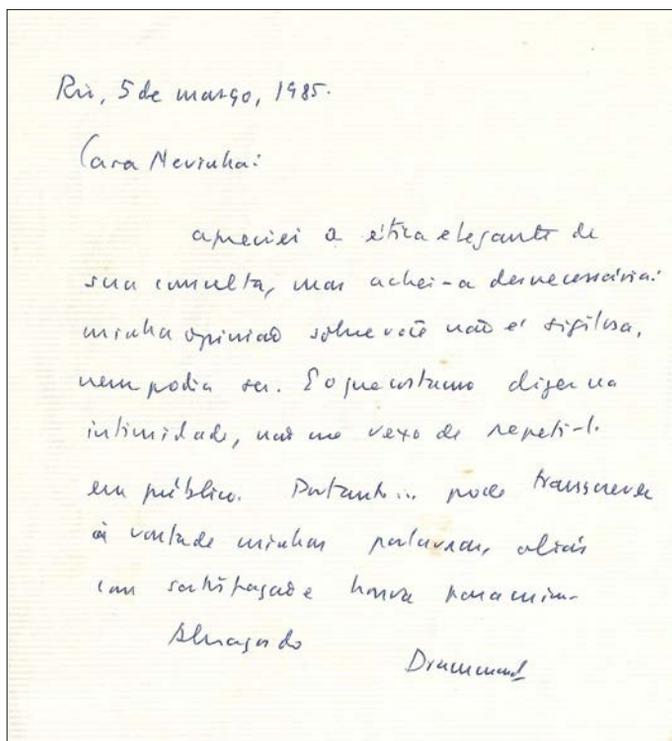
Isto ocorre quando ele confessa sua admiração e respeito por Nevinha Pinheiro ressaltando seu "alto conceito", seu elevado grau de leitura, o que a nosso ver, sela definitivamente o olhar drummondiano para o alto nível intelectual de Nevinha Pinheiro, para a qualidade de seus artigos publicados em diversos momentos em diversos jornais: "Seu artigo, finamente pensado, valoriza a minha poesia e me faz feliz", eis o poeta-alvo regojizado, feliz com o que foi escrito em artigo por ela sobre sua poesia.

Esta concepção de Drummond neste "artigo finamente pensado" revela a admiração do criticado pela crítica valiosa de Nevinha Pinheiro, uma vez que conforme a visão de Drummond, este "artigo" elogiado não pode ser, para o maior poeta da Literatura brasileira, apenas um artigo de elogios, um artigo apológico, desvala, isto sim, no reconhecimento da qualidade desta máquina de pensar que foi Nevinha Pinheiro. Esta expressão "finamente pensado", sobre o que escrevera Nevinha, talvez, venha sugerir que percorramos um outro caminho que nos leve a pensar em sua crítica como extremamente

coesa, coerente, contundente e sobretudo, pertinente no entorno da poesia drummondiana.

Por fim, na incorrespondência acima, Drummond, ao se referir a Nevinha Pinheiro deixa claro sua grande admiração por ela ao falar sobre conceito elevado, "alto conceito", sobre sua "concepção crítica". Drummond, enfim, chama a atenção para a qualidade da crítica neviniana. Portanto, é a concepção de Drummond sobre a crítica de Nevinha Pinheiro o ponto mais alto da crítica ao artigo escrito pela jornalista.

05/MARÇO/1985



Rio, 5 de março, 1985.

Cara Nevinha:

apreciei a crítica elegante de  
seu consultor, mas achei-a desnecessária:  
muita opinião sobre você não é típica,  
nem pode ser. Se já estamos digamos  
intimidade, não no caso de repeti-la  
em público. Portanto, pode transcrever  
a vontade muitas palavras, outras  
em saídas e honra para a sua  
Atenciosamente  
Drummond

*Rio, 5 de março, 1985.*

*Cara Nevinha:*

*Apreciei a ética elegante de sua consulta, mas achei-a desnecessária: Minha opinião sobre você não é sigilosa, nem podia ser. E o que costumo dizer na intimidade não me veta de repeti-lo em público. Portanto... pode transcrever à vontade minhas palavras, aliás uma satisfação e honra para mim.*

*Abraços do*

*Drummond*

*"Portanto... pode transcrever à vontade minhas palavras, aliás, uma satisfação e honra para mim"*

Nesta incorrespondência há, finalmente, a sinalização para o início daquilo que tratamos como segundo capítulo do presente livro. Entra em cena, talvez, um momento ímpar na amizade entre o poeta e a crítica Nevinha Pinheiro.

A escrita, paulatinamente, deixará de ser a ponte das reflexões entre ambos para que haja um novo espaço para a conversação, do ponto de vista da observância da presença da voz, da fala.

O poeta, conforme veremos mais adiante, já começa a dar os primeiros sinais de que a prática da escrita ficará para trás, deixará de ser o meio de comunicação mais importante entre ambos. O poeta sinaliza que já não há mais caminhos para continuar escrevendo e começa a reclamar da idade e da escrita não mais como elo de seus diálogos. Esta incorrespondência traz à baila, mais uma vez, não apenas a objetividade do diálogo, mas, sobretudo, as implicitudes deste debate literário tão efervescente entre ambos.

Nos interessamos pelos vestígios dos textos escritos por Nevinha Pinheiro, a partir das entrelinhas deixadas pelo poeta em sua própria incorrespondência. Portanto, os rastros, conforme tratamos anteriormente, do que teria sido escrito por Nevinha para o poeta, mais uma vez, emergem com toda força e é a partir daqui que percebemos que a escrita já não interessava ao poeta por diversos motivos: sua saúde, a saúde de sua filha e sua indisposição física para continuar escrevendo, como se escrever fosse uma atividade esportiva que exigisse fôlego, energia e juventude para sua prática.

Aqui, percebe-se o momento em que o poeta começa a se debater para não mais escrever. Assim, outra forma de comunicação entre ambos começa a ser instalada lentamente.

É um momento delicado, primeiro porque o poeta começa a dar sinal de cansaço de tudo, da vida, da escrita, da política e, segundo, porque a escrita deixará de ser o meio mais importante para essa comunicação. Embora o segundo capítulo seja todo fundamentado pela própria escrita, pois foram através de manuscritos que ficaram registradas todas as conversas que ambos tiveram pelo viés da voz.

Na incorrespondência em epígrafe, há uma espécie de último suspiro da escrita que em breve será trocada por outra forma de comunicação. Virá à tona outra forma de preservação do debate que não poderia morrer com o sumiço, com o desaparecimento da escrita manuscrita ou datilografada de Drummond, cessando ou estagnando a correspondência entre ele e a jornalista. A admiração de Nevinha Pinheiro pelo poeta, manteve e preservou, a todo custo, esta linha tênue da escrita do poeta em abismo e instaurou uma nova verve de diálogo.

Ou seja, seria instalado um outro meio de comunicação que não fosse, necessariamente, a escrita, no sentido de que o poeta não datilografaria mais, não escreveria mais com as próprias mãos para Nevinha Pinheiro em resposta, mesmo que tantas vezes tardias, às suas correspondências.

Percebe-se um certo cansaço do poeta, que já bastante debilitado, começa a dar sinais de que não mais lhe interessaria manter a escrita como seu maior e mais importante meio de se comunicar. Desse modo, revela-se que Nevinha Pinheiro estando à frente de seu tempo, procura resolver os impasses estabelecidos a partir de uma solicitação que muito comove o poeta "Apreciei a ética elegante de sua consulta, mas achei-a desnecessária".

A partir destes fractais que desnudam e sinalizam uma incorrespondência breve, apressada e cheia de reticências, infere-se que na correspondência ida de Nevinha ao poeta havia sim, óbvio, a solicitação da permissão para os registros das conversas mediante a possi-

bilidade da troca da escrita por outro meio de se comunicar, o da fala, da voz, através de telefonemas.

E conforme já debatemos anteriormente, o mais fascinante neste debate são as entrelinhas de algo escrito que não está explícito, mas que se apresenta sorrateiramente através de rastros deixados pelo próprio poeta para que pudéssemos entender o teor, ou seja, o conteúdo de uma fala vinda para ele, mas não registrada, embora tão presente nas entrelinhas deixadas por ele mesmo em suas incorrespondências.

Vejamus que no fragmento acima, há esta abertura para que entendamos que houve uma "consulta" de Nevinha para continuar registrando na escrita a continuidade da produção do diálogo entre ambos através do telefone. Suporte este tão necessário e avançado na época e que tanto serviu para dirimir distâncias e aproximar ainda mais o diálogo entre as pessoas.

Drummond mais uma vez cobre Nevinha Pinheiro com elogios como que para blindar e manter viva a sua leitora tão ousada e persistente. Drummond usa o termo "apreciei" como que querendo dizer analisei, refleti com carinho a sua "consulta" e para reforçar a sua posição, retoma o termo "ética elegante" para endossar ainda mais a importância de Nevinha, uma vez que o termo "ética" advindo do grego significa "ethos", "costume", "hábito" ou "caráter".

Para o filósofo Aristóteles, a ética é algo entrelaçado ao termo virtude (areté) e à felicidade (eudaimonia).

Para o filósofo de Estagira (1094a, p.1-5)

O bem ético pertence ao gênero da vida excelente e a felicidade é a vida plenamente realizada em sua excelência máxima. Por isso não é alcançável imediata nem definitivamente, mas é um exercício cotidiano que a alma realiza durante toda a vida.

Isto dá a entender que ao longo da amizade e das correspondências entre ambos, o poeta Drummond foi paulatinamente mapeando a "ética" de Nevinha Pinheiro para enfim defini-la com um adendo bastante instigante "ética elegante". Para o poeta não bastava apenas ser ético, era preciso também ser elegante e isto ele define e aponta em Nevinha Pinheiro.

No tocante à questão da ética, podemos dizer que é um bem que conduz o ser humano a se capacitar para viver de forma harmoniosa com os outros no ambiente da "Polis". É como se a "ética", no âmbito mais pessoal, fosse responsável pela organização de um espaço mais adequado para a política no sentido mais plural.

A ética é uma virtude entre seres que prezam pela comunicação numa vivência que trate de questões pertinentes à virtude humana. A ética, na visão aristotélica, pode ser considerada como uma expressão de maior "excelência de uma pessoa, de sua integridade, de sua identidade".

Portanto, "Ética elegante", conforme Drummond, não é simplesmente qualquer "ética", é uma ética diferenciada com estilo, com charme, com elegância, o que acaba por colocar mais qualidade na "ética" em si, na ética de Nevinha Pinheiro como jornalista e como analista das obras de autores do porte de Manuel Bandeira, Érico Veríssimo, Clarice Lispector, Josué Montello, entre outros.

Toda a admiração entre ambos, foi, indiscutivelmente, fundamentada na "ética", na mesma "ética" que corroborou para a construção de uma amizade tão sólida e tão rica em detalhes. Sem dúvida, sem esta "ética elegante" proclamada, revelada e cantada por Drummond mediante a consulta de Nevinha Pinheiro, não haveria nem a amizade e nem a correspondência entre a jornalista paraibana e o poeta mineiro.

Vejamos que o termo "ética" parece ser um dos pilares, uma das marcas mais fortes que davam sustentáculo para que houvesse a

manutenção desta amizade recheada de tantas críticas e elogios ao trabalho um do outro. Sem a ética proclamada, não seria possível esta relação.

É evidente que Nevinha Pinheiro, precavida para os próximos passos da comunicação entre ambos, deu um passo à frente e fez a "consulta" sobre a autorização para registrar as conversas que seriam traçadas entre ambos. Drummond define e sinaliza como "desnecessária" a referida consulta deixando claro que ela poderia fazer o que bem entendesse da conversa entre ambos. E assim, autoriza a jornalista a fazer o referido registro.

Claro que foi a "consulta elegante" de Nevinha Pinheiro o que cativou o poeta que deu abertura total para que fossem registrados os diálogos. É com esta abertura que faz questão de trazer à tona a sua visão, a sua "opinião" sobre Nevinha, "Minha opinião sobre você não é sigilosa, nem podia ser".

Aqui, há a licença, há a abertura para que Nevinha Pinheiro tornasse pública a conversa entre ambos. Como podemos ver em sua "opinião", ele diz que nada tinha a ocultar e isto só é possível porque esta amizade era cheia de respeito e admiração entre ambos e que não fugia, em nenhum momento, da prerrogativa literária.

O poeta deixa bem claro que nada tinha a temer e que ela poderia ficar à vontade para publicar o que quisesse no entorno de suas conversas. E numa tentativa de barrar qualquer fofoca diz: "E o que costume dizer na intimidade não me veta de repeti-lo em público".

Vejamos que o poeta é incisivo com relação à sua intimidade, o que nos esclarece que sua "ética" beirava a dignidade e a honra de um homem, de um poeta respeitado, respeitador e admirado por todo o país e que o teor de seu debate com Nevinha Pinheiro nada tinha a denegri-los, a desrespeitá-los. Portanto, no que se refere ao público, o poeta nada tinha a temer.

Por isso, mostra-se, inclusive, disposto a assumir os mais recôntidos sigilos dos tantos debates ocorridos entre ambos. Debates estes restritos ao que ambos escreviam sobre isso e sobre aquilo, não havendo, portanto, empecilho algum em publicar tais conversas com seus respectivos assuntos.

Enfim, Drummond agradece a Nevinha Pinheiro por consultá-lo para as transcrições das conversas que a partir de então ambos terão por telefone, o que será objeto de interpretações no segundo capítulo do presente livro.

E finalmente o poeta finda sua incorrespondência, correspondendo à solicitação de Nevinha e com todas as letras autoriza o registro das conversas: "Portanto...pode transcrever à vontade minhas palavras, aliás uma satisfação e honra para mim".

Assim, a nosso ver, não poderia haver autorização mais instigante, para uma jornalista, do que saber que a sua "transcrição" seria motivo de "satisfação" e "honra" para o poeta transcrito.

03/MAIO/1985

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio, 3 de maio, 1985.

Cara Nevinha

Uma semana de febre e antibióticos, prostando-me na cama, impediu que eu lhe dissesse <sup>antes</sup> quanto gostei de sua entrevista. A matéria ficou muito bem apresentada, e seus comentários aos poemas têm a finesse do amador de poesia que não é simples leitor de versos, pois participa do mistério criativo. Obrigado -  
num abraço de carinho do Drummond

Rio, 3 de maio, 1985

Cara Nevinha

Uma semana de febre e antibióticos, prostando-me na cama, impediu que eu lhe dissesse antes, quanto gostei [ilegível] uma entrevista. A matéria ficou muito bem apresentada, e seus comentários aos poemas têm a finesse do [ilegível] de poesia que não é simples leitor de versos, pois participa do mistério criativo, obrigado-.

num abraço de carinho do

Drummond

*"A matéria ficou muito bem apresentada, e seus  
comentários aos poemas têm a finesse do [ilegível]  
da poesia que não é simples"*

A conversa do poeta, agora num momento ímpar, dantes não abordada, tramita sobre sua doença, sobre seu estado de saúde: "Uma semana de febre e antibióticos, prostando-me na cama, impediu que eu lhe dissesse, antes, quanto gostei [ilegível] uma entrevista".

Vê-se, a partir desses fractais que a saúde do poeta já não estava tão boa. Pela primeira vez nas incorrespondências com Nevinha Pinheiro, há a abertura para conversas mais cuidadosas, e percebe-se, nesta incorrespondência, um certo silêncio que ao mesmo tempo parece fazer um enorme barulho para reclamar que o poeta já não estava tão bem e disposto quanto antes.

Percebe-se isso, uma vez que o poeta já não dispunha da energia que lhe movia de um lado a outro. "Febre, antibióticos, cama" deixaram o poeta sem apetite, sem vontade de viver e com bastante fastio para opinar sobre o seu gosto no entorno da referida entrevista que era de interesse de ambos e que de certa forma integrava o rol de temas e debates que alimentavam o diálogo entre os dois.

Drummond parece se lamentar, e, sobretudo, ressaltar que não pôde, por conta da doença, comentar o quanto gostou da entrevista produzida por Nevinha Pinheiro. Aqui entra em trânsito o lado mais pessoal de Drummond, a sua saúde, que, segundo ele, andou debilitada e acamada.

O poeta demonstra certa desmotivação para conversar, mas mesmo assim, faz questão de se justificar no sentido de revelar seu estado de saúde à jornalista, admiradora e amiga, Nevinha Pinheiro.

Se a palavra explicita o sentido da alegria com a vida e da tristeza com a saúde ou com a morte, para Massaud (1987, p.40) "a palavra constitui o mais adequado veículo de expressão do conhecimen-

to que o homem tem da realidade" e são as palavras que desnudaram e esmiuçaram o estado de saúde do grande poeta da Literatura brasileira, trazendo à baila uma realidade que muitos leitores não encaram na vida de um cânone da Literatura.

Deste modo, Drummond sempre considerou as leituras de Nevinha Pinheiro, sobre seus poemas, bastante pertinentes, uma vez que de acordo com as cartas aqui abordadas, há permanentemente, um elogio bastante contundente às leituras dela que apareceu na vida literária do poeta como uma espécie de caçadora "em busca da cadeia de significações que o escritor armou com seu universo verbal" conforme Moisés (1987, p.65), esse "universo verbal" sempre estará implícito e explícito na obra em si.

Por isso, Drummond faz tantos elogios à matéria publicada pela jornalista e diz o quanto ficou bem apresentada, o que só vem corroborar que o poeta era um crítico ferrenho da crítica de Nevinha Pinheiro à sua obra: "A matéria ficou muito bem apresentada, e seus comentários aos poemas têm a finesse do (ilegível)".

Vejamos que o poeta reforça, cada vez mais, a competência de Nevinha Pinheiro enquanto leitora crítica de seus poemas, quando abordou o termo "finesse", que em sua amplitude e cadeia de significantes quer dizer: "agudeza de espírito", "sutileza", "finura", "sagacidade", "bom gosto", o que demonstra a força interpretativa das leituras de Maria das Neves Pinheiro.

A palavra "finesse", em vários momentos de suas incorrespondências, serve para fundamentar e endossar a competência de Nevinha Pinheiro como crítica literária da poesia drummondiana. De modo que segundo Massaud (1987, p.85) "a palavra consistiria num instrumento por meio do qual o sujeito procura comunicar-se com o objeto".

Em seguida, o poeta comenta sobre a complexidade da leitura da poesia falando sobre o leitor de versos ou da "Da poesia que não

é simples leitor de versos, pois participa do mistério criativo". Para Massaud (1987, p.82) "o conceito e os limites da poesia têm constituído um problema permanente, glosado e discutido por grande número de especialistas em questões literárias e estéticas".

O leitor aguçado de poesia, a seu ver, é aquele que de fato participa do mistério da criação poética. O poeta Drummond discorre sobre a complexidade da leitura de poesia que para Massaud (1987, p.85) "se identifica como a tarefa de exprimir os conteúdos do eu-profundo".

Portanto, cabe ao leitor eficiente, a responsabilidade de encontrar sentidos que coloquem o poema no labirinto dos tantos sentidos que seus versos encenam.

Assim, para Zilberman (1989, p.26) "o significado da obra depende totalmente dos sentidos que o leitor deposita nela. Também seu caráter estético depende do destinatário".

18/MAIO/1985

Obrigado, Nevinha, mãezinha  
ideal das mães!  
Abraços do  
Drummond  
Rio, 18.V.85

*Obrigado Nevinha, mãezinha ideal das mães!*

*Abraços do*

*Drummond*

*Rio, 18.V.85*

### *"Nevinha, mãezinha ideal das mães!"*

Nesta carta breve, pequena e escassa de palavras, mas tão transbordante de significados e significantes que podem ser encarados, segundo Barthes (1992, p.39) na "terminologia saussuriana como componentes do signo" parece que o poeta se comove dentro da própria ambiguidade que sugere o signo que "na verdade, insere-se numa série de termos afins e dessemelhantes ao sabor dos autores..." e emocionado taxa carinhosamente Nevinha Pinheiro como "mãezinha ideal das mães".

Vejamos que todos os termos que acobertam e aquecem a frase que denota o carinho de Drummond para com Nevinha Pinheiro nos lembram que não podemos deixar de lado a relação estabelecida por Barthes (1992, p.43) de que o signo é "composto de um significante e um significado. O plano do significante constitui o plano de expressão e o dos significados o plano de conteúdo".

Portanto os termos "mãezinha", "ideal", "mães" são termos que isolados, por si sós, já carregam uma grande carga semântica e quando juntos na articulação discutida por Barthes (1992, p.43) "se reencontram no plano da expressão e no de conteúdo", ou seja, o plano de conteúdo pode ser pensado a partir dos "aspectos emotivos, ideológicos ou simplesmente nocionais do significado, seu sentido 'positivo'" segundo o mesmo autor.

Na incorrespondência em epígrafe, há uma espécie de "desengasgo" emocional onde o poeta qualifica e dá a Nevinha Pinheiro, todo o carinho que se pode esperar de uma pessoa dentro de uma amizade ao ser comparada com uma "mãe". E não era qualquer mãe, era uma "mãezinha", expressão que explicita o quanto Nevinha era amada e respeitada por ele.

Claro que aí reina um título, uma titulação, um grau de parentesco sobre o ser que gera o ser, do ser mais importante na cadeia fami-

liar, ser respeitado e amado, mas há também a demonstração clara do carinho que toda mãe merece. Óbvio que o termo "mãezinha" é algo carinhoso, respeitoso, atencioso e denota sem dúvida alguma, a força que Nevinha exercia sobre o seu "menino" já "velhinho" e cheio de vigor literário com boas ideias.

Vejam que há na expressão de Drummond, a presença dos termos que recheiam e fortalecem o laço literário entre ambos e que ratificam a amizade e a admiração entre os dois. O título, carinhosamente atribuído a Nevinha Pinheiro, "mãezinha", vem antecedido de agradecimento, de "obrigado", o que reforça que a jornalista dera algo importante a seu "filhinho" Drummond que carinhosamente agradece-lhe de forma tão singular e terna.

Provavelmente, este algo importante escrito ou feito por Nevinha Pinheiro pode ser encarado ou entendido, conforme interpretações, como mais uma leitura pertinente, coerente, coesa de um ou outro poema de Drummond. Seria mais uma crítica contundente, mais uma opinião incisiva ou até mesmo que uma crítica construtiva da jornalista Nevinha Pinheiro, tenha sido o motivo maior de tamanho agradecimento, seguido de tal título, de tal tratamento, "mãezinha".

Observemos até que ponto chega a crítica do poeta à crítica de Nevinha Pinheiro. Neste sentido, o ponto de vista de Drummond sobre sua leitora mais audaz alcança o pico máximo do carinho humano, alcança o degrau maior da candura humana, "a mãe", "a mãezinha", símbolo eterno do ventre que guarda e aguarda o filho com muito amor, símbolo do seio que amamenta e fortalece, símbolo do carinho que acalenta dando amor eterno à sua cria.

Na carta, não bastou carinhosamente, Drummond tachar Nevinha de "mãezinha", como que querendo estabelecer uma espécie de rima necessária, entre "mãezinha, mainha e Nevinha", mas chamá-la de "mãe das mães" é algo inexplicável, algo divinamente poderoso, forte, único. Pois conforme o próprio poeta ela seria até mesmo a

“mãe” de sua própria mãe, sendo, Nevinha ainda jovem, já sua avó ou a avó, conforme ele mesmo, de todas as pessoas, porque ele a designou como “mãezinha ideal das mães”.

Assim, para Bosi (1990, p.95) este seria “um modo talvez mais preciso de entender o efeito de entoação de compará-lo com o efeito do ritmo”, “Nevinha, mãezinha, mainha”.

Para o mesmo autor (1990, p.95) vale salientar que em

um poeta amigo de tons menores e do anticlímax, Carlos Drummond de Andrade, não é raro sentir a última sílaba tônica soar com pedal abafado, deixando a outras a função de compor a cadência mais viva.

Portanto, equipará-la à mãe “das mães” é um exagero que merece uma atenção bem detalhada. Seria uma espécie de nossa senhora, mãe de Jesus, sagrada senhora que gerou um grande homem, um homem digno, um homem justo. Não fugimos dessa prerrogativa religiosa, uma vez que Drummond era extremamente cristão, conforme já discutimos em outra correspondência na crítica que Nevinha fez ao perfil eclesiástico do poeta que se defendeu justificando-se do ponto de vista de sua formação religiosa.

Esse carinho de Drummond para com Nevinha, é algo que nos parece bastante cordial e o motivo de tal tratamento, a nosso ver, talvez, se dê em virtude das inúmeras análises críticas que Nevinha faz de seus poemas gerando, a cada olhar seu, uma espécie de filho sagrado gerado pelas leituras que aparecem com uma roupagem capaz de dar tantos outros movimentos à obra drummondiana.

Desse modo, vem à tona os tantos sentidos que Drummond procurou atribuir a Nevinha Pinheiro na busca de estabelecer um nexo entre ela e os seus poemas. Daí a força avassaladora da paraibana enquanto crítica e leitora da obra do poeta mineiro.

Por isso que o tom da frase de Drummond de Andrade desvela os movimentos de corpo e alma, o que pode esclarecer os sentidos das expressões “mãezinha, mãe, ideal” a partir das quais para Bosi (1990, p.94) “pode haver, portanto, maior justeza na fixação conceitual: toda escolha é um risco...é um universal afetivo-volitivo que precede e rege os termos da proposição”.

Nesta incorrespondência tão breve, ressurge a sinalização para o que o poeta já havia alertado à jornalista sobre seu apetite para continuar a escrever. Na incorrespondência em debate, a pressa não obrigou o poeta a esquecer das qualidades de Nevinha Pinheiro e, mesmo assim, dilacera-se uma visão teórica numa interpretação Semiótica de que Nevinha Pinheiro, foi uma das poucas mulheres a encarar a obra drummondiana e, não apenas a encarar a obra, em diversas críticas, mas que soube, como leitora da poesia de Drummond, à época, mergulhar fundo na alma, na posição política e nos poemas deste maior fenômeno da Literatura brasileira.

As análises de Nevinha Pinheiro, como jornalista e crítica literária, foram sempre bem vistas e demasiadamente elogiadas pelo poeta que chegou a denominá-la com o título máximo da “força” da mulher, “mãe”. Parece que o poeta busca decifrar a força da mulher, da crítica literária, da escritora e jornalista Nevinha com uma definição grandiosa da alma e da gana desta mulher espetacular e inteligente.

Assim, para Bosi (1990, p.141) “o poder de nomear significava para os antigos hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la. Esse poder é o fundamento da linguagem, e, por extensão, o fundamento da poesia”.

Óbvio, que o conceito de Drummond “mãezinha ideal das mães”, sobre Nevinha, tenha se dado dentro desse clima de candura, grandeza e fortaleza de uma mulher que, à época, rompera com o paradigma do espaço restrito dado à mulher que mal ousava ser mulher,

menos ainda, ser escritora ou crítica literária da obra de escritores já conceituados e já consagrados.

Nevinha Pinheiro rompe com estes paradigmas machistas da mulher como dona de casa, da mulher apenas socialmente falando como mãe. Aqui é o poeta, o principal doador do sentido que a frase encerra.

Claro que o espaço da mulher neste campo da escrita, da crítica, não alcançava um caminho pertinente com as suas qualidades. Portanto, o texto breve e rico de detalhes, dirigido à Nevinha, "mãezinha ideal das mães!" explicita a força dela como uma mulher que vai além de seu tempo.

O vocábulo "ideal" que parece fortalecer o termo "maezinha" vem agregar ainda mais os valores de Nevinha como mulher e como profissional. E é o próprio poeta quem utiliza este termo para dar a Nevinha o valor verdadeiramente humano que merecia, o valor de ser sua "mãezinha", como se fosse sua mesmo, mas conforme sua ponderação, deixava de ser exclusividade sua para ser a "a mãezinha ideal das mães".

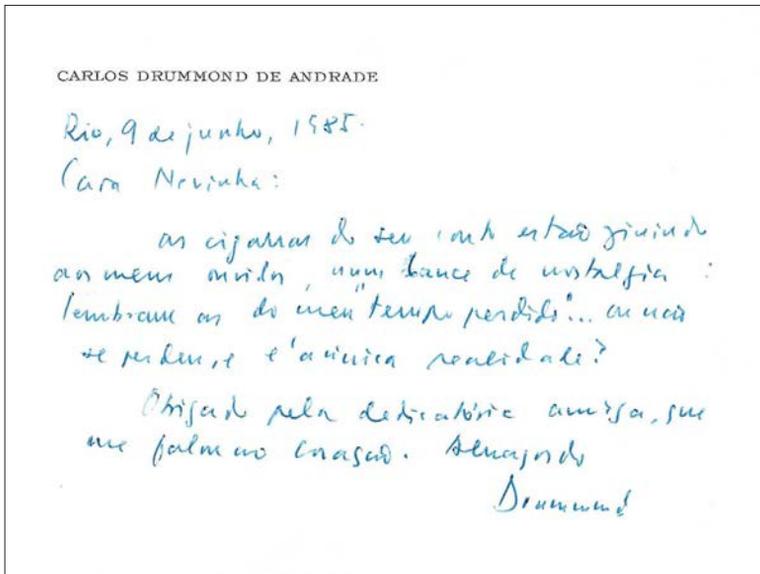
A nosso ver, o termo "ideal" pode soar na perspectiva drummondiana em vários sentidos: como "perfeita", "primorosa", "maravilhosa", "melhor", "sublime", "impecável", "exemplar", "padrão", "arquetipa" e "única".

É um termo extremamente forte e marcante que, como adjetivo, pode significar o que só existe na imaginação; no fantástico, no quimérico. Uma espécie de metáfora, de termo utilizado para designar o que possui suprema perfeição: "Mãezinha ideal das mães" é uma frase que define bem aquilo que traz a potência da beleza ideal única, mas é o poeta quem diz e, neste sentido, pode ser apenas uma definição relativa à ideia do próprio poeta sobre Nevinha; mas que só tem existência ou sentido no pensamento imaginário do poeta.

Por isso, para Bosi (1990, p.212) "a função da metáfora é 'dar sentido e paixão a corpos mortos' realizando uma operação de transporte existencial e semântico...".

A nosso ver, Nevinha Pinheiro tem potencial para ser tratada como uma jornalista cultural atuante, uma crítica contundente e uma escritora dotada de uma capacidade intelectual para poucas mulheres de sua época.

09/JUNHO/1985



*Rio, 9 de junho, 1985*

*Cara Nevinha:*

*As cigarras de seu canto estão zinando aos meus ouvidos, um  
lance*

*de nostalgia:*

*Lembram os do meu "tempo perdido"... ou não se perdeu, e é a  
única realidade?*

*Obrigado pela dedicatória amiga, que me falou ao coração.*

*Abraços do*

*Drummond*

**"As cigarras de seu canto estão zinindo  
aos meus ouvidos, um lance de nostalgia..."**

Nesta incorrespondência, o poeta é uma espécie de saudosista ao lembrar do canto de Nevinha Pinheiro como se sua crítica portasse o timbre estridente do canto das cigarras, canto afinado, canto agudo, zinindo, penetrante e permanente, conforme ele mesmo pondera "As cigarras de seu canto estão zinindo aos meus ouvidos". São muitas cigarras que se agrupam ao canto dela para fazerem barulhos nos ouvidos do poeta.

Nevinha reflete para Drummond esta qualidade da presença de muitas vozes, muitas cigarras num canto só. A nostalgia propalada pelo poeta traz em si a força de uma dor, de uma espécie de tristeza profunda ocasionada pela falta de alguma coisa ou algo. Pode ser também a sensação de saudade oriunda de suas lembranças.

Etimologicamente, o termo nostalgia é contemplado pelas expressões gregas *nostós* (regresso a casa) e *algós* (dor). Esse sentimento de melancolia pode ser ativado num indivíduo que estiver distante de seu lugar ou de pessoas amadas gerando neste indivíduo comportamentos diversos.

Assim, os pensamentos nostálgicos podem, de certa forma, estarem associados a momentos de extrema felicidade, mas a nostalgia também pode ser uma idealização. Esse estado de nostalgia, em muitos casos, vem à tona através de lembranças da infância com brincadeiras, jogos e outros bons momentos vividos.

Contudo, entendemos que o poeta ao encarar a jornalista e crítica como se ela fosse uma cigarra, o símbolo do canto estridente e agudo que se esvai pela primavera e pelo verão, trouxe para si, talvez, a lembrança, a leveza da infância, da felicidade de morar numa cidadezinha de interior coberta por árvores que davam frutos e abrigavam os insetos cantantes. As cigarras são de estações mais quentes e isso

acaba influenciando no acasalamento. Ou seja, conforme estudos de biólogos, são as cigarras machos que cantam para atraírem as fêmeas.

O poeta Drummond desabafa como se Nevinha Pinheiro tivesse o timbre cantante e atraente que o atraiu com seu canto zinzindo em seus ouvidos. Era como se o poeta fosse uma fêmea que encantada se entregara ao "galanteio" e fora completamente tomada pela sinfonia-zumbido, unissonante e monotômica do canto atraente do macho.

Um ponto interessante a destacar é o fato do poeta ser um integrante ferrenho do movimento cultural Modernista e sentir e expressar algo ligado ao Romantismo já considerado por muitos como piegas, arcaico e ultrapassado, o que só confirma o debate sobre o imbrincamento de características específicas de cada movimento inseridas um no outro.

O que corrobora, que embora haja inúmeras rupturas com determinadas características de movimentos culturais anteriores, mas que os estudiosos da Literatura acabam por indicar que há sempre a manutenção de um ou outro traço no movimento cultural seguinte, a exemplo da presença do estado de tristeza ou de melancolia que é tão fulcral no Romantismo e tão abominado tanto pelo Realismo quanto pelo Modernismo e alhures.

Entenda este pesquisador da Literatura, em sua missão "avaliando seu retorno à dupla articulação, à maneira denotativa, à mentira da transparência do objeto do signo..." (JUSTINO, 2014, p.153).

E este canto da cigarra, a nosso ver, que zumbir o tempo inteiro na audição do poeta, são as muitas, permanentes e estridentes análises que Nevinha Pinheiro fazia de seus poemas e de passagens da sua própria vida. Nevinha Pinheiro, como leitora do poeta, não calou, e adentrou, cada vez mais, de forma mais minuciosa, incisiva e profunda seus versos, suas estrofes, sua poesia.

Esta busca e esta visita permanentes de Nevinha à obra do poeta é representada por leituras cujos resultados podem significar este canto estridente. A insistência e a persistência dela, talvez, tenham sido os motivos que fizeram o poeta defini-la como cigarra.

Nevinha Pinheiro, de acordo com o olhar de Drummond, seria uma espécie de cigarra que estava para além de uma simples cantora de estações de sua obra ou mesmo como uma mera intérprete que seria decadente em seu próprio fim até estourar-se.

O sentido comparativo, dado a Nevinha Pinheiro, como uma cigarra, aqui impressiona por dois fatos: primeiro por conduzir em seu canto a natureza de ser estridente, insistente e permanente para conquistar a cigarra fêmea, e segundo, por ser esse inseto de canto agudo que insiste em cantar até sua morte, até estourar-se de tanto tentar encantar.

Este canto anunciado pelo poeta, na verdade, pode até ser entendido como algo dito de forma melódica e que fincado de forma abrupta e constante permanecia vivo em seus ouvidos trazendo lembranças, conforme ele aborda "um lance de nostalgia lembra-me os do meu tempo perdido...".

Evidente, que este olhar pode também nos remeter ao sentido não só da lembrança melódica de uma dada canção, mas à memória de ruas cobertas por árvores e frutos que serviam de palco para a sinfonia das cigarras e das crianças brincantes.

Como o poeta Drummond foi criado numa cidade de interior, talvez se explique este aparte da nostalgia que para o poeta pode ser encarada sempre na perspectiva da lembrança de um determinado som guardado no baú de sentimentos.

Claro que o poeta reflete sobre a velocidade do tempo e coloca em xeque uma abertura para pensarmos no sentido de perder ou ganhar tempo no percurso de nossa existência. O poeta se mostra nostálgico

co e abre um precedente poético para pensarmos na sua tristeza de ter perdido algo ou alguma coisa boa que ficou para trás.

Essa ideia nostálgica, sobre o som que vem e traz algo do passado, corrobora com a ideia da música como uma linguagem artística capaz de trazer esta nostalgia através das lembranças auditivas. De acordo com estudos neurológicos publicados por pesquisadores norte-americanos foi comprovado que a "música ativa diferentes funções cerebrais, o que explica de certa forma porque a música gera prazer ou desprazer" em relação às lembranças vividas em determinadas épocas.

Assim, uma música favorita faz com que mergulhemos em lembranças remotas. Quando ouvimos canções que nos reportam a coisas distantes e passadas, uma onda nostálgica invade nossos sentimentos. Talvez por isso o poeta junte canto de cigarra com nostalgia "uma espécie de nostalgia...".

Isso esclarece e demonstra o quanto Nevinha Pinheiro mexia e remexia profundamente com a alma poética de Drummond e que sua análise não era apenas e unicamente uma análise fria parcial ou imparcial que visava exclusivamente a essência da poesia em sua forma e ritmo, em sua composição gramatical, mas uma análise crítica desmetrificada e cantarolada com afinação e competência sobre a composição ora disforme, ora arredondada e bem cuidada pelo poeta.

A fala de Drummond dá a entender que Nevinha Pinheiro, enquanto crítica de sua poesia, tramitava por duas vias em sua vida de autor: uma via de aproximações com a sua intimidade, "sem ser intimista", com a sua espiritualidade, zinindo através de críticas às suas criações e, outra via que minava o encanto maternal no sentido de dilacerar certa conjunção entre amizade e respeito ao volver seu olhar não apenas para sua obra, mas, sobretudo, para ele mesmo como uma "mãezinha" que olha ternamente e atentamente para seu "filho" que cresce e decresce paulatinamente.

Nevinha Pinheiro, com sua análise permanente e insistente, des-  
perta no poeta os sons que talvez adormecidos em sua infância, em  
sua adolescência, em sua juventude vieram à tona a partir dessas  
leituras infindas feitas por ela. E isto reportou, conforme pondera o  
próprio poeta, a um tempo passado ou remoto "perdido".

A escritora e jornalista paraibana, em suas análises, mexe fundo  
com a alma e a lembrança do poeta. Estes vieses, sem dúvida, remon-  
tam a memória do poeta a favor de coisas belas, de coisas boas de sua  
infância, de sua vida em sua pacata cidade de interior, Itabira-MG.

Talvez, o mergulho proposto pela jornalista e crítica, tenha levado  
o poeta a indagar ainda mais sobre o que poderia ser essa realidade  
presente em relação ao que definiu como "tempo perdido", jogando  
com uma dubiedade, com um dualismo que envolve esse tempo de-  
finido como "perdido", mas que entra em choque entre perder e não  
perder "ou não se perdeu, e é a única realidade?" colocando em jogo o  
presente e o passado como tempos verbais que movimentam a sen-  
sibilidade humana.

Será que o tempo perdido foi perdido ou não? Será que este tem-  
po perdido ou não, é a razão que mobiliza as certezas ou as incerte-  
zas do ser humano diante do prazer de viver a vida?

Certamente são respostas que a própria poesia se encarrega  
de lançar mão para fazer fluir sua razão de ser plurisignificativa e  
atuante na reflexão sobre as coisas do mundo.

Nostalgia é um termo escolhido e abordado pelo poeta que apon-  
ta um caminho interessante para pensarmos nessa via nostálgica  
como algo ligado e intrínseco à sua idade já bem avançada. A nos-  
talgia poderia ser pensada como algo inerente a alguém que anda  
doente tomado e tombado por antibióticos, e, que, vez por outra, está  
acamado, internado. Era como se a alma pulasse, a inteligência bor-  
bulhasse, mas o corpo doía e caía, vez por outra, como que acenando  
despedida.

É uma expressão, a nosso ver, que conduz uma marca muito forte das nuances da linguagem por mobilizar em seu cerne a preservação da memória. Assim, a nostalgia pode ser pensada como uma espécie de grade do passado ou do presente que encarcera as pessoas que não conseguem ver a atualidade como algo necessário e mais avançado para o ser humano.

Por fim, no agradecimento pela dedicatória de Nevinha Pinheiro, o poeta deu a entender, em sua confissão, que a dedicatória da jornalista tocou profundamente seu coração e ativou suas mais remotas lembranças, daí a nostalgia. A intimidade literária entre ambos é tão intensa a ponto do poeta confessar que a referida "dedicatória lhe fala ao coração...".

A resiliência do poeta em relação a Nevinha Pinheiro mostra o quanto ela foi importante em alguns momentos de sua trajetória literária. A comunicação entre ambos se dá num determinado percurso da criação de Drummond. Nevinha como jornalista e crítica literária ganhou a credibilidade, a confiança e a atenção de Drummond devido seu elevado nível de interpretação crítica no entorno de sua obra.

04/JANEIRO/1986

Rio, 4 de janeiro, 1986.

Nevinha querida:

respondo, por querer, Caríssimo: não só gostei do  
que você escreveu sobre Sociedade em face dos poemas  
de cordel como gosto de tudo que me vem da sua pena  
e do seu coração: tudo ideal, aberto em hospitalidade,  
espontâneo e sincero. Possui também uma  
documentação sobre o Objeção no Escritório.  
De vez em quando gostaria, apenas em desamor, de  
ocultar a pluma, fevor, miséria. Obrigado!

Drummond

Rio, 4 de janeiro, 1986

Nevinha querida:

*Respondo, por querer, claríssimo, não só gostei do que você escreveu sobre João-Joana em face dos poemas de cordel como gosto de tudo que me vem da sua [ilegível] e de seu coração, tudo leal, aberto em cordialidade, espontâneo e generoso. Assim também com o comentário sobre o observador no escritório.*

*De você não tenho queixa, agravo ou [ilegível]. Só carinho e glória, flores, músicas. Obrigado!*

*Drummond*

*"Como gosto de tudo que me vem da sua [ilegível]  
e de seu coração, tudo leal, aberto em cordialidade..."*

Nesta comunicação, reitera-se e corrobora-se com o nível do diálogo entre Drummond e Nevinha. O poeta toma como mote de sua escrita um outro texto de análise que Nevinha havia enviado sobre um poema seu, "O observador do escritório" para sua apreciação.

Aqui, explicita-se o nível de ambos a partir do hipertexto onde o poeta se utiliza de um texto enviado por Nevinha Pinheiro para escrever outro que se refira ao que fora escrito. Desse modo, o hipertexto atua como uma espécie de intextualidade que, por sua vez, pode ser encarado como um recurso linguístico que atribui uma analogia entre no mínimo dois textos ou mais.

As considerações do poeta, sobre a referida crítica a tal texto seu, remonta um quebra cabeças sem fim, um tecido semiótico que pode nos conduzir a vários significantes em torno dessas correspondências extremamente ricas e que, de certa forma, abrem inúmeras janelas para que se tenha acesso aos tantos significados no entorno de uma obra. Portanto, significado e significante são pares que se bifurcam conforme a terminologia saussuriana.

Isto, sem muitas delongas, comprova o nível da comunicação que vimos debatendo ao longo das correspondências em foco, cujo objetivo é destacar a importância de Nevinha Pinheiro como crítica da obra de Drummond, o que dilacera, conforme já abordamos anteriormente, o rompimento com o paradigma que envolve a relação do crítico tradicional com o autor de uma obra analisada. Relação esta que normalmente é permeada por uma certa mágoa, uma certa

oposição do autor que, muitas vezes, não concorda, nem se alia com a leitura do crítico por ser seca, árida, metrificada e que mantém distância para simular imparcialidade.

A qualidade da crítica de Nevinha Pinheiro, conforme podemos perceber, revela o encanto de Carlos Drummond de Andrade que, em referência à análise ao seu texto, assim se expressou "Não só gostei do que você escreveu sobre João-Joana em face dos poemas de cor-del como gosto de tudo que me vem da sua [ilegível]".

Destarte, percebe-se que nas entrelinhas da incorrespondência em estudo, poderia se estabelecer uma indagação que soasse como uma espécie de consulta sobre o que escreveu Nevinha Pinheiro a partir do que escrevera Drummond.

Claro que está explícito o encanto de Drummond pelas leituras críticas da jornalista de Serra Redonda. O poeta mineiro confirma com todas as forças que "Gosta de tudo" que vem de Nevinha Pinheiro.

O poeta se refere à qualidade de sua crítica sobre suas personagens da seguinte forma: "Assim também com a leitura sobre O observador no escritório". Portanto, explicita-se o potencial da força de Nevinha no tocante às suas leituras críticas.

Em todas as incorrespondências de Drummond para Nevinha Pinheiro percebe-se que há uma unanimidade no *ethos* discursivo do poeta ao corroborar, e querer, sobretudo, disseminar as qualidades inerentes à escrita da crítica da jornalista.

Entendemos que os termos, "coração", "leal", "aberto", "cordialidade", "espontâneo" e "generoso", são expressões, que com profundidade, permeiam a obra dos poetas, em especial a obra de Carlos Drummond de Andrade, que como alvo de várias análises, passa a ser uma das referências da qualidade da crítica de Nevinha Pinheiro. Ou seja, é a crítica de Drummond à crítica de Nevinha Pinheiro que chama nossa atenção.

E isto demarca um momento incomum e ímpar, momento em que um criticado passa a ser a referência de uma determinada crítica pela qualidade dessa crítica. É como se o criticado se sentisse lido, valorizado ou acertado pela crítica em sua análise.

Aqui, nesta incorrespondência, entra em cena um ponto que sugere que pensemos, sobretudo, na relação entre o crítico e o criticado, na relação da crítica de Nevinha Pinheiro com o poeta. Drummond migra da posição de criticado para a posição de exaltador e maior elogiador da qualidade crítica da jornalista.

Esta relação, a nosso ver, desfaz todo o paradigma da relação entre o crítico e o criticado e que é tão permeada pela crise de antipatia e distanciamento humano entre ambos. Aqui entra em cena um de nossos objetivos que é ressaltar a potência da crítica de Nevinha Pinheiro a partir da qualidade da crítica de Drummond em relação à sua crítica. Ou seja, o reconhecimento de uma pancada bem dada por um crítico, pelo criticado.

Há nas correspondências entre ambos a presença de um debate que movimenta o respeito e a admiração de um para com o outro e nesta migração de opiniões do criticado para o crítico, em geral, sempre houve um abismo que separa os dois numa trágica relação fundada apenas nas guerras entre letrados, o que, evidentemente, não ocorreu na relação entre Drummond e Nevinha Pinheiro.

22/MARÇO/1986

Rio, 22 de março, 1986.

Querida Nevinha:

estou perplexo com essa que o Correio nos arrumou. Recebi, sim, em tempo, o registrado contendo o livro para dedicatória. Demorei a devolvê-lo porque tenho andado e continuo doente, com mínima capacidade de ação. Por sinal que devolvi também os selos, sorrindo do seu excesso de cuidados. E juntei mais um exemplar, dedicado a você.

Agora a notícia de que a encomenda não chegou ao seu destino me deixa surpreso e indignado com o Correio, que vinha gozando até aqui da minha plena confiança. Há muito tempo que venho expedindo livros pelo porte comum e classificação de "êmpresso", como é de uso corrente. E nunca houve extravio nenhum. Agora, logo conosco, aconteceu isso. Droga !

Me mande novamente, por favor, o nome da pessoa a quem devo fazer a dedicatória, e eu enviarei logo outros dois exemplares. Desculpe a chateação que lhe dei querendo demonstrar que o Correio funciona bem, mesmo sem registro de correspondência.

O abraço carinhoso do seu amigo encabulado

*Drummond*

Rio, 22 de março de 1986

Querida Nevinha:

Estou perplexo com essa que os correios nos arrumaram, recebi sim, em tempo o registrado contendo livro para dedicatória. Demorei a devolvê-lo porque tenho andando e continuo doente com mínima capacidade de ação por sinal que devolvi também os selos sorrindo do seu excesso de cuidados. E juntei mais um exemplar, dedicando a você.

Agora a notícia de que a encomenda não chegou ao seu destino me deixa surpreso e indignado com o correio que vinha gozando até aqui de minha plena confiança. Há muito tempo que venho expedindo livros pelo porte comum e classificação de "impresso" como é de uso corrente. E nunca houve extravio nenhum. Agora, logo conosco, aconteceu isso. Droga!

Me mande novamente por favor o nome da pessoa a quem devo fazer a dedicatória e eu enviarei logo dois exemplares. Desculpe a chateação que lhe dei querendo demonstrar

Que o Correio funciona bem, mesmo sem registro de correspondência.

Um abraço carinhoso do seu amigo encabulado

Drummond

***"E nunca houve extravio nenhum.  
Agora, logo conosco, aconteceu isso. Droga!"***

Uma crise na correspondência entre Drummond e Nevinha Pinheiro mudou o foco do poeta que era de tecer elogios às leituras que a jornalista fazia de seus inúmeros poemas.

Neste momento, o poeta passa a demonstrar, ou melhor, demarcar e confirmar sua insatisfação com a questão da velocidade da comunicação à época que ocorria por intermédio da escrita, do telégrafo, dos Correios, do Jornal, do Rádio, do Telefone e da Televisão que andavam conforme suas próprias políticas de alcance da população como um todo.

É evidente que a comunicação sempre sofrera de lentidão em tempos remotos. Os Correios, preferencialmente, eram máquinas de levar e trazer, de apressar ou retardar comunicações, o que faz com que o poeta desabafe da seguinte maneira "Querida Nevinha: Estou perplexo com essa que os Correios nos arrumaram, recebi sim, em tempo o registrado contendo livro".

Essa perplexidade expressa pelo poeta, diz muito, ou no mínimo aponta para outra possibilidade, uma vez que diz "recebi sim em tempo", demonstrando a precisão dos Correios, o que nos leva a inferir que sua perplexidade não se tratava de algo relacionado apenas ao atraso, ao tempo na entrega da correspondência, mas de outra responsabilidade atribuída pelo poeta aos Correios da época, a de entregar encomendas diversas.

Essa perplexidade também revela algo ligado ao sumiço de alguma correspondência, talvez de um livro com dedicatória, conforme corrobora Drummond "Agora a notícia de que a encomenda não chegou ao seu destino me deixa surpreso e indignado. Logo conosco, aconteceu isso. Droga!".

Portanto, a crise que Drummond instaura com os Correios revela sua indignação com a comunicação não efetivada, não realizada, embora ele confesse que os Correios até ali gozavam de sua admiração e confiança. Além do sumiço da correspondência, o poeta alega lentidão nas entregas, lentidão esta que sempre foi motivo de sua reclamação em algumas correspondências que se tornavam incorrespondência devido a essa imprecisão no tempo da entrega.

A seu ver, os atrasos causavam lacunas irremediáveis no avanço da comunicação da época. Mas de certo modo, quer seja em função de uma coisa ou outra, houve sim, a perplexidade do poeta que pode até ser medida por um termômetro que indique a temperatura da comunicação entre ambos através dos Correios.

Há uma crítica expressa do poeta aos Correios. Uma crítica que vez por outra era sinalizada nas incorrespondências com Nevinha, dando a entender que ambos sofriam, como comunicadores, com a lentidão dos Correios em suas correspondências. Era como se as ideias de ambos, a depender dos Correios, andassem a passos lentos e chegassem quase sempre fora do tempo de cada um e fora do tempo que uma comunicação eficaz necessitava para se fazer valer.

O mais fascinante é notar o quanto o poeta e a crítica literária, Nevinha Pinheiro, discutiam as coisas às suas voltas. Isto só demonstra, conforme insistimos anteriormente, que a conversa que minava a amizade entre os dois, ia além dos trâmites literários. Este "além" diz respeito exclusivamente à relação da jornalista com os poemas e alguns pontos de vista de Drummond sobre religião, política e etc.

Deste modo, esta conversa crítica sobre os Correios, se deu, provavelmente, em duas vias: o atraso na difusão de uma dedicatória do seu livro para alguém de Nevinha Pinheiro, como também, em detrimento do sumiço de uma certa encomenda e isso fica claro devido ao contexto da conversa entre ambos.

Também, percebe-se a predominância do tema da doença. O poeta está sempre se queixando e lamentando suas limitações físicas, suas limitações para a escrita e para as coisas do dia a dia. Outro tema interessante que surge na abordagem do poeta é sobre "a classificação de impressos" que tem sido uma de suas opções para suas postagens. A incorrespondência de Drummond se fossiliza na seguinte expressão "Agora a notícia de que a encomenda não chegou ao seu destino me deixa surpreso e indignado...".

29/ABRIL/1986

Querida Nevinha:

fico muito satisfeito de saber que você está escrevendo, com gosto e devoção, um livro sobre Bandeira. As homenagens verbais que o centenario suscita somem no ar, as palavras que o livro ficará para o futuro.

De fato, pelo telefone, concordei com a ideia de Sulzby da Moura, e não calarei atrás, embora confesso a você que sei pouco sobre por uma escola de samba e uma coisa que jamais me passou pela cabeça. Faça-se a vontade de Sulzby, com a colaboração amiga de você. Desde que eu não seja obrigado a desfilar na Moura de Sapucaí, tudo bem...

Abraço apertado e afetuoso de seu amigo

Drummond

Rio, 29. IV. 1986

29/ABRIL/1986

Querida Nevinha:

*Fico muito satisfeito de saber que você está escrevendo, com gosto e devoção, um livro sobre Bandeira. As homenagens verbais que o centenário suscita somem no ar, aí penso que o livro ficará para o futuro.*

*De fato, pelo telefone, concordei com a idéia do julinho da Mangueira, e não voltarei atrás, embora confesse a você que ser homenageado por uma escola de samba é uma coisa que jamais me passou pela cabeça. Faça-se a vontade de Julinho com a colaboração amiga de você. Desde que eu não seja obrigado a desfilar na Marquês de Sapucaí, tudo bem...*

*Abrços agradecidos e afetuosos do seu amigo*

*Drummond*

*Rio, 29.IV. 1986*

**"Fico muito satisfeito de saber  
que você está escrevendo um livro sobre Bandeira"**

Nesta incorrespondência de Drummond, há uma retomada da produção de Nevinha Pinheiro quando o poeta explana e explicita sua alegria sobre a produção de um livro dela sobre Manuel Bandeira "Fico muito satisfeito de saber que você está escrevendo um livro sobre Bandeira. As homenagens verbais que o centenário suscita somem no ar, aí penso que o livro ficará para o futuro". Aqui percebe-se o grau de entrosamento literário entre o poeta e a jornalista.

Isto corrobora que as correspondências não eram exclusivamente sobre a produção de Carlos Drummond de Andrade, mas também sobre o que produzia Nevinha Pinheiro que como exímia escritora estava sempre a mostrar o que escrevia ao poeta. Entre uma correspondência e outra, explicita-se o quanto Nevinha era ousada, não só por adentrar o universo da criação de um dos maiores poetas da Literatura nacional, mas sobretudo, por estar sempre produzindo algo escrito para mostrar-lhe.

Veza por outra, Nevinha produzia algo e comunicava ou mostrava ao poeta, o que corrobora que ela não beirava apenas a análise dos poemas de Drummond. Além de seus textos críticos sobre a obra drummondiana, também cuidava de uma produção pessoal intensa sobre grandes vultos da Literatura brasileira. O que é perceptível entre uma pista e outra nas correspondências em estudo.

Em seguida o poeta faz uma abordagem sobre a voz. Abrimos um parêntese para esclarecermos que aqui, dialogam, nas sequências de correspondências, como suportes para a comunicação, a datilografia, o manuscrito e a voz.

Alguns destes meios de comunicação viraram assuntos de museus e já estão disvinculados, ou seja, desconectados dos meios midiáticos e acabaram, em alguns casos, completamente esquecidos

e vencidos pela velocidade da modernidade líquida que Bauman (2003), enquanto sociólogo, preconiza sobre essa "nova época em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis como os líquidos" que se esvaem e inundam a forma de se comunicar da sociedade contemporânea.

O Telefone como um grande advento do século passado, passou a ser um recurso, um suporte que ajudou às pessoas, em particular a ambos, a manterem os seus diálogos vivos, já que, como o próprio poeta afirma em incorrespondências anteriores, a escrita já não era sua opção para dialogar com a jornalista.

Portanto, preservando o caminho da voz, que conforme Paul Zumthor (1995) é um suporte que antecede a escrita, será mantido todo o debate à luz desta voz drummondiana transcrita em manuscritos e em anotações e que foram preservadas pela própria jornalista.

Assim, trataremos deste recurso de comunicação, o Telefone, no próximo capítulo porque é a partir deste suporte que Nevinha Pinheiro conseguiu preservar o diálogo e manter o nível da conversa que permeava este encontro fenomenal. Portanto, conforme a jornalista, para que a comunicação não perecesse, não findasse entre ambos, houve uma busca pela extensão do diálogo através dos fios telefônicos.

O Telefone. A conversa, o diálogo pela via telefônica, era o preferido dele no momento. Nevinha Pinheiro vendo a fragilidade do poeta e sua indisposição para continuar dialogando pelo viés da escrita, acabou sendo genial, no sentido de manter viva as conversas, de manter viva a memória do poeta a partir dos debates que versaram sobre tantas coisas interessantes através do Telefone.

Assim, Nevinha Pinheiro, conforme já abordado anteriormente, pede e é autorizada a transcrever todas as conversas com o poeta.

Drummond já não optava mais pela comunicação com Nevinha via escrita, uma vez que a datilografia e os manuscritos, já não o interessava devido às suas limitações físicas. Por isto, o Telefone passa a ser tema de conversas para futuras outras conversas. O Telefone passa a ser uma "máquina de guerra" para as pessoas e para o Estado, esta expressão "máquina de Guerra" já era veiculada por autores dos anos de 1970 que encaravam a expressão para discutir mais precisamente a "organização política".

No entanto, para Deleuze-Guatarri (1980) "trata-se, nessa perspectiva, de deslindar como a crítica da forma-partido aparece intrinsecamente vinculada ao delineamento de uma lógica de composição e operação das organizações capazes de atuar exteriormente à burocracia do aparelho do Estado".

O Telefone é um recurso da comunicação que decreta uma guerra a outros recursos da mídia na época, preconiza uma guerra midiática que se apresenta como um rizoma que pode ser entendido como o "que acontece com a maioria das teorias: elas reduzem a multiplicidade a seu objeto. É o pensador que quer organizar o mundo a partir de sua perspectiva, o pesquisador obcecado pela origem, é o cientista buscando a equação definitiva...".

Assim, a escrita, a datilografia, os manuscritos são recursos comunicativos que a partir de suas decadências acabaram dando margem para outras evoluções e revoluções midiáticas, a exemplo do Telefone à época.

Nesta incorrespondência, há uma abordagem que nos chamou bastante a atenção que foi o nível ou o potencial de Nevinha Pinheiro, como paraibana "arretada", para intervir na capital do samba, Rio de Janeiro e, sobretudo, intervir na Escola de Samba mais conhecida do Brasil, "a Mangueira".

O debate com Nevinha Pinheiro, ligado ao conteúdo da conversa sobre a Escola de Samba e sobre o Carnaval, é fascinante,

principalmente, por ela se meter com uma temática que não era de sua raiz cultural nordestina.

Ela, uma paraibana do forró, do xaxado, do repente, das cantorias, do cordel, com suas culturas musicais e rítmicas completamente diferenciadas, intervindo numa modalidade que não era sua praia cultural. Mas isto só engrandece o perfil de Nevinha Pinheiro, cuja capacidade intelectual lhe dava suporte para dialogar com qualquer linguagem. Portanto, mais uma vez esta veia interdisciplinar volta a pulsar nas veias de Nevinha Pinheiro.

Mas conforme Certeau (1995, p.10) "a cultura não é nem um tesouro a ser protegido dos danos do tempo, 'nem um conjunto de valores a serem defendidos' ela significa simplesmente 'um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social'".

Portanto, embora a cultura de cada ser possa ser considerada como algo impregnado de sua região, algo inerente até mesmo à sua forma de se expressar, para Certeau (1995, p.19) "a cultura pode ser pensada como uma proliferação de invenções em espaços circunscritos...".

A Escola de Samba de "Mangureira", neste momento, estaria prestando uma grande homenagem ao poeta Drummond. Uma homenagem em vida pulsante. Foi um momento em que a Escola de Samba escolheu o poeta como sua inspiração maior e por incrível que possa parecer, foi Nevinha Pinheiro, a fonte maior de toda a montagem do samba-enredo e de tudo que dissesse respeito ao poeta de Itabira.

Agora, o poeta desfilaria e destilaria seu ódio, seu amor, seu olhar sobre o Brasil e sobre o mundo. À toda sua obra e à sua concepção de vida, seria feita uma homenagem que estaria exposta no pódio da alegria carnavalesca. O poeta agora seria mostrado em ritmo de alegria e a maior alegoria da Escola de Samba seria a sua própria produção, sua própria vida.

E eis que entra mais uma vez, na vida do poeta, a gana, a força, a virilidade e a sagacidade da inteligência de Nevinha Pinheiro que agora passaria a atuar em toda a montagem desta grande homenagem que seria feita a Carlos Drummond de Andrade.

O poeta assim se expressa em relação a esta homenagem "Embora confesse a você que ser homenageado por uma escola de samba é uma coisa que jamais me passou pela cabeça..." aqui paira a maior surpresa do poeta que agora seria tema de uma festa mundial e tipicamente carioca, brasileira, o Carnaval, que é esta expressão cultural brasileira reconhecida no mundo inteiro. O poeta desta vez, estaria entre o samba, a alegoria, a plateia televisiva, o rádio e tudo ao vivo.

Portanto, chamamos atenção para a importância do Carnaval, com sua alegoria, a partir de estudos que caracterizam esta festa como objeto de uma simbiose que traduz os movimentos semióticos nacionais.

O ritmo, a mulata, o requebrado, os instrumentos, as cores, as serpentinhas, os confetes e as marchinhas arrancaram o poeta da sua zona de conforto, de sua quietude poética, onde a poesia, como sua marca maior, o fazia desfilhar como um tímido, como um isolado e silencioso eremita das letras.

Portanto, o poeta surpreso, mas lisonjeado e vaidoso de poder "desfilhar", escorrega sutilmente da passarela obscura das letras para o tapete do samba. Esta homenagem, realmente, era algo inimaginável para Drummond.

O mais fascinante nesta incorrespondência é a prova cabal da força de Nevinha Pinheiro na vida poética ou na via dos versos de Drummond, que ao se referir à homenagem, assim se expressa, como que para corroborar ainda mais com a importância de Nevinha Pinheiro "Com a colaboração amiga de você".

E é essa "Colaboração" de Nevinha Pinheiro, sobre a obra e a vida de Drummond, que rende a vitória à Escola de Samba, à Estação Primeira de Mangueira. A Escola de Samba do genial Noel Rosa, agora, teria Drummond no cenário de 1987.

Nevinha Pinheiro teve o aval do poeta para corroborar na montagem de tal homenagem que foi vitoriosa. Por fim, o poeta assim se expressa sobre o medo de se expor "Desde que eu não seja obrigado a desfilar na Marquês de Sapucaí, tudo bem..."

Neste momento, o poeta dá pistas da responsabilidade de Nevinha Pinheiro perante a montagem de sua vida e de sua obra e que em breve sairiam dos livros para desfilar em uma das festas mais populares do povo brasileiro.

Assim, Drummond emerge na mídia. Saiu das Escolas de Ensinos para Escolas de Sambas ao ser lembrado e homenageado nacionalmente. O poeta demonstrou dúvidas, mas ressaltou que seja feita a vontade da organização do referido Carnaval.

A frase que fecha sua incorrespondência a Nevinha diz o quanto ela fora fundamental nesta montagem, "Com a colaboração" de você, são termos que o próprio poeta nomeia para responsabilizar a parai-bana nesta tarefa.

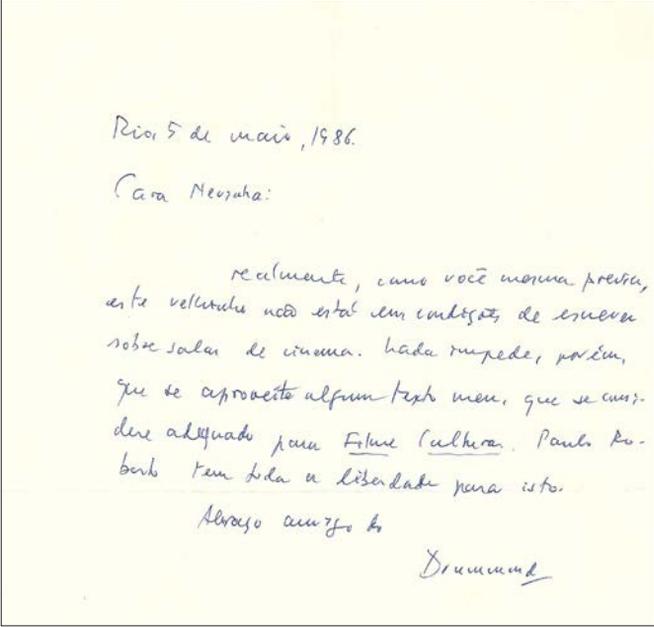
Assim, percebe-se que a crítica de Nevinha Pinheiro transitou pelos âmbitos intelectuais e penetrou a popularidade a partir de sua colaboração na montagem da apresentação carnavalesca. Esta "colaboração" a qual Drummond se refere diz respeito às pesquisas e leituras que ela detinha sobre sua vida e sua obra e que foram fundamentais para a vitória da "Verde-rosa".

Nevinha Pinheiro é a responsável por todas as informações repassadas à direção da referida Escola de Samba, o que demonstra, que por ser uma leitora crítica da poesia drummondiana, foi fundamentalmente responsável pelos recortes e informações sobre a vida

e a obra dele para a vitória da "Mangueira". Deste modo, fica claro o quanto a escritora paraibana influenciou e foi imprescindível na crítica à obra do poeta e o quanto suas leituras feitas foram centrais para a montagem do espetáculo carnavalesco.

Assim, a incorrespondência de Drummond é encerrada com o lugar comum de seu enredo final, o seu respeito e sua gratidão à jornalista paraibana: "Abraços agradecidos e afetuosos do seu amigo".

05/MAIO/1986



Rio, 5 de maio, 1986.

Cará Neuzinha:

realmente, como você mesma presta, este velhinho não está em condições de escrever sobre salas de cinema. Nada impede, porém, que se aproveite algum texto meu, que se considere adequado para Filme Calhera. Paulo Roberto tem toda a liberdade para isto.

Abraço amigo ao

Drummond

Rio, 5 de maio, 1986

Cara Nevinha:

Realmente como mesma você previa, este velhinho não está em condições de escrever sobre sala de cinema. Nada impede, porém que se aproveite algum texto meu, que se considere adequado para Filme [ilegível]. Paulo Roberto tem toda a liberdade para isto.

Abraço amigo do

Drummond

*"Realmente como mesma você previa, este velhinho  
não está em condições de escrever sobre sala de cinema"*

Aqui, há uma comunicação leve, com poucas palavras, o que já vinha sendo comum em algumas incorrespondências anteriores.

Veza por outra, suas incorrespondências versavam sobre diversas temáticas, conforme já discurremos, mas aqui, particularmente, a escassez de palavras e a vazão de temáticas mais abrangentes se restringem a reclamações sobre idade, "velhinho", e sobre indisposição para escrever: "Não está em condições de escrever".

Segundo, a própria expressão de Drummond, percebe-se de imediato, a constância do grau de intimidade que Nevinha Pinheiro detinha sobre a obra do poeta. Isto pode ser confirmado quando o poeta pondera "Realmente, como você mesma previa..."

Portanto, é Nevinha quem prevê, quem profetiza a posição do poeta em relação a escrever sobre a sala de cinema, o que a nosso ver, talvez, fosse uma espécie de pedido surgido para que o poeta escrevesse um roteiro, um texto ou algo parecido para "sala de cinema", ou algo para ser montado no cinema e que provavelmente a jornalista tivesse opinado dando uma previsão sobre a aceitação ou não do poeta para tal missão, o que faz com que ele assim se expresse para Nevinha "Este velhinho não está em condições de escrever sobre sala de cinema". Porém ressalta, "Nada impede, porém que se aproveite algum texto meu, que se considere adequado para Filme".

O poeta mais uma vez, dá a prova cabal de sua ética, não se aventura a este feito, dialogar com o cinema, quer como crítico, quer como roteirista, conforme não se dispôs a falar sobre o romance de Nevinha Pinheiro por não ser autoridade na prosa quando foi intimado por ela para tal missão.

Com certeza, pode-se aludir que o poeta foi sondado, foi procurado para desenvolver algo com esta linguagem, mas sua ética de

homem ligado à poesia não permitiu que se aventurasse a se meter em outras áreas.

Assim, fica explícito a força da influência de Nevinha Pinheiro na produção do poeta, é como se ambos tivessem o compromisso e a responsabilidade, a partir das correspondências trocadas, de intervir de forma livre na produção um do outro. As opiniões construtivas da jornalista acabavam intervindo ou influenciando na escrita do poeta.

O que se percebe é que Nevinha atuou como uma espécie de vidente que a quase tudo previa, em relação ao debate que tinham sobre seus projetos, o que pode ser confirmado na atenção que o poeta dava tanto às suas críticas, quanto às suas opiniões pessoais em relação a si e à sua obra.

Drummond na presente incorrespondência revelou sigilos, a ponto de revelar a Nevinha Pinheiro, sua confidente e crítica, o nome do homem que seria responsável pelo suposto filme "Paulo Roberto tem toda a liberdade para isto".

O que se propõe, semioticamente falando, é que neste momento seja feita uma espécie de montagem a partir de signos que obedeçam a uma lógica que remeta a diversas interpretações sobre qual teria sido a previsão de Nevinha sobre Drummond e o cinema. Por isso, Drummond retoma e reconhece a força da opinião dela, em relação a não aderir à linguagem cinematográfica.

Provavelmente, a escritora paraibana tenha ousado dar opiniões contundentes sobre a obra do poeta no cinema. Claro que o "velhinho" tinha competência para remontar-se a partir de qualquer linguagem. A linguagem poética, a qual se dedica, tem um grau bastante acentuado de possibilidades de diálogos com outras linguagens, a exemplo da linguagem cinematográfica.

08/JUNHO/1986

Rua. 8 de junho, 1986.

Querida Nevinha:

estou impressionado com o trabalho que  
você está fazendo com esse projeto de lançamento  
da Mangueira. Será que não se dedica em  
excesso a uma causa de resultado duvidoso?

Sim, duvidoso, pois não se pode garantir  
de que as maiores da Escola aceitem a ideia  
do mestre Salgado, e nesse caso é todo um  
esforço pessoal de você que se perde.

De qualquer jeito, se isso ficar agradável,  
é muito, por esse lado é conveniente  
empurrar em levar o poeta à glória  
do Camarões, com sacrifícios de outras coisas mais gra-  
tificantes. Abraço carinhoso do  
Drummond

P.S. - Já fiz um carta pra você o Correio  
Manguense, aprom de manhã, um tema - curador  
Drummond e camarões - para, Nevinha! Você  
levar a sério a coisa. Sem problemas... e  
encabulado

Rio, 8 de junho, 1986.

Querida Nevinha:

Estou impressionado com o trabalhão que você está [ilegível] com esse projeto de carnaval da Mangueira. Será que não se dedica em excesso a uma causa de resultado duvidoso?

Sim, duvidoso, pois não se pode ter certeza de que os [ilegível] da Escola aceitem a ideia do mestre Julinho, e nesse caso é todo um esforço generoso de você que se perde.

Da minha parte, só posso ficar agradecido, e muito, por esse livre e comovente empenho em levar o poeta à [ilegível] do carnaval, com sacrifício de [ilegível] tarefas mais gratificantes.

Abraços carinhosos do

Drummond

P.S... Ia fechar esta carta quando o Correio me trouxe, agora de manhã, o seu tema-enredo [ilegível]- puxa Nevinha! Você levou a sério a carta. Estou gratíssimo... e encabulado.

D

**"Estou impressionado com o trabalhão que você está...  
com esse projeto de carnaval da Mangueira"**

Nesta carta, Drummond retoma a discussão sobre a pesquisa que Nevinha Pinheiro estava fazendo sobre sua obra para a Escola de Samba de "Mangueira" e fala de sua impressão sobre o trabalho dela para o Carnaval do Rio de Janeiro: "Estou impressionado com o trabalhão que você está [ilegível] com esse projeto de carnaval da Mangueira". Realmente aqui explicita-se mais uma vez o potencial da paraibana no trabalho que estava a desenvolver para o maior Carnaval do Brasil.

Todo este "trabalhão" desenvolvido pela jornalista tem o espanto e, sobretudo, as melhores impressões do poeta sobre o seu talento. Acredita-se que o desempenho dela nesta nova empreitada, fez com que o poeta se aproximasse, aguçando e estreitando ainda mais o nível de amizade entre os dois.

Tanto é que se verificarmos na sessão do "Cronograma das correspondências", perceberemos que o ano que antecede o Carnaval, 1986, é o mais intenso da comunicação entre ambos. Neste momento, a comunicação entre ambos chega a ser, mês a mês, o que não era comum. Assim, as correspondências correram numa velocidade diferenciada, como que numa pressa imprescindível para que o planejamento do projeto do Carnaval estivesse pronto a tempo.

Nesta expressão do poeta dá para se medir o nível e a dimensão da responsabilidade da jornalista para com ele neste momento tão singular desta relação.

O mais interessante de se destacar na incorrespondência, são os termos que Drummond utiliza para se referir ao trabalho que a jornalista desenvolvia para o Carnaval carioca: "trabalhão", "projeto de carnaval", "excesso", "resultado duvidoso", "certeza", "comovente empenho".

Estes termos despertam atenção, uma vez que fortalecem e corroboram ainda mais para a força que Nevinha Pinheiro detinha sobre a obra e a vida de Drummond e que agora estariam configuradas na festa mais popular do Brasil. Isto acabou por estreitar ainda mais os laços de conhecimentos mútuos entre o poeta e a jornalista.

Aqui o poeta deixa transparecer a sua admiração que é perene e que é tão recorrente em toda comunicação com Nevinha Pinheiro. Assim, nesta incorrespondência a admiração despojada deflagrada pelo poeta revela este algo novo na conversa entre os dois.

Os termos que integravam o campo semântico e que os uniam, agora ganham novos aliados semióticos: "Carnaval", "Escola de Samba", "Sapucaí", "Desfile", "Alegoria", "Samba-enredo", "Mulatas" e é evidente que a presença destes novos termos no vocabulário deles, passa a dar outra força, uma espécie de novo fôlego ao diálogo com mais alegria, com mais movimento, e, acima de tudo, com a abordagem de uma dúvida que movia o poeta sobre a referida Escola de Samba aceitar ou não, conforme ele mesmo, as ideias de Nevinha Pinheiro.

Agora, pela primeira vez, apesar de tantos elogios, entre a jornalista e o poeta criticado e analisado, ele deixa escapar o lugar no qual colocara Nevinha Pinheiro. No lugar da disputa entre as ideias dela e as ideias de Julinho da Mangueira, que ao ver do poeta, caso a Escola aceitasse as ideias deste carnavalesco, todo o "trabalhão" de Nevinha Pinheiro iria por água abaixo.

Nesse caso, percebe-se claramente que há duas orientações para a referida montagem da obra e da vida do poeta na passarela do samba: uma mirada por Nevinha Pinheiro com todo o apoio e reconhecimento do poeta e uma de Julinho da Mangueira claramente amparada pela cúpula da Escola de Samba de Mangueira.

O respeito e o reconhecimento de Drummond por Nevinha foram revelados de forma espontânea e sábia. Ao ver do poeta, a jornalista

tinha suas ideias ameaçadas com possibilidades de não serem aceitas pela cúpula da renomada “Mangueira”.

Desse modo, o poeta expressou suas dúvidas e alertou a Nevinha de que toda sua pesquisa, no entorno de sua obra e sua vida, poderia ser em vão “Sim, duvidoso, pois não se pode ter certeza... e nesse caso é todo um esforço generoso de você que se perde”.

Vejam que há uma humanidade, um senso de justiça que extrapola os limites do senso de justiça de uma pessoa comum. Na frase destacada acima, o poeta se preocupa com o “trabalhão” que Nevinha Pinheiro estava tendo para a montagem de informações para serem repassadas para a Escola de Samba.

Há uma dúvida do poeta e uma preocupação pulsante de não ver o “trabalhão” de Nevinha Pinheiro reconhecido pela elite do Carnaval brasileiro, como de fato aconteceu, mas este é um tópico que abordaremos em correspondências posteriores no presente livro.

Pois bem, o poeta homenageado não esconde sua preocupação, mesmo sendo grato, mesmo com todo seu reconhecimento pela pesquisa, pelo esforço e pela dedicação de Nevinha Pinheiro. Feito esse que colocaria Drummond, o tímido poeta de Itabira, na passarela do samba, na passarela da alegria, da alegoria Semiótica de traços particulares de sua obra e sua vida.

O poeta, finalmente, pelas lentes de Nevinha, sairia das “letras paginiais” e ganharia carne, osso, sangue e suor e ritmo na via da passarela mais famosa do Brasil, a Sapucaí, através dos apaixonantes foliões.

Assim, aqui vale ressaltar esses passos tão delicados na caminhada intelectual de Nevinha Pinheiro. Este momento pode ser apontado como polêmico pelo motivo de uma Escola de Samba renomada como a “Mangueira”, “Nossa Estação Primeira”, prestar uma homenagem tão importante ao maior poeta da Literatura brasileira e a

ponte para esta singular homenagem, por incrível que pareça, ser a paraibana de Serra Redonda, autora da "Crucificação do Diabo" que devido à sua competência como jornalista e como crítica da obra de Drummond, passa a ser o elo desta célere homenagem.

Percebe-se que nas correspondências anteriores, as conversas eram sempre densas pois eram movidas pelas análises instigantes, intrigantes e pesadas de Nevinha aos poemas de Drummond, cujos diálogos sempre versaram sobre a obra, sobre algum ponto de vista em relação ao lado pessoal de um e do outro ou de uma conversa que envolvia publicações em Jornais e Suplementos literários.

Ao longo das incorrespondências abordadas no presente livro, há entre um momento e outro, uma breve abertura para um papo que abordasse, mesmo que de forma rápida, os lados político e religioso do poeta, mas o mote de aproximação entre ambos sempre foi o verso. Assim, foi a poesia de Drummond, a porta de entrada para o convite a um debate que remontou anos entre ele e a jornalista.

No entanto, na incorrespondência em foco, muda-se o mote e é dada outra verve para uma melhor aproximação entre os dois, a verve carnavalesca.

O diálogo sobre o Carnaval, foi algo novo, o papo que agora fluía navegava por mares "dantes não navegados" por ambos, uma vez que o Carnaval não fora tema de nenhum debate durante suas correspondências, exceto no momento específico em que Drummond falou do projeto carnavalesco de Nevinha Pinheiro.

O diálogo mudou nesta incorrespondência para os temas ligados ao Carnaval, para o qual Nevinha estava empenhada em informar e montar tudo sobre a obra e a vida de Drummond. O desempenho e a dedicação, ao referido projeto, foram tão viscerais, que chegaram a preocupar o poeta de que essa dedicação e empenho não fossem devidamente reconhecidos nem aceitos pelos "maiorais" da referida Escola de Samba.

Sabe-se que o Carnaval sempre foi um espaço de muita alegria, de muita alegoria, de muita fantasia, de uma exigência fenomenal para a capacidade de roteirizar histórias de vidas e de obras de celebridades.

Conforme sua história, o Carnaval é uma festa de inspiração cristã e em sua origem sempre se propôs a mudar a ordem social, uma vez que os escravos assumiam os lugares dos senhores e a população aproveitava a festa para se divertir com isso.

De certo modo, a ascensão do cristianismo criou uma nova face para o Carnaval enquanto festa pagã. O Carnaval ganhou novos significados e novas roupagens a partir das quais os fiéis despediram-se do alimento da carne. A palavra Carnaval vem do latim *carnis levale* que quer dizer "retirar a carne".

Desde a antiguidade, o Carnaval é uma festa em cuja comemoração as pessoas podiam esconder ou trocar de identidades. As pessoas podiam se divertir, ao mesmo tempo, em que podiam adquirir características ou funções diferentes das que eram na realidade. Os pobres fingiam-se ricos, os ricos fingiam-se pobres, as mulheres fingiam-se homens e os homens fingiam-se mulheres. Era essa imbricação de valores, a causa maior do Carnaval enquanto festa de expressões populares.

Mais precisamente no começo do século XX, com o objetivo de "civilizar" a festa, a prática de lançar farinha e água nas pessoas, foi proibida. Por isso, as pessoas começaram a importar do Carnaval europeu, mais precisamente de Paris, o costume de jogar confetes e serpentinas umas nas outras.

O tema do Carnaval sempre foi um espaço pouco "restrito" às mulheres, do ponto de vista da criação de seus roteiros, da criação de seus sambas-enredos, em suas interpretações nas baterias que puxavam o samba-enredo e toda a Escola de Samba. Suas presenças

sempre se deram em função do desfile em si, da beleza das mulatas, das alegorias, das costuras e seus modelos.

Portanto, uma mulher na linha de montagem do roteiro ou do samba-enredo poderia fazer a diferença com sua sensibilidade e Nevinha Pinheiro foi esta mulher que ousou e participou e escreveu seu nome, quer como roteirista, quer como pesquisadora que concorreu e foi genial, foi "vitoriosa", conforme o próprio poeta a designou quando da vitória da "Mangueira".

Num momento de extrema aproximação com Nevinha, Drummond indaga: "Será que não se dedica em excesso a uma causa de resultado duvidoso?". Eis a prova cabível e palpável da influência dela que acreditou e creditou todas as forças no seu projeto de Carnaval e que nele trabalhou incessantemente para homenagear o gênio da poesia brasileira. É perene a força que a paraibana de Serra Redonda exerceu sobre a montagem do referido projeto carnavalesco do Rio de Janeiro, do Brasil.

Aqui, há a prova de que ela não se aventurara apenas a escrever sobre os poemas de Drummond, mas que se aventurara no diálogo com outras linguagens, a exemplo do cinema, já abordado em correspondência anterior, e com o Carnaval.

O interesse de Nevinha Pinheiro por outras linguagens demonstra seu perfil intelectual multicultural. Sem dúvida alguma, o diálogo de Nevinha com a Poesia, com o Romance, com o Cinema, com o Carnaval, com o Jornalismo e com a Crítica Literária é o que faz dela este baluarte da cultura nacional.

Um novo caminho estava sendo trilhado pelo poeta e pela escritora Nevinha Pinheiro, com a presença de foliões apaixonantes, que ao som de tamborins, atabaques, surdos, tambores, afoxés, pandeiros, agogôs entre outros instrumentos, dariam movimentos outros aos personagens drummondianos.

Há uma indagação pertinente do poeta sobre a dedicação da escritora e sobre seu excesso de empenho ao que ele denominou de "Uma causa de resultado duvidoso...".

Essa causa, evidentemente, revelava o seu esforço para elevar o nome do poeta para além das cenas literárias, para elevá-lo ao brilho do desfile carnavalesco que de acordo com o olhar de intelectuais retrógrados da época, era um espaço de pessoas alienadas que buscavam, nesta festa, uma forma de esconder os problemas sociais que eram enrustidos ou encobertos pelas belas cenas comandadas por esta festa popular e, sobretudo, tão brasileira.

Não esqueçamos que o Carnaval é de origem europeia, foi trazido para cá, pelos colonizadores portugueses e sua inauguração em terras cariocas se deu entre os séculos XVI e XVII tendo como primeira prática expressiva os "entrudos", antigas celebrações que antecediam os três primeiros dias da quaresma, substituídas pelo Carnaval. Nessas comemorações existiam grandes bonecos a desfilar pelas ruas, a exemplo do que ainda preserva o Carnaval pernambucano com seus famosos bonecos de Olinda.

Por fim, o poeta se mostra bastante gratificante com a generosidade e o esforço de Nevinha Pinheiro, mas parece desconfiar e, por talvez, conhecer bem a máfia do Carnaval carioca, acaba por sinalizar que o projeto carnavalesco de Nevinha, definido por ele como "Esforço generoso de você" poderia ser reprovado.

O poeta se referiu ao que poderia se perder, não servir de nada, numa insinuação ou quem sabe numa previsão escabrosa de que, talvez, o valor do trabalho da jornalista como pesquisadora de sua vida e obra, poderia ser sabotado, conforme foi.

Depois da tensão que envolve a presente incorrespondência, há uma amenidade digna de um samba-enredo, há uma posterior descontração de nota de roda-pé que já no ritmo carnavalesco sinaliza para o ato mais fascinante do Carnaval, a brincadeira, que é a mola

mestra da festa, é a alegria que move os foliões, e sem dúvida, esta alegria havia contaminado a amizade do poeta com a crítica literária e jornalista Nevinha Pinheiro.

Há uma Semiótica que movimentada esta nota final da incorrespondência porque indica um caminho interpretativo que pode aguçar várias interpretações e alimentar muitas fomes de saber sobre o que teria "encabulado" o poeta, já tímido, na correspondência enviada por Nevinha Pinheiro.

Há a presença do "tema-enredo" na correspondência enviada por Nevinha Pinheiro ao poeta, conforme ele mesmo explicita, o que corrobora que a ideia de Nevinha sobre o poeta e o Carnaval já estava consolidada e aprovada por ele..."P.S... Esta carta quando o correio me trouxe agora de manhã, o seu tema-enredo. [ilegível]- puxa Nevinha! Você levou a sério a carta. Estou gratíssimo... e encabulado".

O poeta parece suspirar de emoção ao se fazer entender por Nevinha Pinheiro, o "Puxa Nevinha" é uma expressão de uma poeticidade sonora tão valiosa que nos remete a um carinho de muito respeito nessa amizade alicerçada com requintes de bastante inteligência e sagacidade.

Drummond deixa entender que a seriedade da jornalista estava além do senso comum e que as incorrespondências dele para ela, eram motivos de muitas reclamações.

O que deixou o poeta mais "encabulado" pode ser outro caminho para entendermos o nível da amizade entre ambos "Você levou a sério a carta. Estou gratíssimo... e encabulado".

10/JUNHO/1986

Rio, 10 de junho, 1986

Querida Lúcia:

Se existe chapéu decorado de uirapuru  
em frente ao Palácio de Foz de Iguaçu?

Sim, mas em vista de documentos modestos  
Certo que foi removido com as obras de  
remediação da Praça da Liberdade, para  
melhor receber o Rei Albert da Bélgica,  
no dia de 1920.

Se a Companhia que recebeu obras de  
decoration, a qual ele, de um grande  
bairro que adoto provisoriamente para  
decorar a cidade espartada fidalguia, foram  
apresente de la Coruña, sua senhora, com  
muito empolgo e pouco ou nenhum satisficção  
hoje em dia, o abajo a qual e renhante  
de seu

Drummond

Rio, 10 de junho, 1986

Querida Nevinha:

Se existia chafariz decorado de ninfas em frente ao  
Palácio do governo de Minas?

Sim, mas era coisa de dimensões modestas.

Creio que foi removido com as obras de remodelação da  
Praça da Liberdade [ilegível] melhor receber o rei Alberto na  
Bélgica, nos idos de 1920.

Se a Mangueira quer conhecer o brasão dos Andrades,  
ai vai ele, de um Andrade baiano que acredito provisoriamente  
para decorar a minha [ilegível] fidalguia, somos espanhóis de La  
[ilegível], sim senhora, com muita [ilegível] e poucos ou nenhum  
latifúndios

No mais, o abraço amigo penhorado

do seu

Drum-

mond

*"Sim, mas era coisa de dimensões modestas,  
creio que foi removido com as almas de remodelação  
da Praça da Liberdade"*

Na incorrespondência em estudo, há uma semiose na qual impera uma cadeia de significantes que dilacera outras tantas interpretações e que nos leva, obrigatoriamente, a deduzir que tanto Drummond quanto Nevinha estavam empenhados na coleta de informações para a montagem do desfile carnavalesco.

As informações seriam repassadas para a "Mangueira" para que o carnavalesco Julinho da Mangueira pudesse montar as coreografias e o cenário de sua apresentação na "Marquês da Sapucaí" naquele ano de 1987.

Percebe-se que há uma incorrespondência de uma dimensão bastante poética, bastante singular, uma vez que o poeta parece responder a uma metáfora de Nevinha Pinheiro sobre a sua visão em relação aos interesses alhures na montagem de sua vida e obra para repassar à "Mangueira". "Se existia chafariz de cavalo de ninfas em frente ao Palácio do governo de Minas?", desse modo, na alusão ao chafariz, parece mesmo que o poeta faz uma crítica que visa denunciar os devaneios indevidos na montagem de sua história de vida.

Parece que além de uma ironia despojada, há também uma certa arrogância do poeta, provavelmente, em relação às buscas de dados sobre sua vida mais particular. O poeta fez uma pergunta sobre algo que não seria fácil entender ou até mesmo ter alguma resposta para compreender a referida alusão. Certamente Nevinha pontuara algo apontado pela Escola de Samba, mas apenas aos dois cabe e coube o motivo real da "ironia" drummondiana.

Teria, Nevinha Pinheiro, no projeto carnavalesco, passado para o poeta alguma exigência ou algo imposto pela Escola de Samba que o irritara? A ponto do poeta dilacerar-se em ironia ao fazer menção

a outra década que estava aquém dos idos de 1987 e muito distante da realidade do Brasil, "Bélgica", "Monarquia", "O rei Alberto", ou seja, cenário geográfico, personagem identificada e o sistema de governo estão para além de nossas fronteiras culturais, política e social "Melhor receber o rei Alberto na Bélgica, nos anos idos de 1920", o que o poeta quis responder ou mesmo informar a Nevinha em sua incorrespondência com essa frase?

O que quis insinuar, ao revelar a Nevinha Pinheiro, a opção e sua escolha por um campo Semântico completamente adverso do habitado pela amizade e admiração entre ambos?

Agora via-se claramente, que o diálogo entre os dois mudou de tom, de cor, de movimento.

Não devemos esquecer que o Brasil vivia o momento mais singular de sua história, momento de democracia com o fim da ditadura militar, dos golpes e dos assassinatos. Era o momento da redemocratização da política brasileira, momento político que era fruto do movimento das "Diretas Já", desencadeado na metade da década de 1980, momento em que os Sindicatos se ergueram como gigantes para darem um novo rumo à política salarial do Brasil, doravante uma política social voltada para a população mais carente.

Drummond fez uma viagem no tempo e no sistema de governo que não cabiam na realidade política brasileira do momento e, muito menos, na compreensão de um leitor comum que desavisado pode não reconhecer a ironia do poeta e os caminhos pelos quais, nesse momento, traçou este diálogo, neste "tom", com Nevinha Pinheiro.

É uma incorrespondência "estranha" aos diálogos corriqueiros dos dois, mas vem deles para eles, cuja temática mergulha mais fundo no sentido que o poeta tentou dar à frase enviada para Nevinha Pinheiro. A resposta de Drummond exige uma leitura mais Semiótica que Semântica para indicar os significantes que movem o tema abordado por ele.

Certamente, como o momento era de coleta de dados para a montagem do enredo e de toda alegoria da "Mangueira", a dica é de que havia mesmo uma certa ironia misturada com raiva na alusão do poeta, o que revela que não há uma boa relação entre o poeta, a jornalista e a cúpula da "Mangueira", conforme já debatemos.

Há outra metáfora sobre o "rei Alberto na Bélgica", que dá a entender que Drummond considerava alguma coisa neste trâmite carnavalesco bastante complexo. Nesta metáfora, Drummond faz um retorno aos anos 1920 ao se referir ao tal rei numa alusão, talvez, a alguma postura assumida pelos membros da Escola.

O que percebemos nesta amostragem é a presença de uma atmosfera densa, tensa e uma imensa cratera intelectual entre a organização da Escola, Nevinha e o Poeta. A frase seguinte de Drummond, escrita para Nevinha, parece revelar um clima de intriga em relação às informações que seriam repassadas para a Escola de Samba "Se a Mangueira quer conhecer o brasão dos Andrades, aí vai ele, de um Andrade baiano que... provisoriamente para decorar a minha...".

Parece-nos que o pedido óbvio do brasão de sua família, não agradara ao poeta que chegou a mudar até de naturalidade, insinuando-se baiano, ao invés de mineiro, talvez, em sua genialidade poética, estivesse fazendo uma revelação indicando os caminhos advindos de sua árvore genealógica da Bahia à Espanha.

Da Bahia, da Paraíba, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro somos todos nós, somos um povo de origem multiregional, multiracial. Assim o poeta deu outra dica de sua origem europeia focada na Espanha "Fidalguia seria espanhol de La [ilegível], sim senhora, com muita empatia e nenhum latifúndio". Embora haja em sua frase a presença do termo "provisoriamente", há em cada brasileiro sim, a mistura regional, étnica que são permanentes e enriquecedoras do ponto de vista cultural que é o que move nosso povo em sua essência.

Para citar De Decca (2002, p.16) não esqueçamos de que somos "uma projeção de uma utopia européia. Ao observarmos a construção da história brasileira veremos que ora a identidade nacional passa pela busca desta utopia projetada pelos europeus, ora por uma negação...".

De três metáforas que tentam criar espécies de explicações sarcásticas sobre a relação tanto de Nevinha quanto de Drummond com a Escola de Samba de "Mangureira", uma pode ser fundamental para entendermos o clima instalado: o domínio da elite carioca sobre intenções e escolhas de temas.

No encerramento desta incorrespondência, o que chama mais nossa atenção é o grau de intimidade, no sentido de uma amizade respeitosa e fraterna, quando Drummond encerra sua carta dizendo: "do seu" o que dá a entender o nível da posse de Nevinha Pinheiro sobre a "vida" e a "obra" de Drummond. A expressão "do seu" pode revelar, pela "autodeterminação" do poeta, que nesse fechamento da sua incorrespondência, ele delegou a Nevinha a posse sobre si e sobre sua obra. Mas também pode revelar o tratamento pessoal respeitoso que norteia duas pessoas: Seu João, seu Drummond, dona Maria, dona Josefa, mas para nós se trata de uma entrega.

Pode-se insinuar esta verve pelo fato da jornalista ser conhecedora profunda, não só do seu trabalho, mas de sua vida, de sua alma, conforme ele mesmo deixa claro em várias passagens de suas incorrespondências.

Contudo, é dentro deste clima de admiração que o poeta encerra a incorrespondência revelando-se empenhado no projeto carnavalesco de Nevinha Pinheiro e assim conclui: "No mais, o abraço amigo empenhado do seu Drummond"

08/JULHO/1986

Paris, 8 de julho, 1986.

Querido Henrique:

que fúria! mas ele é compensado pelo  
calor de amigos como a sua, que recumpete  
o velhinho transtido.

Mãe tenha respaldado suas cartas por  
sou, irremediavelmente, um mau correspondente.  
Mas bem que gosto de recebê-las. Para abreviar  
as comunicações, dê-me o seu telefone, que  
eu ignoro.

há se surpreenda com o entusiasmo de  
"hona" vende-se a propósito de coisas, muito  
mável que você lhe mostra. Faz parte da vida,  
e já me acostumei a isso em diferentes oca-  
sões. O espanto seria, ao contrário, se  
eles tecnicamente o beneficiam...

Abraço afetivo de

Carlos

Rio, 8 de julho, 1986.

Querida Nevinha:

Que friiiiio...! mas ele é compensado pelo calor de amizades como a sua que reconquista o velhinho franzido.

Não tenho respondido suas cartas porque sou irremediavelmente, um mal correspondente mas bem que gosto de recebê-las. Para abreviar as comunicações, dê-me o seu telefone que eu [ilegível].

Não se surpreenda com o mutismo de “nossa” verde-rosa a propósito do serviço inestimável que você me mostra. Faz parte da vida, e já me acostumei a isso em diferentes ocasiões. O espantoso seria, ao contrário, que eles reconhecessem o benefício...

Abraço afetuoso do

Carlos

*"Não tenho respondido suas cartas porque sou irremediavelmente, um mal correspondente, mas bem que gosto de recebê-las"*

Aqui, paira de cheio a temática do presente livro, **Poética da incorrespondência: "No Reino das Palavras"** o qual vem sugerir interpretações sobre as correspondências e incorrespondências entre o poeta e a jornalista.

O que e em que nível Nevinha Pinheiro escreveu para Drummond?

Para isso, busca-se compreender, à luz de uma verve mais Semiótica, os caminhos e descaminhos demonstrados nas correspondências e incorrespondências de Drummond para a jornalista.

Há um barulho muito forte na via oculta das cartas de Nevinha Pinheiro que de tão estridente, faz o poeta gritá-lo em sua escrita quando escreve para ela quer seja com atrasos ou a tempo.

Este arquivo pessoal de Nevinha Pinheiro, repassado posteriormente por suas irmãs, à Universidade Estadual da Paraíba, nos dá pistas absolutas do que tratavam as cartas enviadas por Nevinha Pinheiro. Portanto, são estas pistas que nos fazem viajantes dessas alusões sobre o nível do conteúdo abordado pela jornalista.

As cartas do poeta, vale salientar, são sempre respostas às cartas de Nevinha Pinheiro e estas respostas vêm sempre recheadas de dicas para a remontagem desse quebra-cabeça que é a comunicação entre um crítico e o criticado.

Vejamus um exemplo: "Que friiiiio! mas ele é compensado pelo calor de amizade como a sua que reconquista o velhinho...". Aqui nessa passagem o poeta elogia Nevinha Pinheiro e demonstra sentir-se bem com sua amizade e ressalta a compensação de "algo por algo" que pode ser entendido como a valoração de uma amizade conforta-

da pelo calor humano da crítica literária, Nevinha Pinheiro. Ela, segundo ele, não apenas conquistava, mas reconquistava o “velhinho”.

Esta opinião do poeta é fascinante porque ambos não se conheciam pessoalmente e todo o conhecimento e aproximação entre eles se deu pelo viés da escrita. Se deu através de cada resenha, de cada artigo, de cada ensaio, de cada conto, de cada crônica, de cada entrevista transcrita e publicada por nossa genial romancista. Cada texto escrito de Nevinha Pinheiro, quer como crítica, quer como jornalista era sempre motivos de grandes elogios drummondianos.

O poeta coloca-se na plenitude da idade se autodeterminando de forma carinhosa como “velhinho” com tom de brincadeira, mas de verdade. A idade avançara rumo a tantas lamentações pessoais.

O termo “reconquista”, utilizado pelo poeta, neste nível de comunicação, revela a compreensão que ele tem sobre a força de uma amizade fundada no dia a dia, de uma amizade fundada numa conquista permanente e numa reconquista a partir da força da singularidade da experiência de vida de cada um. Nevinha Pinheiro tinha esta força de conquistar e reconquistar o velhinho. Claro que esta conquista ou reconquista era a energia que movimentava e motivava o nosso poeta aos grandes diálogos com nossa jornalista.

O poeta revela em sua fala, “Não tenho respondido suas cartas porque sou irremediavelmente, um mal correspondente, mas bem que gosto de recebê-las”. O que se pretende aqui, é a demonstração de que houve sempre entre ambos, uma espécie de incorrespondência pautada e fundada, muitas vezes, na demora do poeta para corresponder ou na demora dos Correios para entregar as devidas correspondências ocasionando, muitas vezes, um incomunicado a um dos lados.

Para Justino (2014, p.85) “Em todas as línguas, existe um incomunicado que não se reduz à comunicação ou ao sentido...”. Drummond assume-se um incorrespondente, “um mal correspondente” em re-

lação aos trâmites da necessidade de um vai e vem mais velozes na comunicação, que neste instante, dependia quase que exclusivamente dos Correios, o que muitas vezes promovia com os atrasos uma incomunicação, uma incorrespondência.

O poeta objetivamente revela e corrobora com todas as letras, com a nossa inquietação em relação a essa comunicação ou incomunicação entre ambos. Revela, também, seu apreço e sua admiração por Nevinha Pinheiro ao deixar claro que adora receber suas correspondências. Assume-se como lento, vagaroso para corresponder à correspondência veloz de Nevinha Pinheiro, indicando-se e assumindo-se como "Irremediavelmente, mal correspondente" o que só corrobora com o propósito da **"Poética da Incorrespondência..."**.

Os termos utilizados por Drummond nas suas incorrespondências, demonstram os caminhos temáticos trilhados por Nevinha Pinheiro nas suas cartas enviadas.

O fato é que temos em mãos, a correspondência de uma das partes, o que acaba nos dando pistas do conteúdo do que foi e do que veio para ambos.

O poeta está sempre a se desculpar pela ausência de sua correspondência. "Não tenho respondido suas cartas" em relação à jornalista paraibana.

O mais interessante é quando o poeta define que apesar de sua idade e doenças é o "calor da amizade" de Nevinha Pinheiro que reconquistava sua maturidade, "o velhinho".

A palavra-chave desta carta é o termo "mutismo", sobre o qual Drummond alerta Nevinha Pinheiro para que não se surpreenda em relação à "Verde-rosa" a propósito do serviço, do trabalho de pesquisa que ela desenvolvia, o que demonstra que o poeta já anunciava o início de um possível descaso, uma possível injustiça para com o serviço de pesquisa que a jornalista prestou à Escola de Samba: "Não

se surpreenda com o mutismo de 'nossa' verde-rosa a propósito do serviço inestimável que você me mostra faz parte da vida e já me acostumei a isso em diferentes ocasiões. O espantoso seria o contrário, que eles reconhecessem o benefício...".

Aqui nesta passagem, Drummond revela a importância de Nevinha Pinheiro para o referido serviço com a Escola de Samba, mas deixa bem claro, "Como o poeta é a antena da raça" conforme Ezra Pound, que algo ruim e injusto estar por vir e alerta a jornalista e crítica, conformando-a, de que ele mesmo já se acostumara com as injustiças cometidas contra ele "Em diversas ocasiões".

O que é mais surpreendente é a forma como o poeta trata a jornalista e crítica ao se referir às cartas incorrespondidas, mas surpreende ao dizer que adora receber as correspondências vindas dela. Esta assertiva é fascinante porque não é qualquer um que recebe um elogio desse porte sobre o que escreve.

Porém, aqui, o mais fascinante, é abrir espaço para um momento ímpar, momento este que será nosso foco no segundo momento deste livro, os telefonemas. Assim, o poeta sugere a Nevinha Pinheiro um novo caminho para a conversa, para o diálogo entre ambos e parece-nos que devido ao atraso nas correspondências, bem como seu cansaço em relação à escrita, conforme já explicitado em correspondência anterior, o telefonema será o novo suporte para manter o diálogo "Para abreviar as comunicações, dê-me o seu telefone que eu [ilegível]".

Aqui paira o pedido do poeta que sinaliza para uma nova vertente que norteará suas comunicações. O Telefone aqui é tratado pelo poeta que adora abreviações, como um meio de comunicação que resume, abrevia e objetiva a comunicação, que apressa a comunicação, que alonga e fortalece a comunicação.

A comunicação entre ambos agora será através da voz, mas este será um debate que norteará o segundo suspiro deste livro. Essa

abreviatura a qual se refere Drummond, sugere outra velocidade e praticidade, a velocidade da tecnologia do telefone, no tocante à lentidão das correspondências incorrespondidas e dependentes exclusivamente dos Correios.

Ao sugerir que Nevinha repasse o número do seu telefone, Drummond estabelece um outro nível de comunicação pautado na fala, na voz, que assumirá a comunicação entre eles. Será estabelecida uma nova forma do poeta expandir sua comunicação com a escritora paraibana.

Ao findar a carta, o poeta sugere e nos dá uma pista de que há uma crise entre ambos e a "Mangueira". Ao que tudo indica, os rastos escritos deixam crer que a relação com a "Mangueira" se deu de uma forma extremamente tensa: entre o poeta e a jornalista.

Ele fala em tom de alerta para o reconhecimento do benefício que Nevinha estava a fazer para a Escola de Samba, o que mais tarde vai ser confirmado no desprezo e no não reconhecimento do nome de Nevinha Pinheiro por sua inestimável colaboração para a referida montagem carnavalesca e se despede dela da forma como sempre se despediu, com carinho e respeito: "Abraço afetuoso do Drummond".

22/OUTUBRO/1986

Rio, 22 de outubro, 1986.

Obrigado, querida Nevinha, pela remessa  
dos textos de samba-enredo da Mangueira, dedica-  
dos a este improvisado carnavalesco. É a glória!  
Nunca pensei que eu fosse promovido a ser  
das palavras em ritmo de samba e de carinho  
da boa gente do mundo.

O abraço afetuososo de

Drummond

Rio, 22 de outubro, 1986.

Obrigado, querida Nevinha, pela remessa dos textos de  
samba-enredo da "Mangueira" dedicados a este improvisado  
carnavalesco. É a glória nunca pensei que eu fosse promovido a  
ser das palavras em ritmo de samba e de carinho da boa gente  
do [ilegível].

O abraço afetuososo do

Drummond

***"Obrigado, querida Nevinha, pela remessa  
dos textos de samba-enredo da Mangueira"***

Nesta incorrespondência brevíssima, com poucas palavras, o tom é de alegria, de agradecimento a Nevinha Pinheiro por ela ser responsável por organizar e enviar os textos para a montagem do espetáculo carnavalesco da "Mangueira": "Obrigado, querida Nevinha, pela remessa dos textos de samba-enredo da "Mangueira" dedicada a este improvisado carnavalesco".

Nesta carta, Drummond demonstra sua empolgação com a homenagem que está prestes a receber em plena Sapucaí com a intensa colaboração da amiga e Jornalista Nevinha Pinheiro.

Drummond se autointitula como um "Improvisado carnavalesco", o que o caracteriza como um iniciante no âmbito carnavalesco, tornando-o um exímio brasileiro, filho da festa do povo.

Portanto, esta festa popular de longa abrangência o elevaria para além das letras outrora restritas apenas às tintas, aos papéis, às grandes editoras, ao mercado da leitura, ao mundo individualizado dos intelectuais mais radicais, mais ou menos elitizados.

O itabirense de Minas Gerais, evidentemente, estaria agora para além do barulho silencioso dos movimentos lentos e quase inertes das letras, inertes no sentido de que o plano de alcance da produção literária não tem visibilidade, não ocupa extensão territorial que vá além do renomado e intocável eixo Sul-Sudeste.

Drummond demonstra muito apreço por Nevinha, conforme vimos debatendo ao longo deste livro, percebe-se isso pelo fato dele estar sempre tratando-a como "querida", termo tão expressivo em todas as suas incorrespondências, expressão esta que, muitas vezes, vem aguerrida da entrega total de elogios seguidos de tantas outras expressões munidas de pronomes possessivos através dos quais

Drummond dar-se a Nevinha Pinheiro, mas de forma inteiramente respeitosa e bastante abrangente.

A nosso ver, Drummond elegeu Nevinha Pinheiro, em sua vida literária, como uma musa do agradecimento, uma pessoa querida, sensível, inteligente e acima de tudo alguém com potencial para atuar além da intelectualidade formal, da intelectualidade de gabinete e elitista, para contribuir com sua inteligência, com sua exaustiva pesquisa para essa homenagem tão singular a um poeta que estava antenado com os problemas sociais que assolavam o Brasil daquele momento em que o Carnaval carioca o colocava no topo da homenagem.

Ou seja, como o *top* da Literatura brasileira, como de fato já o era, e por isso, o referido reconhecimento e a homenagem da Escola de Samba. Este era um reconhecimento singular para uma grande homenagem ao poeta ainda vivo e que marcaria, no século XX, em nosso país, a passagem de Drummond pelo Carnaval brasileiro.

Homenagem esta que deixa o poeta atônito, elétrico e acima de tudo empolgado com a abertura da nova via que conduziria todo seu perfil de homem e de artista das letras, muitas vezes, tristes e opacas, para o brilho das cores "Verde-rosa", do confete, das serpentinas, das alegorias, dos instrumentos típicos que movimentariam o corpo literário do poeta no ritmo do samba.

O Carnaval é sem dúvidas, uma "invenção", um patrimônio cultural brasileiro, embora, conforme já discorremos, não é originário dos brasileiros. A homenagem ao poeta é motivo de regozijo, tanto por parte de Nevinha Pinheiro, quanto pelo próprio poeta, que a princípio, não acreditava, nem desejava ser alvo de uma festa tão bela e tão do povo.

O agradecimento, o reconhecimento são marcas muito fortes na relação entre Nevinha e Drummond. Há sempre um agradecimento nas incorrespondências enviadas por Drummond, o que denota que

o poeta sabia como ninguém, reconhecer o valor das leituras críticas da paraibana.

Quando se agradece demais a alguém, como Drummond fez a Nevinha, uma coisa fica claro, ela estava sempre fazendo algo agradável, algo que despertava em Drummond a responsabilidade e a humildade demasiadamente humana de estar sempre reconhecendo nela, o valor de um "favor" prestado ou de "algo" de bom feito, o que é sempre digno de agradecimentos por parte dele.

Drummond demonstra satisfação pela sua ascensão no espaço do samba, coisa que nem ele mesmo acreditava que fosse possível, mas, sem dúvidas, Nevinha Pinheiro colaborou para que isso fosse possível e o fez acreditar, por motivação, que isso seria viável e que essa possibilidade, acima de tudo, seria interessante para a propagação, a extensão de seu nome para além dos estudos didáticos ou da crítica comum de pouco alcance de intelectuais que muito escreviam sobre sua obra, mas sem um alcance significativo, um alcance de outras vias midiáticas que movimentassem o poeta a outros palcos e patamares da wibe de um Carnaval.

Existem alguns termos nesta incorrespondência que chamam a atenção e que são dignos de análises, a exemplo das expressões "improvisado carnavalesco", o que de imediato revela o lado reservado do poeta, um lado quieto, silencioso, vaidoso, arredo, arisco, o que o torna uma espécie de ser "improvisado" para aquele momento específico. Um ser que naquele momento ficou assombrado com o mundo tão espontâneo, tão exposto como de fato é o mundo carnavalesco.

Os termos, "improvisado" e "carnavalesco", são dois termos que se juntam e dançam e sambam com a magia da festa e angariam para si, um sentido Semântico que reporta a uma semiose de muitos significantes. O improvisado é algo do momento, sem uma elaboração prévia, o que torna o poeta e sua poesia, temas singulares, numa homenagem regada de admirações. O "improvisado carnavalesco" agora era

uma inspiração e uma elaboração concreta, era uma realidade nas passarelas do samba.

Do ponto de vista da poesia, o improviso acende uma luz para a criatividade no momento do aqui e agora, do instante, algo que nasce e se cria na hora, sem elaboração prévia e é assim que o poeta como sangue, carne, osso e idade se autoanalisa, se autodenomina para denominar o Carnaval do momento. Era como se na sua visão, sua presença fosse algo inusitado, algo inesperado para si e para os próprios foliões.

De certo modo, o próprio poeta não acreditava que isso poderia acontecer algum dia, conforme ele mesmo expressa "Nunca pensei que eu fosse promovido a ser das palavras em ritmo de samba", eis a prova concreta, nas próprias palavras do poeta, "Nunca pensei", ou seja, está óbvio que o poeta não imaginava que um dia pudesse chegar a este ponto extremo de se tornar inspiração carnavalesca e promover alegria no Carnaval carioca, brasileiro, global.

Agora Drummond seria do samba e suas palavras estariam na voz do sambista, estaria nos ritmos dos instrumentos que moveriam a dança da poética drummondiana para o Brasil, para o mundo.

Para a invenção, para a criação artística, Drummond não seria mais um improviso, porque transformara-se numa pesquisa elaborada, concreta, exaustiva, num "trabalhão" advindo do empenho de Nevinha Pinheiro, conforme já debatemos anteriormente.

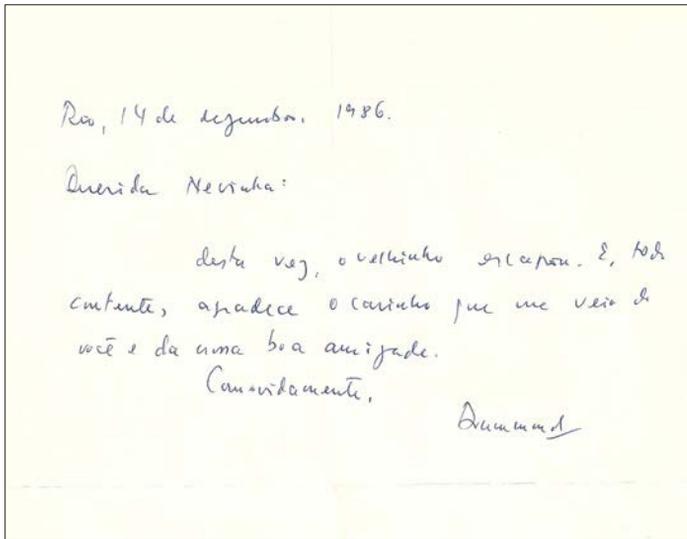
Foi o termo "Trabalhão" a expressão utilizada por Drummond para caracterizar a pesquisa que Nevinha Pinheiro desenvolvia para abrilhantar o referido Carnaval em sua respectiva homenagem. Homenagem que só foi possível devido ao estudo que, à luz da escritora e jornalista, foi possível se tornar real no mundo da fantasia carnavalesca.

Há uma outra palavra-chave, que também é imprescindível para se entender este momento ímpar entre o poeta e a crítica Nevinha Pinheiro, é “glória”, termo que o poeta exalta na sua explanação. Parece que neste momento, Drummond descobre o samba com um encantamento por ele sair dos livros para se tornar uma grande poesia para os olhos e ouvidos dos apreciadores do Carnaval, dos sambistas, dos foliões.

Drummond demonstra seu encantamento com o Carnaval que o torna uma celebridade para além da Literatura. Esta homenagem é a demonstração de que o poeta está para além da prerrogativa do âmbito literário e isso foi possível dada a pesquisa, a aproximação, o estudo e as diversas críticas já publicadas por Nevinha Pinheiro em jornais de renome nacional que se tornaram fontes para a respectiva homenagem.

Foi Nevinha Pinheiro, conforme já comprovado pelo próprio Drummond, a colaboradora mais eficaz, mais sagaz, inteligente e mais fundamental em toda esta temática que envolvia Carlos Drummond de Andrade. Por fim, o poeta finda sua incorrespondência com “O abraço afetuoso” abraçando Nevinha com muito respeito como sempre fazia em todas as suas incorrespondências.

14/ DEZEMBRO/1986



Rio, 14 de dezembro, 1986

Querida Nevinha:

Desta vez, o velhinho escapou. E, todo contente, agradece o carinho que me veio de você e da uma boa amizade.

Comovidamente,

Drummond

## *"Desta vez, o velhinho escapou"*

Nesta incorrespondência mais breve do que as de costume, o poeta parece mais apressado, mais veloz, mais arredo à escrita e mais comedido com as palavras. Dois meses após a última correspondência, demonstram que o poeta sobreviveu ao acometimento de uma enfermidade. O poeta adoecera e estivera por dias acamado sem condições de se comunicar.

Percebe-se que a candura de Drummond, em relação a Nevinha Pinheiro, não se enfraquece, não se apaga. Mesmo com a doença, nunca esquece de tratá-la bem, sempre amável e respeitoso. Drummond mantém o tom de respeitabilidade, consideração e de admiração para com sua amiga e crítica de sua obra.

Aqui nos parece que o poeta divaga após ser acometido por uma doença, parece que delira e seu delírio leva-lhe à realidade de sua idade já bastante avançada, mas mesmo assim, brinca e ironiza a doença ao alegar que o "Velhinho havia escapado", como se de fato estivesse voltando de uma batalha dele consigo mesmo, para uma batalha ainda maior, manter-se vivo.

De fato, a doença é um estágio desgastante e solitário, onde cada um consigo mesmo é quem sabe o que significa estar acamado e Drummond dá este grito de retorno, mas sinaliza-se como "velhinho" como que pedindo calma para não ser incomodado por jornalistas e críticos. O termo "velhinho" é uma expressão que pode também soar como ironia, como sarcasticidade em relação ao seu tempo de vida.

Assim, o poeta se referiu ao seu retorno "Desta vez, o velhinho escapou", o que nos leva a inferir e até acreditar que havia um fundo de alegria por estar se comunicando novamente com Nevinha Pinheiro, já que disse tantas vezes que ela o alimentava, o incentivava, que era amizade como a dela que o motivava a viver e a produzir ainda mais.

O seu festejado retorno, de algo bastante grave que o acometeu, explicita que escapou feliz.

Por fim, o poeta finda sua incorrespondência demonstrando sua alegria, sua satisfação ao agradecer a Nevinha Pinheiro todo o carinho e cuidados provavelmente dados no momento da doença "E todo contente agradece o carinho que me veio de você e da [ilegível] boa amizade". Isso só reforça ainda mais o nível da amizade, do companheirismo entre o poeta e a crítica paraibana.

De certa forma, o desfecho desta incorrespondência dilacera uma outra dor que está para além da própria doença, a dor da saudade, da amizade distante na hora de uma doença. É portanto, segundo rege a tradição, na hora de uma enfermidade que se mede o valor de uma amizade.

Este agradecimento do poeta foge do campo do agradecimento comum que está presente em todas as incorrespondências que antes visavam agradecer, ora por uma leitura, ora pelo que Nevinha pesquisara ou escrevera sobre seus poemas. Agora, a plenitude do agradecimento, desvala noutra nível, na atenção, no cuidado e no desvelo que a jornalista tivera em relação à enfermidade que acometera o poeta por dois meses, a contar da última correspondência ocorrida entre os dois.

Isto demonstra que Nevinha estava próxima do poeta, na saúde e na doença e o que reforça ainda mais a força da amizade de Nevinha para com o poeta é quando ele revela e demonstra que foi a amizade e o carinho de pessoas como ela, para com ele, que o ressuscitara, que lhe devolvera a saúde e que o fizera voltar à vida. Por isso, Drummond agradece e finda sua incorrespondência assim: "Todo contente agradece o carinho que me veio de você".

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio, 2. II. 87

Querida Nevinha:

O carnaval tá chegando e eu procurando me defender com a minha extra-estatal e outras malacafuradas da idade supersecul, que me impedem de assistir ao desfile da verde e rosa. Entre deslidos: vejo tudo pela TV, de pijama e chinelo. O Pedro me parece mais interessado em ver por dentro o reflexo das alegorias, do ponto de vista artístico.

Amor, do que em ver espetáculos de rua. Não se dá muito trabalho cuidando dele. Divirta-se quanto puder, por conta própria. É terminada a folia, volte ao trabalho, as horas que está economizando, pois isso é que realmente importa na vida dos interessados, como nós.

Beijos, com ternura, do

Drummond

Rio, 2. II. 87

Querida Nevinha:

O carnaval tá chegando e eu procurando me defender com a minha extra- [ilegível] e outras malacafências da idade super senil, que me impedem de assistir ao desfile da verde e rosa. Estou decidido: vejo tudo pela TV, de pijama e chinelos.

O poder me parece mais interessado em ver por dentro o negócio das alegorias, do ponto de vista artístico, do que em ver espetáculo de rua. Não se dê muito trabalho cuidando dele. Divirta-se quanto puder, por conta própria. E terminada a folia, volte ao trabalho, ao livro que está escrevendo, pois isso é que realmente importa na vida dos escrevedores, como nós.

Beijos, com ternura, do

Drummond

*"Volte ao trabalho, ao livro que está escrevendo,  
pois isso é que realmente importa  
na vida dos escrevedores, como nós"*

Para abrir a presente discussão sobre a paraibana de Serra Redonda, Nevinha Pinheiro, faz-se necessário, primeiro, se pensar na tríade que é imprescindível para que se entenda a sua qualidade intelectual: a via de escritora, conforme podemos verificar nas ressalvas drummondianas, onde ele elogia mais precisamente o seu romance "A Crucificação do Diabo" cujo título ele chega a elogiar por achar atraente; de jornalista, a partir dos recortes das tantas entrevistas feitas a grandes nomes da Literatura e da arte nacional, a exemplo de Clarice Lispector na sua atuação no "Jornal do Brasil", a partir do qual fez conhecer sua produção de jornalista antenada, e, finalmente de crítica literária, atuação esta que a fez próxima do mundo literário através do poeta Manuel Bandeira, de Érico Veríssimo, José J. Veiga, Josué Montello, entre tantos outros vultos da nossa Literatura.

Seria preciso pensar nesta gigante da Literatura brasileira como uma mulher que integrou o ranking dos cânones com os quais conviveu ao longo de sua estadia no Rio de Janeiro, onde atuou mais precisamente como jornalista colunista e crítica literária, bem como escritora que produziu contos, crônicas, resenhas e romance já publicado, entre outras produções literárias ainda no prelo.

A meu ver, é fácil o leitor perceber até que ponto Drummond persegue esta tríade em Nevinha Pinheiro, basta retomar toda as incorrespondências nas quais há sempre a demonstração do interesse imensurável do poeta, do crítico e do intelectual Carlos Drummond de sempre citar uma destas vias, a jornalística, a de crítica e a de romancista, o que só demonstra e revela a potência intelectual e o poder multicultural da paraibana.

A presente incorrespondência começa com um tom um tanto cansado, conforme já era a tônica de Drummond em algumas incor-

respondências. Doente, começa a reclamar de forma mais frequente de sua idade.

O mais fascinante na presente carta é que Drummond, apesar da doença, parece bastante ansioso pela chegada do Carnaval, já que a presente incorrespondência foi de meados de fevereiro, portanto, próximo da festa popular mais esperada do ano.

E não era diferente com o poeta, que provavelmente, em outros momentos, não demonstrasse interesse pelo Carnaval, mas que agora somava sua ansiedade para integrar-se aos milhões de brasileiros que aguardavam ansiosamente por esta época.

Vejamos como ele expressa essa ansiedade: "O Carnaval está chegando e eu procurando me defender com a minha idade extra-[ilegível] e outras malacafências da idade super senil" parece resmungar da idade por desejar sair como um "pulante", um folião qualquer ritmado pelo samba, pelas mulatas e por todos os brasileiros que se divertem nesta época do ano, mas suas limitações físicas não permitiam.

O poeta parecia desejar a juventude, a saúde para sair e brincar, mas parece se entregar à força da tecnologia, ao hipnotismo da televisão que a tudo consagra com suas telas que alcançam milhões de telespectadores. Veja que o poeta anuncia a chegada do Carnaval e em seguida se maldiz das limitações da "Idade super" conforme ele mesmo define.

Como milhões de brasileiros que não podem ir à Sapucaí, contenta-se com suas limitações sobre as quais assim se pronuncia "Que me impedem de assistir ao desfile da verde e rosa. Estou decidido: vejo tudo pela TV, de pijama e chinelos" ou seja, com a juventude passada, a saúde consumida pela idade, só restava-lhe ficar no aconchego de sua casa vendo tudo de "pijama e chinelo".

Nesta incorrespondência presencia-se esta ansiedade do poeta pela chegada do Carnaval, talvez, para ver como ficaram as montagens do desfile à luz de sua poesia, de sua vida e, tudo isso, não esqueçamos, a partir da pesquisa exaustiva e competente feita por Nevinha Pinheiro, pesquisa a qual Drummond se refere em incorrespondências anteriores como "Trabalhão", conforme já discutimos anteriormente.

Drummond pondera e faz uma certa crítica ao poder vigente ao dizer que "O poder me parece mais interessado em ver por dentro o negócio das alegorias, do ponto de vista artístico, do que em ver espetáculo de rua".

Talvez o poder, ao qual se referia o poeta, fosse de fato o poder midiático que tudo podia e ainda pode numa época como esta, época do Carnaval internacional, do Rio, do Brasil na boca e nos olhos do mundo. Momento da festa que abre portas para o turismo brasileiro, para a produção de trabalho e angariações financeiras. Momento ímpar para o lucro por vendas instantâneas.

Talvez, sua crítica, diga mais a respeito de sua maneira peculiar de enxergar esta festa do povo que ele defende como sendo de rua. Parece que o poeta cobra e deseja ver seus versos, sua vida não apenas na língua do poder midiático, tão expressivo na época, o meio televisivo, principal meio propagador da festa do povo e, foi sem dúvida disso que reclamou o poeta. Sua reclamação tem um certo tom de tristeza por expressar esse viés de uma força, de um poder que impede que algo que seja do povo se torne ao mesmo tempo distante de quem é sua maior inspiração, o próprio povo.

É preciso ressaltar que o Carnaval sempre foi uma festa popular, uma festa do povo para o povo, e que no decorrer de sua história, sofreu um duro golpe da elite que com a construção do sambódromo acabou por confinar a festa apenas a este espaço. Desse modo, a festa passou a ser transmitida pela televisão e os ingressos ficaram cada

vez mais caros fugindo completamente do alcance popular, do poder aquisitivo dos mais simples que eram os próprios foliões.

Desta feita, os subúrbios, a periferia perderam o contato com o Carnaval que a partir de então se transformou em festa para turistas. Vendo que o espaço destinado aos desfiles, além de separar, de segregar e de dar lucros, grandes metrópoles, na década de oitenta, a exemplo de São Paulo e Porto Alegre, construíram também os seus sambódromos segregando a festa de rua.

A primeira agremiação surgida no Rio de Janeiro foi "Deixa falar" hoje mais conhecida como Estácio de Sá. O surgimento do termo "Escola" de Samba se deu devido os fundadores estarem em reunião num bar de frente a uma escola onde fundaram sua agremiação.

Finalmente, feita a reclamação ou a crítica em relação ao Carnaval de rua sumido, engolido pela força da mídia, Drummond cobre Nevinha Pinheiro de conselhos, principalmente, sugerindo um certo descanso e demonstrou mais uma vez um certo receio que o "Trabalhão" desempenhado por Nevinha Pinheiro para a "Mangueira" não fosse reconhecido e dar-lhe o seguinte conselho "Não se dê muito trabalho cuidando dele".

Assim, Drummond dar seu conselho máximo para que Nevinha Pinheiro volte a escrever seu livro e faz questão de destacá-la como escritora, "escrevedora" do seu grupo, do seu nível "Divirta-se quanto puder, por conta própria. E terminada a folia, volte ao trabalho, ao livro que está escrevendo, pois isto é que realmente importa na vida dos escrevedores, como nós". Veja que Drummond ressalta "Escrevedores como nós" para revelar que ela é uma escritora tanto quanto ele e tantos outros bons escritores brasileiros.

E finalmente, o poeta fecha sua incorrespondência com a cordialidade, com a candura, a consideração e o respeito de sempre "Beijos, com ternura, do Drummond".

05/ABRIL/1987

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Riv, 5.4.87.

Querido Nevinha:

Estou a falar a falta de respeito às suas  
cantas, lidas sempre com interesse curioso. Não  
sou <sup>meu</sup> de enxada, a uma altura da vida; fui de letra de  
cunha pelo telefone, mas desaprendi o embudo,  
dos Correios. Quando puser, de preferência pela manhã, digite  
227-5676. Então a África já se manifesta sobre o seu  
lino? Fontes de saber de uma boa solução: não  
há mais um bom volume de exaltação (inteli-  
gente) à segunda terra natal de dois próximos,  
mas é o Rio.

As memórias do jovem de São Paulo estão  
d'humor. Orientam realmente o leitor sobre  
a matéria e o sentido do livro. Prestam serviço,  
orientando com isenção.

há se impressione com o desparcialmente  
do braco do tal Andrade, mas sempre parente.  
Nunca levei a sério essas presenças de heráldica  
e genealogia, mesmo que, do lado andradeiro,  
tenho um remoto baco de la Casa, a qualidade "Andrade,  
el Malo", e de outros drummondiana me seria  
um Império "Edward, o Bombar..."

Um beijo e a amizade fiel de

Carlos

Rio, 5. 4. 87

Querida Nevinha:

Não estranhe a falta de resposta às suas cartas, lidas sempre com interesse carinhoso. Não sou mais de escrever, a essa altura da vida; gosto de ler e de conversar pelo telefone, mas reaprendi o endereço dos Correios. Quando quiser, de preferência pela manhã, disque 227-5696. Então a Ática já se manifestou sobre o seu livro? Gostaria de saber de uma boa solução: você brilhando com bonito volume de exaltação (inteligente) à segunda terra natal de todos nós provincianos, que é o Rio.

As resenhas no Jornal de São Paulo estão ótimas, orientam realmente o leitor sobre a matéria e o sentido do livro. Prestam serviço, orientando com isenção.

Não se impressione com o desaparecimento do brasão do tal Andrade, meu suposto parente. Nunca levei a sério essas frescuras de [ilegível] e genealogia, mesmo porque, do lado Andradino, tenho um remoto brasão de La [ilegível] apelidado "Andrade, el [ilegível]", e da vertente drummondiana me saiu um longícuo "Edward, o Bandido...".

Um beijo e a amizade fiel do

Carlos

*"Quando quiser, de preferência pela manhã, disque 227-5696"*

Finalmente, aqui, se inicia a nova saga desta amizade que será permeada por um outro meio da comunicação humana. A escrita, que outrora foi a demarcação das críticas e conversas sobre estas mesmas críticas, paulatinamente, se despedia como único suporte da comunicação para abrir espaço para este novo recurso da comunicação, o Telefone.

Portanto, se instala um novo diálogo que será pautado e fundamentado na voz humana. Agora, o barulho silencioso da escrita que a poucos alcança, seria mais silencioso e mais íntimo ainda a partir de conversas ao pé de ouvido. A partir de então, um falaria ao outro como uma espécie de consciência que veio da escrita para a voz e que passou a ganhar novos quinhões valorativos que instigaram este novo viés para que se entenda a importância da migração da voz para escrita.

Agora seria o Telefone que cientificamente significa "aparelho destinado a transmitir e reproduzir à distância o som da fala humana por meio de correntes eletromagnéticas" que faria a diferença neste novo momento da comunicação entre ambos.

Neste momento, o manuscrito, a datilografia como vozes da escrita, como meios de comunicação, seriam deixados de lado para darem espaço a um outro recurso ainda mais restrito, talvez, mais sofisticado, do ponto de vista de sua aquisição. Se a escrita já não era um recurso comunicativo de uso da multidão, o Telefone menos ainda, pois era um recurso para poucos na época da comunicação entre Nevinha e Drummond. Assim, os últimos suspiros desta amizade tão completa, tomariam um novo rumo.

Para que a comunicação fosse registrada, Nevinha Pinheiro pediu permissão ao poeta para registrar, a partir da transcrição, toda a conversa que envolvesse ambos. Talvez a jornalista, no afã de sua

criatividade desejasse criar, como de fato criou, um arquivo pessoal no qual pudesse guardar as conversas, os diálogos entre ambos que a partir de então não mais aconteceriam numa via de mão única.

Embora seja a voz do poeta, que mais uma vez será guardada, arquivada pelo viés do manuscrito de Nevinha Pinheiro, mas também há, de forma mais explícita, a presença da voz da jornalista que vez por outra interviu se intercalando na voz de Drummond. Portanto, foi a escritora quem registrou e tornou literário o que poderia se perder com o passar do tempo.

Este momento é ímpar e merece uma atenção redobrada do leitor, isto porque durante todas as correspondências entre eles, sempre foram as marcas de Drummond que nortearam os debates. A ausência de Nevinha foi demarcada por uma presença muito forte, caracterizando esta ambivalência, do estar e não estar, ao mesmo tempo, numa comunicação. Ou seja, a arquivista não arquivou as suas próprias correspondências, portanto, perdeu-se o cerne das correspondências enviadas por ela.

No primeiro capítulo do presente livro, foram os rastros do poeta que emergiram e deram o tom para interpretações diversas a diversos momentos de sua própria escrita, mas no segundo capítulo, a presença de Nevinha engoliu a voz do poeta porque dela dependeu todo o registro manuscrito do diálogo fascinante ocorrido entre os dois.

É como se a amizade entre ambos reivindicasse um novo suporte para sua manutenção, para a sua sobrevivência, para sua evolução, uma evolução que, obviamente, ultrapassa o nível de uma mera necessidade de manter a vivência intelectual entre um poeta e uma jornalista.

Ambos ultrapassam a barreira das combinações de letras escritas ou datilografadas tantas vezes ensimesmadas e isoladas por combinações com outros suportes, tais como: tintas, lápis, papéis, impressões, máquinas de datilografias, fotografias etc, que em seus signifi-

cantes infindos, em suas simbioses, deflagram um novo barulho, um novo ruído, o do Telefone, que, a partir de então, seria o canal responsável pela manutenção de um diálogo de alto nível como sempre foi. Este nível sobreviverá através da fala pelo viés telefônico.

A partir de então, o poeta começa a sinalizar para uma abertura por outra via da comunicação que será demarcada pelas linhas que ligavam, nos anos oitenta, os cidadãos e cidadãs do Brasil. O Telefone, neste momento, era tratado como necessidade dos tempos pós-modernos, mas era privilégio de poucos.

Não sabemos, ao certo, se a escritora paraibana chegou a ter este avanço ou recurso tecnológico em sua própria casa ou se recorreu ao diálogo com o poeta através do Telefone de seu trabalho.

No prefácio 1 deste livro, de sua irmã Dione Pinheiro, há uma ressalva para as brincadeiras de suas colegas de trabalho na redação do Jornal onde trabalhavam quando o poeta Drummond telefonava para Nevinha Pinheiro: "É Drummond, Érico Veríssimo?"

Na carta acima Drummond ressalta que já não se utiliza da escrita para expressar suas opiniões nem para se comunicar e o fato de não escrever mais, nesta idade, abre um parêntese para que se reflita se o fôlego e o apetite para escrever estão associados à questão da idade.

Será que com o avançar do tempo, da idade, se perde de fato este apetite pela escrita por perder coordenações motoras ou se é de fato uma indisposição para o ato de escrever por opção pessoal? Percebemos que as reclamações e a crise do poeta com a escrita emergem de acordo com o avançar de sua idade, uma vez que a comunicação fica cada vez mais escassa entre ambos através da escrita.

O poeta parece, em sua despedida anunciada, anunciar o indesejo de continuar se comunicando pela escrita, o que vem reforçado a partir do que fala a Nevinha Pinheiro "Não estranhe a falta de resposta às suas cartas... Não sou mais de escrever, a essa altura da

vida". Portanto ai está o mote maior do fim do primeiro capítulo do presente livro, o fim da comunicação pelo viés da escrita em cartas e cartões manuscritos e datilografados.

O fim da comunicação entre Drummond e Nevinha Pinheiro pelo viés da escrita, foi dado e nasce a partir de então, um novo suporte para fundamentar e dar continuidade a esta amizade tão produtiva. O poeta faz um pedido para que a jornalista não estranhe sua incomunicabilidade nas respostas "às suas cartas" e confirma seu interesse em manter-se leitor do que escreve Nevinha Pinheiro.

O poeta se desculpa pela sua incorrespondência, mas revela a importância das cartas de Nevinha lidas por ele "sempre com interesse carinhoso" e abre um novo canal para uma nova passarela para o diálogo.

Desse modo, o poeta corresponde a uma solicitação da escritora ao dizer "Quando quiser, de preferência pela manhã, disque 227-5696".

Esta foi a chave dada pelo poeta para a nova sala de bate-papo para a comunicação entre ambos. Uma nova sala de debate se abrirá e a comunicação será mantida em seu mais alto padrão. Houve, inclusive, a sinalização de uma determinada hora preferencial e a indicação de números para que a jornalista ficasse mais à vontade.

Claro que o poeta utiliza a expressão "Quando quiser", talvez, para dar uma maior mobilidade comunicativa a Nevinha Pinheiro, mas acaba por indicar sua preferência em termos de horário para comunicar-se, "De preferência pela manhã". Então deflagrou-se um horário para a comunicação pelo telefone, já que o poeta não optava mais pelo caminho da escrita.

Destarte, havia ficado para trás a força da escrita de Drummond, como se ele já tivesse escrito tudo o que desejasse e que com a idade avançada não almejasse mais ser incomodado por este viés.

Nesta carta, Drummond abre espaço para vários debates: um, quando repassa o número de seu telefone para que Nevinha pudesse ligar. A autorização vem expressa na forma imperativa "Disque 227-5696"; dois, quando fundamenta e atribui sua incorrespondência, na escrita, à idade "Não sou mais de escrever, a essa altura da vida" e portanto implora a Nevinha Pinheiro para não estranhar sua falta de resposta às tantas cartas enviadas por ela; três, quando faz indagações sobre a Editora Ática em relação ao livro de Nevinha Pinheiro "Então a Ática já se manifestou sobre o seu livro?", o que sinaliza a intimidade intelectual entre ambos, uma vez que dá a entender de que Nevinha Pinheiro lhe escrevera anunciando certa relação com a Editora Ática; quatro, quando comenta de forma objetiva e positiva de que as resenhas publicadas por Nevinha Pinheiro no "Jornal de São Paulo estão ótimas"; e por último, quando o poeta desabafa sua ira implorando a Nevinha de que ela não se impressionasse "com o desaparecimento do brasão do tal Andrade" que ele apontou como "suposto parente" e por fim explode confessando que nunca foi de levar "a sério essas frescuras de [ilegível] e genealogia".

Vejam os que há uma ira do poeta nesta última carta por ser, provavelmente, desagradado, desrespeitado e desconhecido na montagem da sua árvore genealógica.

Em relação à questão do livro abordado por Drummond, não sabemos qual seria, uma vez que o poeta não faz referência. Entendemos que não é a "Crucificação do Diabo" porque esta obra fora lançada em 1978 pela Editora Moderna e o ano da presente carta data de 1987. Inferimos ou desconfiamos que o livro em foco que seria enviado à Editora Ática, para apreciação e publicação, talvez, fosse o livro sobre o poeta pernambucano, Manuel Bandeira, ainda no prelo, sinalizado anteriormente e

bastante elogiado e aprovado por Carlos Drummond de Andrade, conforme já abordado.

Como era comum a motivação intelectual entre ambos, o poeta motivou a autoestima de Nevinha criando uma espécie de narrativa que montou uma imagem de Nevinha conforme ele mesmo imagina: "Você brilhando com bonitão volume de exaltação". É uma imagem fantástica criada pelo poeta ao se referir a ela e ao livro em discussão.

Isso só corrobora com o que vimos demonstrando no presente livro, a importância da jornalista para a obra de Drummond e para as Literaturas paraibana e brasileira. Finalmente o poeta desabafa sobre a questão do brasão da família Andrade e tece duras críticas ao assumir que não se comove com a ideia do brasão em sua origem nobiliária e isto pode ser comprovado como usa a expressão "frescura" para definir que não aprovou.

Esta carta sela aquilo que nós denominamos de uma amizade que está para além da comunicação literária. Uma amizade de considerações e afinidades literárias, políticas e religiosas, embora pairasse sempre sobre esta amizade o clima sombrio da crítica que mesmo assim não deixou de alimentar o diálogo e o interesse na manutenção desta comunicação. O poeta de Minas Gerais, de Itabira, do mundo e a crítica, romancista e jornalista paraibana de Serra Redonda estiveram bem próximos em suas produções.

O poeta se posiciona que as resenhas publicada por Nevinha são "ótimas" e que podem ser encaradas como guias perfeitos para orientar "o leitor sobre a matéria" e que o fundamento do livro deve ser prestar "serviço orientando com isenção..." o que esclarece ainda mais sobre o nível de nossa escritora. São opiniões fundamentais para que se entenda que a jornalista atendia as prerrogativas para manter uma conversa bem fundamentada com qualquer escritor de qualquer nível.

Esta é uma das cartas mais abrangentes do poeta, na qual ele parece estar se despedindo do mundo, dos amigos, de Nevinha Pinheiro. Aqui, o poeta adentra ainda mais a importância do livro para o leitor: “orienta realmente o leitor”.

Vejamos que o poeta atenta para a questão do papel social que um livro ou obra de arte deve prestar à sociedade e ressalta a verve da orientação ao leitor. Ressalta que o fim do livro é o leitor e que este leitor deve estar bem informado e bem orientado.

Portanto, a partir daqui, encena-se um novo movimento onde os rastros das opiniões de Drummond, o tremular das mãos nas cartas manuscritas, os erros de datilografia, os rascunhos de agradecimentos, os erros das datas, a ansiedade do vai e vem das incorrespondências e a espera dos Correios, tudo isso ficará para trás para abrir espaço para uma nova forma de comunicação e nisso Nevinha Pinheiro foi genial ao adotar a transcrição, a partir, lógico, da autorização de Drummond para registrar através da escrita manuscrita, o pensamento vivo do poeta, o pensamento pulsante e de pé de ouvido.

19/JUNHO/1987

Rio, 19 de junho, 1987.

Querida Neza:

Li com o devido cuidado (ou não) o Euclides de Lu. e achei-o muito bem realizado, como obra de maquiagem colocada em dados concretos. Há nela muita informação positiva, mas quem não conhece o Rio em si o conhece superficialmente. É pouco extensiva e, ora, abraça, abraça. Só me resta uma dúvida: se é feita para adultos, crianças, ou para adultos, estes talvez o achem um pouco infante, com a linguagem de um bobalhão e um bom humor mesclado e falando como pessoa viva e não como simples mito.

Tenho a liberdade de recomendar-me a você. O comentário fica pertinho aqui de casa, e eu sou amigo da Beatriz e da Raquel, protestistas que, desde a minha idade veem natural, nada me cobram pelo serviço postal.

Beijos e saudades de  
Carlos

P.S. Referência a Rui Barbosa demonstra o papel da sociedade e o papel político. Talvez ~~este~~ consiga ouvir o prof. Antônio Coimbra, da Casa de Rui, seu tem opiniões diferentes. C

Rio, 19 de junho, 1987.

*Querida Nevinha:*

*Li com devido carinho (você merece) o Encontro do Rio e achei muito bem realizado, como obra de imaginação calcada em dados concretos. Há nele muita informação positiva para quem não conhece o Rio ou si o conhece superficialmente. A forma literária era atraente, aliciante. Só me resta uma dúvida: se é leitura para adolescentes, apenas, ou para adultos. Estes talvez o achem um pouco ingênuo, com a figuração de um Rio velho e um Rio novo movendo-se e falando como pessoas vivas e não como simples mitos.*

*Tomo a liberdade de restituir-lhe os selos. O Correio fica pertinente aqui de casa, e eu sou amigo da Márcia e da Raquel, [ilegível] que, devido à minha idade venerável, nada me cobram pelo serviço postal.*

*Beijos e saudades do*

*Carlos*

*PS- A referência a Rui Barbosa reescrevendo os papéis da escravidão é assunto polêmico. Talvez convenha ouvir prof. Américo Lacumbe, da casa de Rui que tem opinião diferente.*

*C*

## *"E falando como pessoas vivas e não como simples mitos"*

Aqui resta a "última" carta escrita por Drummond para Nevinha Pinheiro, não há nenhum tom de saudosismo, por ser, talvez, em vida, a "última" carta que escreveu à sua crítica, amiga e confidente. Confidente sim, do ponto de vista de uma amizade respeitosa que beirava única e exclusivamente, os interesses literários entre ambos. Nevinha era tão respeitada e considerada pelo poeta que ele chegou, apesar da idade dela, a denominá-la, intitulá-la, carinhosamente, como "Maezinha" conforme já demonstrado.

Assim, nesta última incorrespondência, deste primeiro capítulo, através da escrita, em cartas e cartões, ressalta-se e corrobora-se para a importância de Nevinha Pinheiro para a Literatura brasileira. E é aqui que o poeta põe suas "unhas" para fora para demonstrar a Nevinha Pinheiro uma breve análise sobre o conto em debate. Isto só demonstra de que modo ambos abordavam suas leituras um para o outro.

Evidentemente que Drummond foi a ressalva, foi a referência maior para que se entendesse que Nevinha Pinheiro não fora uma jornalista, uma escritora, uma crítica literária qualquer e é o poeta, sem dúvida alguma, o maior referencial e o principal responsável da cobrança do presente livro em seus objetivos: reconhecer e incluir o nome de Maria das Neves Pinheiro, Nevinha Pinheiro, entre os cânones da Literatura paraibana e nacional.

Esta cobrança se justifica, entre tantas outras razões, quando Drummond faz uma abordagem sobre o conto "O encontro no Rio" apontando as qualidades do texto quando analisa a abordagem sobre o Rio de Janeiro, no conto, e se pronuncia que achou o conto "Muito bem realizado". E conclui sobre a qualidade da narrativa do texto de que "Há nele muita informação positiva para quem não conhece o Rio ou si o conhece superficialmente".

Acrescenta, em sua análise, para endossar e confirmar a qualidade da produção literária do texto em discussão, que a "A forma literária é [illegível] atraente, aliciante. Só me resta uma dúvida: se é leitura para adolescentes, apenas, ou para adultos. Estes talvez o achem um pouco ingênuo com a figuração... e falando como pessoas vivas e não como simples mitos". Aqui o poeta toma a liberdade de fazer indagações sobre o conto tentando arrancar um debate sobre ele e o público alvo: "se adultos ou adolescentes".

O que se demonstra, que há sim, um amplo diálogo que propõe uma leitura mútua entre opiniões recíprocas disseminadas em torno de suas análises. É fascinante o entrosamento literário entre Nevinha e Drummond. Era, realmente, a nosso ver, uma dupla que poderia ter produzido muito mais, produzido algo mais que fosse além de suas críticas sobre suas obras literárias, ou seja, uma produção que tivesse demarcado uma parceria numa produção que envolvesse a escrita de ambos de forma mais abrangente.

A partir dos traços de análises de Drummond sobre o texto em debate, percebe-se que, ao olhar do poeta, o conto traz todas as qualidades de um excelente texto que concatena uma verve de "informação positiva". Assim, esta prerrogativa suscita um debate para entendermos melhor o que pode ser "Informação positiva" definida como um mapa de caráter literário capaz de servir de guia aos menos informados sobre a cidade maravilhosa.

O que chama a atenção é este debate produzir algo que aos olhos de Drummond concentra informações positivas. E o mais fascinante é perceber, dentro do debate levantado, o quanto Drummond reconhecia em Nevinha Pinheiro esta crítica com potencial para ouvi-lo.

Portanto, o primeiro capítulo do presente livro serve para estabelecer uma compreensão em torno da amizade entre o poeta e a escritora paraibana. Uma amizade que pode ser registrada ou até mesmo medida a partir do interesse de Nevinha Pinheiro de resguardar

e guardar para si, os inúmeros diálogos estabelecidos entre ela e o maior poeta da Literatura brasileira.

Nossa observância e nosso maior interesse na escritora, jornalista e crítica literária Nevinha Pinheiro foram deflagrados a partir da descoberta de tantas qualidades reveladas pelo próprio Drummond que reconhecia que ela, a seu ver, estava atendida em toda a sua produção.

Por fim, o poeta se despede como sempre, com carinho e respeito "Beijos e saudades do Carlos" e chama atenção para uma abordagem sobre Rui Barbosa na qual não desejou se estender atribuindo competência para essa abordagem a outra autoridade na área de estudo "PS - A referência a Rui Barbosa reescrevendo os papéis da escravidão é assunto polêmico. Talvez... Convenha ouvir prof. Américo Lacumbe da casa de Rui que tem opinião diferente. ☺".

Deste modo, encerra-se esta via dos manuscritos, dos textos datilografados que representaram as incorrespondências de Drummond para Nevinha Pinheiro numa mão única. Ou seja, as incorrespondências vindas do poeta para Nevinha, o que nos fez mais curiosos durante as leituras para entendermos o que poderia ter sido escrito por Nevinha Pinheiro. Isto em alguns momentos foi possível inferir devido às pistas dadas pelo próprio Drummond nas suas incorrespondências.

Depois de escrever esta "última" datada no mês de junho de 1987, dois meses depois, em 17 de agosto de 1987, o poeta parte para outro plano. Era uma carta já sombreada pela "indesejada das gentes", conforme outro grande poeta, ao qual Nevinha Pinheiro se dedicou a estudar, Manuel Bandeira. Aqui findava a passagem carnal do poeta pela terra. Este foi o ano do desfile, da homenagem e tudo parecia um ensaio para a despedida do poeta.

Assim, finda-se este círculo da amizade entre o poeta Drummond e a jornalista Nevinha Pinheiro. O poeta fecha o círculo de sua pro-

dução que certamente viverá por muitos e muitos anos e Nevinha Pinheiro parte também em 1996 nos deixando um legado ainda a ser explorado, estudado, pesquisado.

Não nos restam dúvidas de que o nome de Nevinha Pinheiro deve ser lembrado e estudado para que outras pesquisas, a exemplo da pesquisa desenvolvida, sob nossa orientação no Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB no biênio 2017-2018, possam ser implementadas.



## *Segundo Capítulo*

O termo manuscrito sempre foi utilizado para referenciar um determinado documento escrito à mão por um alguém qualquer ou mesmo uma celebridade. Neste sentido, o texto que desnuda, revela ou explicita a letra de um autor no ato da criação, é um tesouro raro cujo valor cultural aumenta ainda mais com o passar do tempo.



## Uma Fresta para o Manuscrito

*"Os manuscritos integram uma espécie  
de memória viva da história"*

Na pós-modernidade, é a escrita on-line, em teclados, a maior determinante dos caminhos traçados para a comunicação através de computadores pelos quais se pode comunicar ora pela imagem e voz, ora pela escrita digitalizada.

Abrimos aqui um parêntese que carece da demonstração de um adendo contraditório no confronto entre o computador e a escrita à mão.

Durante toda a nossa formação escolar, aprendemos, com a escola, desde a mais tenra idade, a escrever à mão em letras cursivas ou de fôrmas praticando o tradicional trabalho de cobrir letras e frases inteiras para desenvolver a prática da escrita e aprendermos a ter uma grafia legível e "bonita".

Durante nossa vida de cidadãos e cidadãs da era cibernética, somos intimados, chamados, convocados a escrever permanentemente em teclados de tablets, computadores, notebooks, celulares etc., em demasia e com urgência devido à velocidade com que avança a comunicação humana. São os teclados, os grandes palcos da escrita moderna, e é neste palco que ensaiamos nossas ideias, traçamos nossos projetos e ampliamos nossos diálogos com a mídia de uma forma geral.

Em nossa ingressão no nível superior, somos chamados a escrever, a produzir trabalhos mais em computadores do que em papéis à mão. Apenas utilizamos o manuscrito para marcar textos, fazer anotações de aulas deixando para trás, definitivamente, a nossa bela ou horrível caligrafia manuscrita adquirida ao longo dos primeiros estudos colegiais.

Se ingressamos no nível de pós-graduação, o texto escrito à mão, manuscrito, é algo que funciona só no ato da prova escrita e apenas para ingresso e depois seguimos ampliando nosso distanciamento da prática da escrita à mão através dos teclados.

No entanto, quando vamos fazer concursos públicos, vestibulares, em redações, por exemplo, ou para cargo de professor universitário em provas escritas, nos deparamos mais uma vez com a escrita à mão, quando já não estamos mais habituados a este tipo de escrita, o que causa inúmeros transtornos para quem não está mais habituado à prática de escrever à mão, de usar canetas e lápis.

Escrever à mão, manuscritos, na atualidade da era cibernética é algo muito raro, é uma maneira tradicional de comunicação por escrito que está paulatinamente ficando para trás literalmente.

O manuscrito, por sua vez, se caracteriza por deter informações anotadas em folhas de qualquer papel. Do ponto de vista histórico é uma das principais fontes de conhecimento. Afinal, ainda é comum, não estando de posse de computadores, fazermos anotações das in-

quietações que vêm à mente em qualquer papel disponível no momento que for preciso.

A expressão manuscrito sempre foi utilizada para fazer referência a um documento escrito à mão por um alguém qualquer ou um famoso. Neste sentido, o texto que mostra a letra de um autor no ato da criação, é um tesouro raro cujo valor aumenta ainda mais com o passar do tempo.

Vejam, por exemplo, que o manuscrito que esboça a teoria da relatividade do físico Einstein foi vendido por mais de R\$ 72 milhões, o que reforça a ideia do valor cultural e financeiro que um determinado manuscrito possa possuir.

O manuscrito sempre foi tratado como um legado fundamental para transmitir informações às futuras gerações, ou seja, para que um determinado conhecimento não se perdesse. Os textos escritos à mão, de certa forma, sofreram um abalo midiático, mais precisamente no século xv, quando o alemão Johannes Gutenberg criou a imprensa implementando uma nova vertente para a escrita.

Deste modo, o manuscrito deixa de ser a única forma de comunicação ou de preservação do saber humano e os textos editados na imprensa passam a pertencer ou receber a categoria de impresso.

Apesar deste tipo de texto, o impresso, estabelecer um grande avanço na propagação das informações, o manuscrito não deixava de ser uma atividade escrita bem mais elaborada. O manuscrito compõe uma memória viva da história. Muitos manuscritos foram preservados em forma de pergaminho e sua utilização está contextualizada há mais de 1500 anos a. C.

Nos dias de hoje, o manuscrito também pode estar configurado e escrito em qualquer papel. Um exemplo de um texto escrito à mão é a carta. Além disso, é importante destacar que os textos escritos à mão também dão importância a uma disciplina entendida como gra-

fologia que dá margem para interpretações de tipos de letras com características próprias.

Do ponto de vista histórico, destacamos os “manuscritos iluminados” que são os livros artesanais decorados com detalhes de ouro e prata. Alguns destes detalhes artesanais são: ilustrações, bordas decorativas e letras.

Desse modo, estas decorações serviam para embelezar o texto, graças a um conteúdo estético e visual. Os exemplos mais antigos são aqueles contextualizados entre os séculos III e V. Entretanto, foi na Idade Média que esta arte criativa atingiu seu êxito social na Europa onde os artesãos da palavra trabalhavam em oficinas para dar vida a textos de caráter sagrado como a Bíblia ou biografias de santos ou nobiliários contendo histórias familiares dos reis.

## **Intromissões de Suportes**

*"Ato ou efeito de intrometer-se, tomar parte em assunto ou questão da competência..."*

Para darmos continuidade aos diálogos entre Nevinha Pinheiro e Carlos Drummond de Andrade passemos por uma outra seara do saber humano, a voz. Neste sentido, para Zumthor (1995, p.21) "há uma longa tradição de pensamentos, é verdade, que considera e valoriza a voz como portadora da linguagem, já que na voz e pela voz se articulam as sonoridades significantes".

Mesmo assim, a escrita continuará sendo a maior norteadora dos debates aqui em foco porque mais uma vez a comunicação entre ambos foi tomada pela rede de tradições, mais precisamente pelo manuscrito, que do ponto de vista histórico, é considerado uma das principais fontes de saber da humanidade.

Portanto, mais uma vez, através da escrita, foi possível a jornalista documentar/registrar as opiniões oriundas pelo viés da voz de um dos expoentes da Literatura brasileira.

Neste sentido, é importante retomar Zumthor (1993, p.35) que pondera: "admitir que um texto, num momento qualquer de sua existência, tenha sido oral é tomar consciência de um fato histórico que não se confunde com a situação de que subsiste a marca escrita...".

O encontro entre a voz e a escrita pode sinalizar para um método que seja capaz de propor uma intervenção na recepção do ato comunicado a partir da presença das várias formas de mídias existentes.

Desse modo, podemos recorrer a Justino (2014, p.26) para quem "em tal encontro, as formas simbólicas e suas mídias não devem ser

pensadas isoladamente, mas 'nas intrigas que tramam com seu meio e as espécies concorrentes'".

A partir daqui, será o registro desta fala, desta voz, feito pelas mãos de Nevinha Pinheiro, o caminho que nos conduzirá às principais opiniões de Drummond dadas nas conversas pela via do Telefone. Esta transformação/transposição de um modo de comunicação por outro, no caso da voz para a escrita, não pode ser considerada como forma arbitrária de substituição de uma linguagem que seja considerada como mais ou menos admirada, ou seja, com predominância de uma sobre a outra no ato comunicativo.

Este movimento, esta dança perene e permanente entre a escrita e a voz, na comunicação, existe desde os primórdios do saber humano e é extremamente necessário que se entenda os tantos sentidos deste movimento. Ora se fala sobre as coisas e ora se escreve sobre as coisas. São dois caminhos que de certa forma se bifurcam para darem rumo ao significado do mundo.

O privilégio da voz não é uma escolha ou uma opção para suprimir o privilégio da escrita, ambas complementam o universo da significação humana e ambas ora conflitam e ora corroboram com o sistema do "ouvir-se-falar através da substância fônica – que se dá como significante não-exterior, não-mundano, portanto não-empírico ou não-contingente – teve de dominar durante toda uma época a história do mundo, a ideia de origem do mundo..." (DERRIDA, 1973, p.9).

Aqui, no segundo capítulo, não intentamos adentrar no certame da análise de uma particularidade ou outra do discurso transcrito para não comprometermos a conexão da idoneidade política do poeta com a lisura da veracidade do registro feito pela jornalista.

Embora, a prática desta análise possa dar outra movimentação à prática da comunicação, onde as informações intrínsecas nas interpretações ampliam de forma intensa as inúmeras possibilidades da mensagem acontecer por um viés no qual a escrita não seja apenas

uma mera reprodução da linguagem falada. Neste caso, a escrita, o manuscrito, vai atuar, sobretudo, como "o transporte de um significado" do "que poderia permanecer falado na sua integridade", mas que escorreu como líquido para as ramificações da escrita de Nevinha Pinheiro através do presente manuscrito.

Entendemos que estas ramificações podem ser compreendidas como tentativas de "conexões que colocam os sujeitos em redes de sentido de diversas ordens materiais..." (JUSTINO, 2014, p.57).

É como se essas "ordens materiais" contidas ou incontidas neste "texto-espelho", o manuscrito, produzido por Nevinha Pinheiro, determinassem certa ambiguidade que se faz presente no "discurso que fala da própria voz que o carrega".

A forma predominante para a materialização do discurso drummondiano utilizada por Nevinha Pinheiro foi o *discurso indireto*, o qual apresenta as falas das personagens de uma narrativa a partir das palavras do narrador: "Neste tipo de discurso, as personagens não se exprimem livremente porque é o narrador que fala pelas personagens". Ou seja, recorrendo a Zumthor (1993) seria o "discurso que fala da própria voz".

Deste modo, antes de fazermos uma explanação sobre o tipo de discurso predominante na transcrição de Nevinha Pinheiro, cabe um parêntese para o *discurso direto*, aquele em que o narrador reproduz as palavras da personagem que discursa. No caso do *discurso indireto*, tão comum na prática jornalística, há a incorporação da fala do interlocutor na fala do narrador.

Contudo, a partir da explanação acima, é possível que se encontre num momento ou noutro da presente transcrição, a predominância de uma ou outra forma de discurso, mas com a predominância do *discurso indireto*. Para manter a presença deste discurso na transcrição, Nevinha Pinheiro retoma características inerentes: "reprodução da essência das falas, narração em terceira pessoa, verbos de

eloqu岸o anunciantes do discurso".   comum neste tipo de discurso, o narrador utilizar suas próprias palavras para reproduzir reaqoes das personagens, o que  bastante comum na transcriao em pauta.

Assim, a nosso ver, a jornalista e crítica literária procurou de toda forma manter o discurso do poeta livre em sua originalidade. Portanto, a grande e única preocupaao de Nevinha Pinheiro  manter pennes as expressões e opiniões do poeta. Parece-nos que a jornalista e escritora entendeu as ponderaoes sobre "os sons" discutidos por Aristóteles, as quais Derrida (1973) retoma quando diz: "os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma e as palavras escritas os símbolos das palavras emitidas pela voz" (DERRIDA, 1973, p.13).

Neste sentido, há uma coreografia bastante contundente na forma de comunicaao entre Drummond e Nevinha que pode surpreender em dois sentidos, por um lado, por ser sempre a escrita o viés mais forte, e por outro lado, ser esta mesma escrita, já tão fossilizada na relaao de ambos, a principal determinante da existência de uma voz que aparentemente não precisaria da escrita para sua sobrevivência, caso tivesse outro suporte de registro.

Percebemos que há temas, expressões e preocupaoes que são recorrentes nas cartas escritas do primeiro capítulo e que agora ressurtem na voz, a exemplo dos temas Carnaval e Escola de Samba de "Mangueira" e as preocupaoes com os desdobramentos do reconhecimento ou não, da pesquisa de Nevinha Pinheiro pela cpula da renomada Escola de Samba.

Contanto, nessa recorrência de temáticas já abordadas nas cartas, no caso do discurso de Drummond, Nevinha Pinheiro procura atribuir-lhe uma voz precisa e necessária para que possa transparecer que em sua transcriao, há, indiscutivelmente, a presença marcante e verdadeira do poeta em sua integridade, de corpo, alma, poesia e voz até porque segundo Derrida (1973, p.13) a voz

é produtora dos primeiros símbolos, tem com a alma uma relação de proximidade essencial e imediata. Produtora do primeiro significante, ela não é um mero significante entre outros. Ela significa o 'estado de alma' que, por sua vez, reflete ou reflexiona as coisas por semelhança natural.

É como se de certa forma Nevinha Pinheiro procurasse caracterizar o discurso drummondiano com a inserção de suas palavras a partir da interpretação do que lhe falara o poeta ao pé de ouvido. Percebe-se um imbricamento de discursos e vozes, sobretudo, porque há, a todo instante, a preocupação da jornalista de ora expor uma voz sem intermediário, própria do poeta, e ora explicitar uma outra voz com a mediação do narrador, própria dela mesma.

Parece até, para rever mais uma vez Zumthor (1993, p.79) que sua "voz se identificava ao espírito vivo, sequestrado pela escrita". Ao "espírito vivo" do poeta que entoava firme e forte seu discurso, depois transcrito pela romancista.

Para registrar este diálogo ímpar e para a preservação do discurso de Drummond de Andrade, Nevinha Pinheiro procurou, após a permissão do poeta, construir este registro com bastante cuidado a partir do *discurso indireto*. É possível identificar em seu manuscrito a presença desta modalidade discursiva a partir da presença do uso constante da terceira pessoa.

As vezes, percebe-se no discurso de Drummond, a presença marcante do discurso de Nevinha Pinheiro, isto porque ela se insere como uma personagem que busca se incluir na narrativa expondo também sua opinião sobre a opinião de Carlos Drummond de Andrade. Talvez isto ocorra para restabelecer um diálogo mais pertinente a partir do testemunho presencial da própria voz pulsante e inquietante do poeta de Minas Gerais.

Este registro foi possível a partir do momento em que Drummond autorizou a escritora a registrar as referidas conversas, o que ele considerou como motivo de "Satisfação e de honra", conforme já demonstrado.

Foi opção do próprio poeta, estabelecer esta nova vertente de diálogo através do Telefone, porque, conforme já debatemos, ele não estava mais disposto nem desejoso de manter a comunicação com a escritora e com seus leitores a partir da sua escrita.

O poeta parecia entender que "Em todos os casos, a voz é o que está mais próximo do significado, tanto quando este é determinado rigorosamente como sentido (pensado ou vivido) como quando o é, com menos precisão, como coisa" (DERRIDA, 1973, p.15).

Neste capítulo, não objetivamos manter a linha de montagem interpretativa do primeiro capítulo, no qual adentramos e procuramos Interpretar alguns tópicos presentes nas cartas enviadas pelo poeta a Nevinha Pinheiro. Aqui, neste segundo momento, será construído uma espécie de mural das ideias e do pensamento do poeta enquanto conversava com a jornalista e de que modo ela, como crítica de sua obra, registrou esta conversa.

Contudo, para tratarmos sobre a preservação deste diálogo entre o poeta e a jornalista, faz-se necessário abordar o debate no qual Borges identifica e indica os vários "tipos de imortalidades" e Nevinha Pinheiro, atendida como sempre, parece corroborar com o olhar borgeniano em relação à imortalização da conversação por entender que entre estas imortalidades apontadas por Borges, há de fato que se ter uma preocupação com aquela que ele define como "A Imortalidade do diálogo".

Essa preocupação, a nosso ver, é bastante pertinente e latente uma vez que Nevinha Pinheiro procura, a todo custo, registrar o discurso de Drummond, o que constitui longevidade, de certo modo, ao *ethos* discursivo do poeta, uma vez que a jornalista parece entender

que não é “com o corpo que morrem as grandes almas”, mas sim com o diálogo não registrado, esquecido, morto ou apagado.

Entenda este *ethos* conforme Maingueneau (Apud AMOSSY, 2011, p.10) que o “relacionou à noção de tom e não apenas à noção de fala. Isso por o *ethos* envolver tanto a escrita quanto à fala, e por expressar, além de um – caráter do locutor, a sua corporalidade”. Ainda para Amossy (2011, p.17) “ao mesmo tempo o *ethos* está ligado ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou melhor, ao processo de sua legitimação pela fala”.

Nevinha Pinheiro parecia compreender este momento como se estivesse vivendo os “últimos” dias da vida do poeta e a eternização deste *ethos* no diálogo seria imprescindível para o registro contundente e pertinente e para a exportação da força das ideias de Carlos Drummond de Andrade para um futuro bem próximo, no qual ora estamos mergulhados e que ora estabelece uma conexão que pode ser entendida como “proximidade absoluta da voz e do ser, da voz e do sentido do ser, da voz e da idealidade do sentido” (DERRIDA, 1973, p.14).

Portanto, sobre a “imortalidade” Salomão (2017, p.2) nos alerta:

Essa imortalidade, que corresponde ao legado comum humano – o patrimônio imaterial de nossos feitos, nossos discursos, nossas crenças, nossas formas de sociabilidade, a aventura, que sempre tentamos, da intercompreensão.

Neste sentido, em toda a sua transcrição, a jornalista opta por descrever a conversa com o poeta colocando em pauta, ou seja, em prática, sua paixão, a sua vocação profissional, o jornalismo.

De modo que pode até não ser uma transcrição *ipsis litteris*, mas que pode ser entendida como uma transcrição que acontece dentro do dualismo que integrava sua competência: das vias poética e prosaica, através das quais transcreveu as conversas a partir da co-

reografia de sua escrita e empolgação como admiradora e crítica da obra do poeta.

É importante ressaltar mais uma vez, a presença de características canônicas marcantes na escrita da transcrição de Nevinha Pinheiro, o que demonstra seu domínio da modalidade escrita. Destarte, ela se utiliza de sua capacidade de escrever para remontar com sagacidade e competência, o debate que poderia ter ficado apenas no plano de seu próprio ouvido, ou melhor dizendo, do seu próprio umbigo, em termos de vaidade pessoal.

E este sem dúvida alguma foi um dos motivos para que a jornalista não renunciasse ao convite do poeta e não abnegasse de sua capacidade para manter de pé a herança cultural da qual ambos fizeram parte.

Portanto, não houve na comunicação entre Drummond e Nevinha, nenhuma cláusula que pudesse colocar em risco esta comunicação que era portadora de debates recheados a partir de tantos conceitos críticos e, sobretudo, da presença de um discurso intenso, prudente e minucioso, em seus próprios detalhes que deixaram entrever o brilho desses diálogos.

Entenda-se transcrição, termo utilizado pelo próprio poeta no ato da solicitação de Nevinha Pinheiro, como ato ou efeito de transcrever, ou seja, "Escrever o que foi ouvido", "Registrar a pronúncia real do informante".

A jornalista transcrevera as conversas com Drummond dentro de sua ética e liberdade de se expressar sem que necessariamente essa conversa fosse transcrita "ao pé da letra", mas que acreditamos que há uma intensa fidelidade ao cerne do discurso do poeta.

A transcrição em foco tem uma abordagem temática bastante ampla que vai da doença do poeta à doença de sua filha amada, da crença em Deus à sua própria incredulidade, das injustiças come-

tidas contra Nevinha Pinheiro pela turma da mídia e da Escola de Samba de “Mangureira”, sobre os autores brasileiros, suas viagens à Europa, Literatura brasileira, sobre venda e consumo de livros e sobre leitores. Todas estas reflexões passaram exclusivamente pelos ouvidos e pelas mãos privilegiadas da jornalista paraibana de Serra Redonda, Maria das Neves Pinheiro.

Como podemos perceber, há um leque de temas que são enriquecedores para debates mais amplos. São temas que mexem com o imaginário do leitor de Drummond porque vasculham assuntos dantes não debatidos pelo poeta, principalmente, entre escritora e jornalista, o que demonstra a importância do presente registro por revelar as várias facetas do poeta em relação às temáticas que mais o inquietava naquele instante.

Toda a montagem das conversas aqui abordadas é de inteira responsabilidade da escritora e jornalista Nevinha Pinheiro porque não podemos, no presente livro, mensurar a veracidade de tais conversas.

O registro documental da referida conversa é oriundo de Nevinha Pinheiro em cujas letras manuscritas, na caligrafia cursiva, é possível trazermos à baila o *ethos discursivo* de Drummond e é a presença deste *ethos*, que conforme Amossy (2011, p.17), sua construção ocorre “a todo momento através de nossas falas ou silenciamentos, com o que mostramos ou aquilo que tentamos esconder, nos momentos que buscamos persuadir ou seduzir a quem nos ouve ou simplesmente mostramos nossa maneira de pensar”.

Portanto, de certa forma, podemos até encarar o manuscrito como uma espécie de outro texto do discurso dominante que pode sinalizar para outra via discursiva mais predominante na obra literária, ou seja, um novo texto fundado, sobretudo, no interesse exclusivo de quem o transcrevera.

Deste modo, sobre o manuscrito Jaspers (apud DERRIDA, 1973, p.20) nos alerta de que: "o mundo é o manuscrito de um outro, inacessível a uma leitura universal e que somente a existência decifra".

Assim, dispomos de duas transcrições manuscritas para o presente livro, sendo uma da própria Nevinha Pinheiro, do qual dispomos apenas alguns fractais, devido, as vezes, a qualidade do papel, transcrita no mesmo momento ou poucos minutos após as conversas com o poeta. Este registro se deu através de papéis de impressoras de computadores da época já utilizados em impressões e que posteriormente, normalmente, eram usados como rascunhos.

Também utilizamos uma outra transcrição, manuscrita em letra cursiva, em papel pautado, (digitalizada por nós), mas manuscrita pela escritora e irmã da jornalista, Dione Pinheiro, que, talvez, preocupada com a preservação do conteúdo de tais transcrições feitas por Nevinha Pinheiro, por segurança, procurou reescrevê-las para preservá-las e, por isso, devido à qualidade da transcrição optamos por usá-la em nossa abordagem.

Assim, no presente livro, nos norteamos pela transcrição da transcrição, da escritora Dione Pinheiro, para entendermos a ordem do diálogo transcrito pela própria Nevinha Pinheiro a fim de não comprometermos a ordem das conversas e a lisura da referida transcrição, bem como preservar a originalidade das conversas entre ambos.

Conforme a epígrafe, que inaugura o próximo tópico, após a autorização da transcrição das conversas, o percurso que outrora fora feito pela escrita nas cartas, será invertido porque será feito um novo movimento que terá o desdobramento da voz na escrita, o que, em alguns momentos, pode até "comprometer" um termo ou até mesmo um tema transcrito pela escritora, mas que não nos cabe aqui adentrar este debate de desvio de conteúdo.

A nosso ver, não é fácil participar como ouvinte e falante de uma conversa e transcrevê-la, ao mesmo tempo, em sua integridade, em sua magnitude, sem erros, sem rasuras ou sem ranhuras do interpretante. Diante disso, é importante refletir: Será que Nevinha Pinheiro fez o registro do discurso de Drummond no ato da conversa ou será que foi sendo feito paulatinamente como uma colcha de retalhos, conversa a conversa, depois dos diálogos?

Destarte, qualquer resposta dada à assertiva acima deve ser respeitada, e, sobretudo, refletida porque não podemos esquecer que são encontros/desencontros entre duas civilizações perdidas entre si, a civilização da oralidade, (da voz) e a civilização da escrita.

Obviamente, já foi debatido por vários críticos, a exemplo de Paul Zumthor (1995) que nos alerta de que em algum momento, nesses encontros e desencontros, essas civilizações passam por determinados distúrbios ocasionando um certo aleijamento na comunicação. Quando algo é dito num momento e escrito naquele mesmo momento, o seu sentido pode ser um, quando é ouvido e depois transcrito, seu sentido pode ser outro.

Portanto, as coisas ditas por voz ou escrita, em tempos diferentes, têm faces diferenciadas, mas são faces de uma mesma moeda porque cada uma, enquanto civilização, sempre olhará para a outra como se fosse a ponta do *iceberg* do saber de uma sobre a outra.

No presente livro, começamos nosso debate a partir da escrita das correspondências, em alguns momentos, encaradas como incorrespondências, enviadas à jornalista. Já no segundo instante, nosso trunfo maior é a conversa e o que sobrou desta conversa através do manuscrito da romancista.

Nesta comunicação entre o poeta e a escritora, a escrita, enquanto instituição, é representada, ora pelo viés dos manuscritos e ora pelo viés da datilografia, para em seguida, no segundo instante, che-

garmos na questão da voz, mas sempre com a presença marcante do ato da escrita.

No presente capítulo, a voz virá à tona e dirá o que tem para dizer, mas será a escrita imperiosa, mais uma vez, porque só ela lavrará o que foi dito. Não há registro do áudio da voz desta conversa, o que seria fascinante, mas fica aqui uma inquietação que remonta aos valores da voz e da escrita nessa comunicação em particular.

Comunicação esta em que a prática da escrita é uma constante para determinar o nível desse encontro entre esses dois seres literários fantásticos. Portanto, remontando Derrida (1973, p.24) "Não é por acaso que o pensamento do ser, como pensamento deste significado transcendental, manifesta-se por excelência na voz: isto é numa língua de palavras...".

Desse modo, Salomão (2017, p.3) pondera sobre a fala e a escrita que Marcuschi em seus estudos foi levado a dois desenvolvimentos seminais:

ao se debruçar sobre a censura e a continuidade da fala com a escrita, foi levado a dois desenvolvimentos seminais: o primeiro, trabalhar com uma compreensão dinâmica de contexto comunicativo, como uma continuidade de semioses que se interdeterminam – da cena física (ou virtual) ao corpo dos participantes, às crenças implícitas, à ética do encontro focalizado. O segundo desenvolvimento igualmente fecundo levou ao estudo da categoria de gênero textual, como ponto de encontro entre a diversidade dos usos situados da linguagem e as convenções discursivas idiomatizadas (e flexibilizadas) na própria instância comunicativa.

Sabemos que a voz antecede a escrita, que foi a voz que primeiro disse as coisas e ainda hoje, hodiernamente, no engatinhar da inte-

ligência humana, é a voz que vem primeiro, que se antecipa, é a voz que abre espaços para que se diga as coisas do mundo e desse modo possa estabelecer um diálogo crítico e construtivo com este mesmo mundo.

Portanto, para Derrida (1973, p.24) "A palavra é vivida como a unidade elementar e indecomponível do significado e da voz, do conceito e de uma substância de expressão transparente".

Primeiro aprendemos a falar, a emitir sons, para em seguida trilharmos os árduos caminhos da escrita que, muitas vezes, acontece em nossas vidas de forma extremamente particular. Não se aprende apenas a ler para ser considerado um leitor eficiente, não se aprende apenas a escrever para se tornar um escritor também eficiente.

Entre aprender a ler e interpretar e aprender a escrever e criar, há uma lacuna, um abismo que define a capacidade de cada cidadão ocupar com dignidade estas duas instâncias do intelecto e do saber humano, o que politicamente falando, muitas vezes é negado no processo de formação escolar se estendendo por toda a vida em todos os setores da sociedade.

Como aprender a ler e a escrever com todas as letras certas, com conteúdo crítico e criativo pertinentes e não apenas reproduzir letras e reproduzir palavras, conforme propunham os famigerados ditados em sala de aula?

Para Derrida (1973, p.31) "Segue-se daí que aprender a ler e a escrever uma escritura alfabética é ter um meio de cultura de infinita riqueza (*unendliches Bildungsmittel*) e não bastante apreciado; já que conduz o espírito, do concreto sensível, à atenção para com o momento formal, à palavra sonora e aos seus elementos abstratos, e contribui de maneira essencial para fundar e purificar no sujeito o campo da interioridade".

Cada ser humano aprende a ler e a escrever de um modo específico. Cada estudante em sua particularidade tornou-se uma vítima em potencial do medo do adágio popular “escreveu não leu, o pau comeu” o que era aterrorizador para os que não aprendiam e se aprendiam era à sombra de uma palmatória.

Este ensino-aprendizagem de ler e escrever bem se dá a partir de diversos métodos adotados por escolas e professores. Obviamente que são os níveis destas escolas e de seus professores os detentores dos melhores ou piores alunos.

Embora seja a voz o marco da comunicação humana, não deixa de ser a escrita, a verve ou o meio pelo qual se indica veracidade, semelhança ou até as meras especulações ou coincidências que dão significados ao mundo das coisas e às coisas do mundo.

Deste modo, utilizaremos a transcrição das conversas entre o poeta e a jornalista em sua íntegra. Dispostemos os temas abordados pelo poeta conforme ela mesma. Portanto, a transcrição será exposta de forma sequencial conforme a montagem do registro da própria jornalista para que possamos viabilizar uma espécie de tecido semiótico de uma conversa bastante rica em detalhes que puxam inúmeros outros detalhes.

Tomaremos como base para nossa abordagem da transcrição de Nevinha, a transcrição de sua irmã por estar bastante legível.

## Narrativas da Voz à Letra

*"Portanto... pode transcrever à vontade minhas palavras, aliás, uma satisfação e honra para mim"*

Admitir um espaço para o diálogo, um espaço que seja um lugar comum em que seja possível promover a comunhão ou a comunicação entre a voz e a escrita é um dos objetivos da ciência contemporânea para que o conhecimento e a comunicação humana alcancem o seu alvo preferencial, a informação.

Portanto, neste segundo momento do livro, diferentemente do primeiro, este espaço não é exclusivo da escrita, muito embora seja a escrita, a mola mestra que vai impulsionar e legitimar o fundamento da comunicação, do diálogo em foco, pois, mesmo que tenha sido a voz, o marco da conversa entre Nevinha Pinheiro e o poeta Drummond, mas nesse caso, vai ser a escrita, mais uma vez, o divisor deste registro. Uma vez que é através dela que o discurso de Drummond de Andrade sobreviverá pela segunda vez na relação comunicacional com Nevinha Pinheiro.

Admitir que um texto, num momento qualquer de sua existência tenha sido oral é tomar consciência de um fato histórico que não se confunde com a situação de que subsiste a marca escrita, e que jamais aparecerá (no sentido próprio da expressão ) a nossos olhos (ZUMTHOR, 1995, p.35).

Cabe, evidentemente, aos que transcrevem, serem os responsáveis pela veracidade e seriedade de suas transcrições. São os transcritores, também ouvintes, os demarcadores do momento da fala que desejaram registrar.

O transcritor, no caso aqui, a transcritora, é a principal responsável pela manutenção da voz ouvida de Drummond e que está sendo posta para os que não viveram o momento dessa voz e vão vivê-lo, a partir de então, à luz do manuscrito de Maria das Neves Pinheiro.

O texto é só uma oportunidade do gesto vocal: e o autor desse gesto serviria mais a meu propósito se não fosse quase impossível captá-lo, na sombra dos séculos... Pela boca, pela garganta de todos esses homens (muito mais raramente, sem dúvida pelas dessas mulheres pronunciava-se uma palavra necessária à manutenção do laço social, sustentando e nutrindo o imaginário, divulgando e confirmando mitos, revestida nisso de uma autoridade particular, embora não claramente distinta daquela que assume o discurso de um juiz, do pregador e do sábio (ZUMTHOR, 1995, p.55-67).

A palavra falada, aqui, por si só, sem as agruras da escrita "formal" ou canônica, a nosso ver, em alguns momentos, pode até ser entendida como uma forma de manutenção da poesia via oralidade porque em determinados momentos a voz livre se desprende e se liberta das normas cultas que a língua escrita requer e passa a atuar como uma espécie de transgressora da comunicação formal.

A palavra poética vocalmente transmitida dessa forma, reatualizada, reescutada, mais e melhor do que teria podido a escrita, favorece à migração de mitos, de temas narrativos, de formas de linguagem, de estilos, de modas, sobre áreas às vezes imensas, afetando profundamente a sensibilidade e as capacidades inventivas das populações que, de outro modo, nada teria aproximado (ZUMTHOR, 1995, p.71).

É evidente que Nevinha Pinheiro buscou e encontrou uma maneira de eternizar ou imortalizar esta voz cujo privilégio maior, tal-

vez fosse, a seu ver, ser poética e que por isso, devido à grandeza da qualidade e singularidade desta linguagem artística e do artista em foco, requeria de si um registro que estivesse além dos ditames da individualização da voz via Telefone.

Nevinha Pinheiro, inteligente e com um passo à frente do seu tempo, fez os registros destes diálogos ocorridos no século passado para que, posteriormente, pudéssemos em pleno século XXI, ter acesso aos níveis do debate, do diálogo e do discurso dela com o poeta.

Neste momento, não pretendemos estabelecer uma verve pragmática para definir ou fechar o círculo do debate transcrito como uma espécie de diálogo fechado, pelo contrário, a nosso ver, é um debate que se apresenta com um discurso aberto onde o poeta se desprende da escrita para, a partir da voz, destilar seu veneno, expor sua ira e seu ódio contra todos que estavam consumindo os dias de um Brasil em abismo democrático com novas possibilidades políticas naquele momento.

O poeta homem, a esta altura da vida, demonstrava que já estava calejado, experiente e talvez por isso desejasse manter o diálogo com Nevinha Pinheiro não mais pelo viés das cartas manuscritas ou datilografadas, mas através da voz, quem sabe até para não mais permitir que a poesia outrora amável, comportada e resiliente penetrasse sua voz poética outrora tão doce, mas agora tão ferina, amarga e inflamável em sua voz de poeta crítico.

Drummond, de acordo com o ditado popular, não tinha mais "papa na língua" a esta altura da vida. Agora era um poeta sem barreiras linguísticas para dizer as coisas que desejasse dizer. Portanto, estava pronto para dizer com todas as letras o que lhe viesse à mente.

A nosso ver, parece que sua intenção era se expandir para além do papel, mas voltando ao papel, ao impresso, à escrita, através do manuscrito de Nevinha Pinheiro. O poeta preferiu a força do dizer,

do falar através da voz e isto fortaleceu este segundo momento da amizade entre ambos.

Das letras para a voz. Desse modo, a voz correria numa fuga incorrigível como que para se ocultar ou se alojar numa outra dimensão, mas que se enclausuraria nas letras novamente.

O poeta passa a disparar sua voz megulhando fundo no silêncio das linhas telefônicas. Nevinha Pinheiro, toda tímpano, toda ouvido, talvez, percebendo a efemeridade da voz na pós-modernidade, tempo que conforme preconiza Bauman, gerou uma comunicação líquida que se esvai, que se "renova" em suas formas de dizer as coisas, que se esparrama pelos dias e que morre entre uns e outros, acabou por escrever à mão, o que ouvia da voz do poeta de Itabira.

Por isso, inteligentemente, o poeta autorizou o registro sutil de sua própria voz, talvez, por entender que a transcrição de sua voz poderia causar um alarde histórico diferente do alarde das letras. E Nevinha Pinheiro, atenta, atenciosa, estava ali para ser a responsável pela imortalidade desta voz.

Portanto, este registro, ao ver do poeta e de Nevinha Pinheiro, poderia soar de forma mais barulhenta para impedir que este diálogo se perdesse no tempo, sem o seu devido registro.

A voz poética se inscreve na diversidade agradável dos ruídos, por ela dominados na garganta e no ouvido humanos... A voz se identificava ao Espírito vivo, sequestrado pela escrita (ZUMTHOR, 1995, p.73-79)

Esta voz ora silenciosa ou ora estridente do poeta Drummond, dada através do Telefone, não se perdeu. E isso efetivamente não ocorreu pelo fato de Nevinha Pinheiro ter tido a brilhante ideia de transcrever o registro das conversas como que prevendo que um dia, décadas depois, no século seguinte, pudessem vir à tona.

Chamamos de conversas porque identificamos uma interação e num momento ou outro, aparece a indicação do registro da voz de Nevinha Pinheiro o que é perene e perceptível tanto nas cartas como nos telefonemas.

Conforme já alertamos anteriormente, dispomos, no primeiro momento, apenas de uma via desta comunicação, a via do poeta para Nevinha Pinheiro, o que não impediu que inferíssemos em determinados recortes, o que poderia Nevinha ter escrito para que o poeta respondesse ou reagisse naquele tom ou daquele jeito sobre aquele tema.

Isso ficou claro em determinadas correspondências porque o poeta deu pistas do tema ao qual Nevinha se referira, abordando e debatendo este tema. Já neste novo momento da comunicação ocorre o inverso, temos agora em mãos o que disse o poeta pelo dizer de Nevinha Pinheiro. Ou seja, mais uma vez a comunicação do ocorrido se dá numa via de mão única, agora é a jornalista quem diz o que disse o poeta.

O registro ou o arquivo ora explorado no presente livro, é exclusivo de Nevinha Pinheiro que era a principal interessada em manter viva a voz do poeta ao registrá-la e imortalizá-la em sua transcrição manuscrita.

Pelo que concerne à poesia, a escritura parece moderna. A voz, antiga. Mas a voz "moderniza-se" pouco a pouco: ela atestará um dia, em plena "sociedade do ser" a permanência de uma "sociedade do ser" (ZUMTHOR, 1995, p.26).

Conforme afirmamos é importante registrar que o documentário desses primeiros rastros, do primeiro capítulo, se deu numa via só, vem do poeta para Nevinha Pinheiro e dela para nós. Já neste segundo instante, deflagra-se uma espécie de elo entre a escrita de Nevinha e a voz de Drummond.

A escrita de Drummond, quer datilografada, quer manuscrita, neste novo laço de comunicação com a jornalista, haveria de ficar pelo caminho como se de fato, agora, a escrita fosse “uma pedra no meio do caminho” do próprio poeta, mas para ele, era a anunciação do “fim” de sua escrita nesta comunicação, em específico, pois se aproximava o momento dele partir para outro plano na comunicação com Nevinha Pinheiro, para o plano da voz através do aparelho telefônico.

Este novo plano na comunicação entre os dois, ganha outra responsabilidade de Nevinha Pinheiro, que disposta teria a missão de transcrever as conversas entre ambos com bastante fidelidade. O poeta agora seria um declamador de suas opiniões. Seria a voz, a nova ponte para o reposicionamento do poeta no diálogo com a jornalista.

Emerge um tipo de homem pluridimensional; aos olhos deste, de repente nada mais parece banal. O fenômeno da voz humana, dimensão do texto poético, determinada ao mesmo tempo no plano físico, psíquico e socio-cultural (ZUMTHOR, 1995, p.18-26).

A aproximação entre o poeta e a jornalista se dá dentro de uma “transgressão” literária de suportes na comunicação. Ora foi a datilografia, ora foram os manuscritos e ora foram as conversas telefônicas que nortearam todo o recorte desta amizade tão produtiva que partiu do culto, na escrita do poeta e de Nevinha Pinheiro, para o mais “simples”, suas vozes, e daí para o manuscrito de Nevinha Pinheiro.

É preciso que entendamos que o termo “simples” não quer dizer ou mesmo designar que haja uma espécie de hierarquia, de superioridade de uma forma de se comunicar sobre outra, mas sim, que, muitas vezes, há suportes que se utilizam de variados recursos para se immortalizar e permanecerem vivos na memória da história.

Este vai e vem na forma de se comunicar, ou seja, sair da escrita para o som de uma conversa silenciosa ao pé do ouvido, deflagra um percurso no mínimo ordinário em relação a este corte abrupto na substituição de um meio de se comunicar por outro.

Nevinha Pinheiro parece admitir que era preciso manter a tradição da escrita para registrar o "bate papo", ou seja, a comunicação, mantendo e corroborando com o perfil e o poder da escrita desde a mais longínqua idade.

Desde a alta idade média, as técnicas pedagógicas se constituíram sobre uma estreita base escrita...Mcluhan já notava a diferença entre o "homem escrevente" do "homem tipográfico": as "culturas do manuscrito" ensinava ele, permanecem globalmente tátil-orais, e a escrita exerce aí muito menos efeito do que em nosso mundo (ZUMTHOR, 1995, p.83-99).

Conhecedora e detentora do poder da escrita, em sua prática de entrevistar e registrar as entrevistas, e por viver da escrita, pois conforme esclarecemos anteriormente, Nevinha Pinheiro trabalhou em jornais de grande circulação nacional com colunas onde exercitava permanentemente o ato da escrita através de resenhas, crônicas, contos, artigos, análises e entrevistas.

Deste modo, como jornalista, não deixaria perdidas no tempo as tantas conversas entre ela e o poeta e seria através da escrita que ela manteria viva a voz de Drummond com suas ideias, suas opiniões e suas reflexões sobre as coisas da vida naquele instante.

Por isso, como uma mulher de Letras e de Jornalismo, Nevinha Pinheiro, manteria viva a chama poética de Drummond que não mais desejava dizer-lhe as coisas através da escrita. A partir de agora, optaria por dialogar através do Telefone numa adesão admirável à tecnologia que aproximava os distantes com a voz ao pé de ouvido.

Quase tudo o que sabemos da poesia medieval através de seus textos é o que os homens de letras julgaram que devêssemos saber. A voz é o outro da escritura; para fundar sua legitimidade, assegurar a longo prazo sua hegemonia, a escritura não deve reprimir de cara esse outro, mas primeiro demonstrar curiosidade...(ZUMTHOR, 1995, p.121).

Claro que se deve atentar, sobretudo, para o que pode ser alterado no discurso através de uma transcrição, mas, fundamentalmente, essa transcrição deve ser alicerçada no processo ético que envolve a passagem da voz para a escrita ou vice versa. Neste sentido, é a audição, na escuta, o canal que vai manter a veracidade de uma frase ou termo ouvido e depois transcrito.

Pode até haver momentos na transcrição de uma dada conversa onde o ouvinte, o transcritor possa até não entender o teor de um termo ou de uma frase inteira e que venha até a prejudicar o sentido do que possa ter sido dito. Portanto, toda a responsabilidade recai sobre aquele que transcreve e que é responsável por transportar uma ideia de um meio de comunicação para outro, no caso aqui, da voz para a escrita.

Uma coisa é o poeta dizer e outra coisa é a jornalista ouvir e transcrever o que o poeta disse. Pois bem, é neste viés que se constrói toda a narrativa do poeta a partir da voz registrada por Nevinha Pinheiro.

Contudo, o que foi dito pela voz até chegar ao texto escrito, manuscrito, há um percurso imensurável, uma lacuna, um abismo entre um meio de comunicação e outro e é justamente este percurso imensurável e esse abismo que ditarão as prováveis transgressões que possam haver no diálogo de um suporte de comunicação com o outro.

O texto traz os sinais linguísticos da mensagem, evocando os fatos e a interpretação eti-

mológica de suas designações; a ilustração pictorial modifica esse dado, estabelece suas correlações espirituais e garante a integração de todos esses elementos, unidos em relações alegóricas. As palavras representam a realidade? Para esse fim, a linguagem dos poetas dispõe de dois clichês, incasavelmente em todas as línguas (ZUMTHOR, 1995, p.125-135).

Trazer à tona um diálogo transcrito da voz para escrita é como traduzir uma civilização dentro de outra, ou traduzir as coisas de uma civilização do ouvido para outra civilização dos códigos gráficos da escrita. É sem dúvida um percurso extremamente adverso um do outro, mas que cada um possui suas grandezas e particularidades que são inerentes aos seus próprios meios de sobrevivências em suas devidas responsabilidades sobre os ditos e feitos memoráveis de uma civilização para outra.

Conforme Zumthor (1995) há na contemporaneidade um desencontro ferrenho e prejudicial à comunicação humana entre as duas civilizações que ele considera perdidas entre si, o que ele denomina de civilização da oralidade e civilização da escrita. Ambas as civilizações estão imersas num oceano de particularidades e sinais inerentes às suas próprias condições de sobrevivência semiótica para se comunicar com o mundo.

Hodiernamente, se fala em demasia, a voz está na linha de frente de toda comunicação humana e a escrita está, sem dúvida alguma, da mesma forma, na espreita para poder fazer valer aquilo que vai registrar ou lavar. Ambas as civilizações na pós-modernidade, dispõem de recursos individuais para suas sobrevivências, uma independe da outra, mas sempre carecerão uma da outra para suas existências. A escrita dirá o que foi dito e o dito através da voz corroborará ou não com o que foi escrito e que precisa ser espalhado ouvido a ouvido até sumir ou se eternizar no imaginário humano.

No caso específico aqui, Nevinha Pinheiro utilizou o recurso da escrita, o manuscrito, para trazer à tona o que poderia ficar apenas na sua memória pelo viés auditivo e que com o passar do tempo, certamente, poderia se perder caso não houvesse o seu devido registro. Se assim fosse, não teríamos tido acesso ao que foi dito e anunciado pelo poeta mineiro à escritora e jornalista paraibana.

Desde o começo da história da humanidade, desde o início de tudo que a voz veio primeiro. Podemos perceber isto no antigo testamento e em outros momentos da vida humana na terra, primeiro foi a voz que disse as coisas e comandou o começo de tudo.

O "faça-se luz" foi dito no início e ainda é possível escutar esta voz ecoando no ouvido do mundo religioso ou não, mas é a escrita que de forma extremamente imperativa mantém viva toda a trajetória dessa história.

Destarte, em Derrida (1973) há uma abordagem de que a "Bíblia é o mais sublime de todos os livros, mas, enfim, é um livro...não é em algumas folhas esparsas que se deve procurar a lei e Deus, mas sim no coração do homem, onde a sua mão dignou-se escrevê-la (*Carta a Vernes*)".

Ainda hoje é assim, primeiro aprendemos a falar, depois vem a aprendizagem da escrita para que o falado possa ser confirmado nesta modalidade. Muitas vezes, o percurso de uma modalidade para outra, ocasiona transtornos imensuráveis, principalmente, no que tange às traduções de línguas para línguas com suas densas particularidades linguísticas.

Na voz, os erros, as rasuras, as ranhuras existem e podem, algumas vezes, até passarem despercebidas. Um "a gente fomos" ou "pobrema" podem ser alguns exemplos de problemas que, a princípio, podem doer nos ouvidos, do ponto de vista do som, mas que seus sentidos não sofrerão alteração alguma.

Outros exemplos na voz, um "agente" ao invés de um "a gente" com sentidos extremamente divergentes, podem passar despercebidos no ato da fala, já no código da escrita, dentro de seus contextos e convenções gramaticais, a qual exige a lavração do dito, do pensado, na qual até se exige uma consciência do uso dos termos aos quais cada um se refere, jamais passará "batido" o uso indevido de um dado termo em determinado sentido.

A complexidade que envolve uma determinada língua em suas normas gramaticais e suas assimilações semânticas podem causar muitos transtornos na passagem de um suporte para outro.

A voz, por outro lado, traz em si, uma gama de cacoetes, um leque de gagueiras ou particularidades linguísticas que são específicas da cultura da voz, da cultura da oralidade. Tanto é assim que aprendemos ao longo de nossa formação escolar que determinados termos não podem ser escritos num determinado texto porque são específicos da oralidade, da fala.

Já a escrita em si, possui suas particularidades e convenções advindas das normas cultas com suas exigências para anunciar e lavrar um som grafado. O som da voz, em alguns casos, pode até ser semelhante ao som da escrita, mas seus sentidos sempre serão diferentes e divergentes quando colocados em seus respectivos contornos escritos. Dois "esses" (ss), um "cê" cedilha (ç), um cê (c) podem não se diferenciar no momento da fala, mas no ato da escrita será fatal o seu uso indevido.

A voz, por si só, já deflagra uma grandeza imensurável quando traduz corretamente a entonação ou a pontuação. Portanto, a escrita tem que ser fidedigna a si mesma para manter a originalidade e para que nada do realmente dito pela voz, no caso da transcrição, seja adulterado ou mesmo traduzido ao bel prazer de quem o faz a partir do código da escrita.

A comunicação feita através da integração entre a voz e a escrita pode ser o acasalamento perfeito para que possamos compreender melhor o percurso da humanidade desde as ranhuras da voz até chegarmos às ranhuras e rascunhos da complexidade da escrita. A voz e a escrita sempre serão as principais norteadoras dos caminhos e descaminhos trilhados pela humanidade na busca por conhecimento.

Abrimos um parêntese aqui para pensarmos a criação escrita e a manutenção da voz nas obra de Homero que sobreviveram aos tempos e às civilizações.

Se Homero, considerado como uma espécie de acervo de “uma reserva dos poetas de formação clássica” escreveu, não se sabe, porque de suas duas grandes epopéias, a *Íliada* e a *Odisséia*, não há um registro absoluto sobre sua escrita.

Embora Zumthor (1993, p.15) alerte que “A descoberta, já antiga, da multiplicidade de camadas textuais na *Íliada* e *Odisséia* não tinha em nada tirado destes poemas seu caráter exemplar”.

Para Aubetron “Depois de muitas outras edições, os *Prolegomena ad Iliáden* do francês Ansse de Villoison, Venetiis, 1778 provocaram uma revolução. O autor pretendia ter achado “o” texto essencial e crítico de Homero no codex Venetus gr. 454...” (1968, p.11). Portanto para este autor “a partir desse momento, as edições se sucedem. Os autores pretendem reconstituir o texto de Homero, segundo a crítica alexandrina, e a escola de Villoison é representada por inúmeros trabalhos publicados em Leipzig...” (p.11).

Para Aubetron não é interessante que nos preocupemos, exclusivamente, em determinar como foram produzidos os textos nem em que momento da história da humanidade foram produzidos estes textos. Para este autor é fundamental apenas que entendamos que “consta ter aparecido um texto único, em Atenas, por volta do século VI: dá-se-lhe o nome de edição de Pisístrato. A partir desse momento, com efeito, acham-se os traços de um texto unificado...” (1968, p.16).

Discute-se que há indícios de que suas passagens da escrita para a voz e da voz para a escrita, são obras dos homéridas, homens jovens e anciãos sábios declamadores que apreenderam os versos homéricos e que ao declamarem por ilhas e milhas gregas essas obras, acabaram por criar uma cadeia de manutenção de ritmos que foram ficando apregoados no imaginário dos ouvintes e posteriormente repassados pela voz para outros ouvintes em lugares e épocas diferentes.

Os homéridas eram homens pertencentes a uma escola de rapsodos e eram encarados como imitadores de Homero por elevarem seus versos em declamações públicas. Por esse motivo sempre foram considerados sucessores diretos de Homero.

Sabe-se que de Homero saíram as obras porque se reconhece como de sua autoria, mas não se tem registro, nem rascunhos, nem manuscritos de suas tentativas criativas em torno de suas escritas. O surgimento das suas obras escritas são consideradas, por alguns críticos, como posteriores até mesmo ao tempo de vida do próprio poeta Homero.

Para Aubetron (1968, p.20)

Atualmente possuímos grande número de *códices*, que nos dão o texto dos poemas homéricos. É tão elevado seu número, e os *códices* estão tão dispersos que até nossos dias não foi possível realizar um trabalho seguro e definitivo sobre essa tradição. Pôde-se apenas tentar assinalar famílias de manuscritos cujos parentescos se apresentam, as vezes, muito vagos.

Claro que superficialmente, do ponto de vista histórico, teríamos que fazer uma abordagem sobre a criação tardia da tipografia ocorrida em meados do século XV.

O mesmo que ocorreu com as obras de Homero, também ocorreu com inúmeras obras que primeiro, de uma forma ou outra, chegaram aos ouvidos da humanidade e que, postumamente, reapareceram na escrita.

Foi assim com Sócrates que desenvolveu e disseminou seu pensamento e sua teoria em torno da *Maiêutica* e que expandiu o seu "só sei que nada sei" pela voz e que depois só sobreviveu devido a muitos livros escritos por Platão, Aristóphanes, Xenofontes entre outros que utilizaram da escrita para não deixarem morrer os mártires de suas comunidades, de suas cidades e seus países.

Portanto, para Aubetron (1968, p.29) "Os modernos se propuseram a questão de saber se o texto que possuímos da *Íliada* e da *Odisseia* é o legítimo texto homérico. Se se introduziram interpolações, que certeza nos resta de termos um puro e original?"

Assim também foi com Jesus Cristo, pós-socrático, que sobreviveu aos tempos sem escrever uma só linha, uma só página, mas que sua sobrevivência se deu graças aos tantos escritores que estavam a seu redor registrando, escrevendo sobre tudo o que se passava pelo viés da voz, da oralidade.

Daí, talvez, advenha o indício, num conjunto específico de escritas, do surgimento daquilo que Casagrande (2002) chama de "República Mundial das Letras", constituída pelos cânones, embora entendamos que existe também a "República Mundial da Voz" também constituída por estes mesmos cânones.

Entendemos que estas duas "Repúblicas" juntas constituem uma república única, a "República da Humanidade" que caminha à mercê destas outras duas repúblicas, a da oralidade e a da escrita.

Algumas obras já conhecidas, tornaram-se públicas mesmo antes de se folhear uma só página de seus conteúdos. Assim, ocorreu a expansão de muitas personagens que se tornaram conhecidas, imor-

talizadas e universais e que vieram à tona primeiro pela oralização, o que esclarece Justino (2013) de que a civilização da cultura escrita era repassada pela via da oralização sem que os jovens leitores tivessem acesso aos livros escritos em primeira mão.

Talvez aí se justifique a importância de um debate mais extenso para uma compreensão mais apurada sobre o que poderia ser considerado ou denominado de "maior capital linguístico" ou mesmo "maior capital cultural" de uma obra.

Os conceitos que temos sobre o que seria "capital linguístico, cultural, social e econômico" foram formulados por Bourdieu (1998) para que a partir daí houvesse um panorama da educação.

Neste sentido, um debate mais acirrado em torno do "capital cultural" envolveu sobretudo, uma explicação mais objetiva sobre "as diferenças de rendimento escolar entre crianças de diferentes classes sociais". Assim o "capital cultural" acaba tendo uma relação bastante estreita com o "capital econômico".

Já no que tange ao "capital linguístico" podemos vê-lo como visceralmente ligado ao "capital cultural" e "pode ser entendido como um subconjunto do capital cultural". O "capital linguístico" de certa forma, em sua essência, é adquirido no seio familiar. Para Everett (2002) ele "é manifestado e medido através do estilo linguístico, que fica evidenciado pela habilidade para demonstrar competência no uso da linguagem acadêmica ou burguesa e na habilidade de decifrar e manipular as complexas estruturas linguísticas".

A nosso ver, quanto maior for o "capital linguístico" de uma obra, maior a possibilidade da expansão de seu idioma, seu autor ou de uma dada personagem com poder de influenciar com suas elaboradas opiniões.

Neste sentido

A língua não serve somente à comunicação e ao conhecimento, mas é também um instrumento de poder, dado que leva não somente à compreensão, mas também ao reconhecimento e ao respeito. Nesse sentido, a competência na produção linguística passa pela linguagem autorizada e legítima, que define quem tem direito à palavra e capacidade de se fazer escutar e também quem é digno de escutar (BOURDIEU, 1983, p.6).

Este "capital linguístico" enquanto subconjunto do "capital cultural" acaba por instalar universalmente uma relação de poder capaz de elevar ao máximo a força de uma determinada língua na difusão de sua cultura mediante seu "capital econômico". O "capital cultural" permite a expansão do "capital linguístico" e o "capital linguístico", por sua vez, serve para demarcar a força de uma obra, de uma língua, de um povo a partir de autores e personagens.

Neste sentido, é possível indicar algumas personagens já consagradas de Homero, na *Íliada* e na *Odisseia*: Odisseus (Ulisses), Penélope, Telêmaco, Aquiles, Páris, Agamenon, Menelau, Helena, Príamo e Heitor, conhecidos por suas inteligências e peripécias, exclusivamente, pelo viés da tradução de um suporte para outro, a exemplo da linguagem cinematográfica que adentra determinadas obras literárias e faz a sua devida tradução ou interpretação para as suas películas. Deste modo, estas personagens se popularizam e acabam ganhando pernas para correrem o mundo de um canto a outro.

Isso também ocorre com os personagens de Miguel de Cervantes: "Dom Quixote de la Mancha", "Sancho Pança" e até o cavalo "Rinoceronte" que cruzaram as fronteiras do mundo espanhol para influenciarem e apaixonarem muitas pessoas pelo mundo.

Grande parte destas pessoas se aproximou de tais personagens, sem folhear uma só página ou ler um só capítulo das obras do referido autor, mas que tomou essas personagens, com suas boas ou más

ações, como padrões para compreender a moral, a ética, o amor, o ódio, a humildade, a amizade, a paz, a guerra, a vaidade, o sonho e a revolução.

Ou seja, em uma língua com maior capacidade de "capital linguístico", os autores, as obras e seus respectivos personagens vão além da própria pátria, da própria língua, da própria cultura, cruzam fronteiras, fogem das próprias páginas e não ficam à mercê de intelectuais engabetados em sombrias salas acadêmicas.

Estas personagens, com suas devidas opiniões e reflexões, ganham vida e se juntam a outras vidas diferentes de suas origens culturais, de suas nações e ganham o mundo. O número de obras traduzidas em diversos idiomas fortalecem essa expansão. Uma língua com sua Literatura traduzida em vários idiomas se expande, expande sua cultura, seu patrimônio, sua moeda e seu povo numa velocidade assustadora.

Naturalmente, os melhores poetas e autores traduzidos em vários idiomas, são tratados por autores a exemplo de Harold Bloom como os "maiores" influenciadores, ou seja, para este autor, os autores, os poetas "maiores" são aqueles que conseguem expandir suas línguas e suas crises, que exportam sentimentos, espalham costumes e culturas, espalham personagens e que influenciam demasiadamente outros povos e nações causando felicitações ou as maiores angústias, dores e sofrimentos.

Conforme ainda Bloom (2003) em "A Angústia da Influência" estes autores, estes poetas "maiores" são os criadores e os principais responsáveis pelo sofrimento e pela felicidade humana. Para Bloom tudo de bom e de pior se aprende com os autores, os poetas "maiores".

Quem já não ouviu falar em Camões e seus personagens sem que se conhecesse a personagem no seu próprio universo de origem, a obra? Dos Lusíadas, pouco ou quase nada conhecida entre leitores, extrata-se personagens da estirpe de Vasco da Gama que segue a

rede de influência do personagem de Homero, o Odisseus, o Ulisses, o navegador.

Conforme Teles (1981, p.48)

Nas formas da literatura oral as palavras realmente voam e se modificam de região para região e se ampliam de boca para boca, como a Fama latina ou como naquele provérbio tão sutilmente aproveitado num conto de Machado de Assis e que tem, afinal, alguma relação com o "nescit vox missa reverti" da Arte poética de Horácio: "quem conta um conto aumenta um ponto." Na literatura oral tudo é ao mesmo tempo fixo e móvel: fixo na tradição e móvel na variedade expressiva de cada falante. As palavras adquirem generalidades e estão sempre abertas à semântica da estória narrada, ao passo que na literatura culta a estória acaba fixando o particular e dando solidez às possibilidades de sentido, além de individualizar o discurso no desempenho de um estilo.

No entanto, a escrita sempre virá no encalço da voz, no sentido de que sempre haverá uma luta por suas próprias existências. Imagine-mos um mundo sem a escrita sobre suas coisas ou um mundo sem a voz para contar sobre o que foi escrito?

Portanto, é neste viés revolucionário que está inserida a escritora e jornalista Nevinha Pinheiro, uma intelectual que xaxava, forrozava, dançava e até sambava de acordo com os tantos ritmos da cultura brasileira porque sabia, como jornalista aguçada que era, que os ritmos do saber humano e da comunicação humana estão nas mãos da escrita e da oralidade e que o tempo seria o maior "apagador" para banir as coisas ditas pelo viés da voz.

Claro que no registro da fala de ambos, há um imbricamento de uma narrativa sobre outra. Ora a jornalista fala o que Drummond

falou a ela, ora deixa entrever e transparecer a própria voz do poeta em sua voz. É um imbricamento das vozes de quem transcreve e de quem fala. Por exemplo, ela chega a dizer o que disse ao poeta e o que o poeta disse sobre o que ela disse. É um jogo sábio que só exalta o nível da conversa entre eles.

Este é um ponto fascinante porque não se encontra uma vertente apenas da fala do poeta. No entanto, houve uma abertura para que a escritora pudesse falar sobre o que falava ao poeta e o que o poeta lhe falava sobre o que ela falava.

É importante destacar que há um imbricamento de pronomes e verbos que chamam a atenção para a transcrição de Nevinha Pinheiro onde ela mesma se faz uma personagem atuante diante do que diz o poeta em sua indignação ou alumbramento com as coisas do Brasil e do mundo naquele instante.

Encontra-se na narrativa de Drummond, a presença marcante de Nevinha Pinheiro como intérprete e anunciadora de determinadas circunstâncias da conversa. Vale ressaltar que Nevinha Pinheiro, de tão empolgada e de tão fã do poeta, toma-lhe a voz para opinar como se o próprio poeta falasse através dela numa relação de vozes quase visceral entre ambos. Por vezes, a jornalista pulava de um lado a outro para incorporar, ora a voz do poeta e ora era a sua própria voz que sempre dava a tônica maior.

É como se a voz de um engolisse a voz do outro. Como se a voz de um estivesse na voz de ambos. Então é importante perceber que nos termos ditos por Drummond estão também os termos ditados por Nevinha Pinheiro.

Ambas as vozes estão tomadas por um acasalamento de sentidos compulsivos que são cúmplices entre si. Isto pode ser entendido como um coito respeitoso entre vozes que não se impunham, mas que deflagravam e anunciavam uma harmonia necessária no processo de tradução do Telefone para a escrita.

De forma que o imbricamento dessas vozes se faz presente na transcrição em estudo. Ouvinte e falante se imbricam numa cumplicidade intelectual que beira, no mínimo, um fato interessante, uma parceria literária sem precedente que ora está posta.

## **Manuscrito Digitalizado:** das Conversas Telefônicas

Esta transcrição que ora digitalizamos é de inteira responsabilidade da escritora e irmã de Nevinha Pinheiro, Dione Pinheiro, autora do livro **“Echo da Serra”** publicado pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba-EDUEPB.

A digitalização da presente transcrição foi feita por nós, mas baseada na transcrição de Dione Pinheiro.

O leitor mais atento perceberá que aqui utilizamos uma outra sequência nos diálogos, mas sem alterar a essência do debate. De certa forma estabelecemos esta reorganização porque percebemos uma desordem nas datas e nos tópicos que demarcam uma sequência mais lógica para as conversas entre o poeta e a jornalista.

## 1º papo com o poeta

Dizendo que eu pedia pra fazer-lhe a entrevista por carta, que estava doente resfriadíssimo e mesmo sendo ideal uma entrevista gravada, ele não estava em condições. Eu perguntasse o que quisesse que ele responderia por carta. Eram 8 horas (21) e quando ele disse o seu nome eu fiquei entusiasmada. E ele perguntou: "Você está bem, minha querida? Eu disse: "Eu ia bem, agora estou ótima"! Ele riu...Que maravilha, com aquela fala encabulada dele.

## 2º papo

Não sei separadamente cada um. Sei que ele sempre me telefonou depois dos trabalhos no Jornal do País e mais ainda a Mangueira.

Quando viu o meu retrato no jornal "A voz do morro" disse-me linda, o seu retrato está lindo! E depois pelo fato das novelas todas da escola, injustiças comigo e eu brinquei, disse-me uma santa. Mas que eu devia e tinha direito de procurar os meus direitos autorais. Depois me apresentou o neto por telefone e disse que este queria conhecer o carnavalesco.

Telefonou-me dizendo que estava com "saudade" de mim...e quando outra vez, perguntei se ele ia bem, falou-me: "Vou, graças a você".

Outro dia telefonou e se queixou da saúde "um mal-estar na boca do estômago". E que se sentia mal em geral com isso, o mal-estar se espalhava....pelo corpo todo.

Telefonou-me e comentou sobre as alegorias, assim que cheguei do sambódromo na 2ª feira de carnaval. Comentou as alegorias e agradeceu-me muito, dizendo que 50% da gratidão dele era para mim e 50% para o restante. Antes, quando comentou as injustiças do presidente da Escola (Mangueira) na Globo que dissera ser o carnavalesco autor de tudo - dissera que era mais grato a mim do que

a eles todos. Que eu fora maravilhosa e fizera o máximo. E que ele estava muito feliz com tudo aquilo. Mande-i-lhe um retrato meu (que a fotógrafa do "Vale do Rio Doce" havia batido) grande preto e branco. Ele telefonou-me e disse-me eu encanto, no sentido interno que o meu sorriso era de pura bondade e um retrato do meu coração e de minha alma. Que era o maior presente que eu podia dar-lhe e que sempre tinha vontade de pedir um retrato meu, mas que tivera acanhamento, pois eu podia dizer-lhe: "Velho assanhado!"...mas que adorava recebê-lo. E que já me conhecia, não era desconhecida como mandara dizer-lhe, já me conhecia e muito bem (naturalmente que era conhecimento "interno").

Depois telefonou-me na 4ª feira da vitória do carnaval (vitória da Mangueira) falou assim: Parabéns vitoriosa!! E disse-me estar alegre e feliz e me agradeceu muito, muito muito, tudo devia a mim! E que não esperava a vitória, para surpresa total. E que eu fora disposta em ficar assistindo a noite inteira! Que eu sou um amor e ao dizer-lhe que ele é quem é um amor, ele falou assim: "Então somos dois amores".

Depois telefonou-me pra dizer que eu fora injusta com ele, dizendo que só era meu amigo no carnaval...eu falei ser de brincadeira - que dissera aquilo e ele com uma fala muito triste e dolorida dissera que nem de brincadeira eu podia dizer uma coisa dessa com ele nem de brincadeira! Ficou ofendidíssimo!

Dissera-me antes, outro dia: "você é minha amiga e pode telefonar-me quando quiser pois os amigos são sempre bem vindos e oportunos". E rematou ser eu sua amiga!

Disse-me que recebe cartas, telegramas e telefonemas demais e que está doente e não suporta respondê-los todos pessoalmente, pede à sua família para dizer que não está ou que está ocupado, deixe recado, deixe o nome. E que sua mulher e sua filha tomaram conta dele e que ele está doente, muito doente e que sua médica viajará e ele terá que tirar um eletro, mas irá apanhar o carro na porta e voltar

logo e que não tem saído de casa para parte alguma! E que o carnaval causou-o muito mal. E que todas as pessoas queriam respostas pessoais. E que Dona Érica entrando em sua casa com a televisão tudo armado pelo seu Arthur (?) foi imperdoável! Ele dissera-lhe que ela ia sozinha e depois veio com televisão.

Ele piorou muito do coração com essas coisas.

Muita emoção no carnaval! E que o fato de ver a novela (que eu falava brincando com ele mexendo) era por ser uma novela de assunto atual e muito boa e com os atores muito bem nos seus papéis. (Isso ele falou com fala "ofendida...") a novela era "Roda de Fogo".

E que gostara do cartão (Chaplin) de minha irmã e que gostara do meu artigo muito didático no Jornal de Minas e queria me enviar o seu exemplar do Jornal já que eu não o recebera. E eu disse que não, ele ficaria sem, ele disse então que "estaria em boas mãos" (E mandou pelo Correio).

Queixou-se de que o Afonso Romano ao se encontrar com sua filha Maria Juliêta, pedira para ela conseguir que o pai desfilasse na "Marquês de Sapucaí". E sua filha dissera: "você acha Afonso, que eu vou pedir uma coisa dessa a meu pai?" Ele achava o cúmulo Afonso pedir tal coisa à sua filha! Disse que o pessoal de Itabira não o incomodou em nada, nem telefonou. Ficou chateado com a minha brincadeira de sabê-lo assistindo novela da televisão Globo, 20.00 horas.

Gosta de receber cartas minhas particularmente, só que não sente mais disposição para respondê-las e o assédio das pessoas cansa-o muito. O capitão Guimarães que disse na televisão: "Quem é C.D.A? Quem já leu algo dele. O poeta ficou magoado e sentido, eu disse que um homem desse não significaria nada pra ele! Disse-me que era "frescura" por eu não querer enviar original para ele ler.

E outro dia disse: "Estou com saudade de você!!!"

5-6-1987

### *Telefonei para o "Poeta"*

Ele falou que do carnaval a única lembrança agradável foi a minha atuação, fazendo tudo com carinho e entusiasmo. No mais foi tudo desagradável, sobretudo após o carnaval, as invasões domiciliares e os exageros de cumprimentos pela vitória.

Outra coisa, a saúde. Toma remédio de 7 da manhã à meia noite. E se sente mal, um mal estar todo dia, mas já está habituando-se a isso, vai suportando. A filha esteve doente internada, com problema de coluna, passou três dias no hospital e isso o deprimiu. Mas já está melhor.

Perguntou pelo meu livro, se já havia publicado, isto é se a editora havia aceito. Eu disse que não e que o rapaz Fernando Paixão, havia dito que só aceitava autores famosos. Ele então falou que o único autor brasileiro então a ter chance seria o Pelé. E que Jorge Amado vendia, mas ele não sabia de outro a fazê-lo. E que os autores brasileiros gostavam muito de viajar (ir a Cuba e Europa) e depois falarem nos jornais disso, mas não de real trabalho, elogiavam-se muito! Aqueles que têm oportunidade e espaço nos jornais. A Literatura brasileira não tem chance, só autores americanos best-sellers americanos. Ninguém vende realmente, ninguém lê. É muita fala, muita coisa, mas vender-se mesmo é boato é mentira. O povo mesmo não lê a não ser livro americano. O escritor brasileiro gosta muito é de viajar e depois falar sobre. Para mim lit. bras...

Ele admirou-se da editora não valorizar o meu texto e achar que só vale autor conhecido.

Perguntei se ele lia o meu restante do original, e ele disse que sim, podia mandar que ele lia sim. E que eu falar que o fato dele ler

ser tão importante o quanto publicar ele disse: "Não exageremos!" Eu disse se ele queria ler o restante, ele disse: "Pode mandar que eu leio". Eu falei que ele ler para mim era tão importante quanto publicar, ele disse que era exagero. Eu disse que ele para mim valia milhares de leitores, ele achou exagero. Disse que quando eu quisesse telefonasse para ele. Escrever não, mas telefonar sim. Ele gosta de conversar pelo telefone.

E não está mais escrevendo por falta de vontade mesmo. Não tem nenhuma vontade de escrever. Só lê e conversa ao telefone. Disse que não pode responder cartas, está cansado e sem vontade de fazê-lo. E que eu posso telefonar quando quiser e que lerá com prazer o meu original.

Despedi-me. Ele me mandou um beijo. E fim.

### **10h30 - Manhã**

Ele falou que é conhecido, mas não é lido; e que não tem ilusões a esse respeito, o que ganha com direitos autorais é irrisório, e que não é tão modesto como eu falo, disse: "Não é tanto assim". E que não tem interesse nenhum em publicidade, em badalação, nada!

### **15-7-87**

#### ***Conversei com o poeta.***

Ele falou da doença da filha, um mês no hospital samaritano e sofrendo, muito bem assistida pelos médicos, mas sofrendo muito. E que os dois filhos vieram de B. Aires e se revejavam à noite para ficar com ela. E que achou muita honestidade minha ir falar com a Jacobina Lacombe. E que era uma coisa rara hoje em dia essa honestidade! E que me parabenizava por isso. E que normalmente a pessoa diz: "já

fiz, deixa prá lá”, porém eu não fui falar com o Lacombe(?) pra saber o certo e colocar a versão exata. Isso é raro hoje. Foi mais uma prova de minha correção literária. E que Lacombe foi professor da filha dele. E que é muito bacana e muito gentil.

E que o seu coração continua na mesma, ele já sabe qual é o remédio e quando sente é só tomá-lo e vai levando....o pior é a filha. E que a opinião dele em relação ao meu livro é a de um velho com 80 anos fora de forma já o que não gera nada! E que existe no todo do meu livro uma pureza que é bela e que ele acha bonita. E que vai falar com o Pedro para me telefonar. Eu disse que agradecia por tudo. E que Deus me pagasse por tudo.

27-7-87

(11h10)

### *Telefonema do poeta*

Ele está altamente desencantado com o problema da filha, ele falou não ter mais jeito, há sete anos que ela está doente e agora só é medicada para não sentir dores, apenas isso. Ele está doente, mas não foi por causa dela. Ela já estava antes. Ele está muito desencantado. Disse-me que não acredita absolutamente em nada, Deus é algo inventado pelo homem. A vida é uma tragédia, guerras, lutas horrores. Basta ler, abrir um jornal e ver os horrores acontecendo todas as horas.

Crianças assassinadas nos morros e injustiças sendo cometidas a cada minuto, roubos e os ladrões de colarinho não são punidos, apenas os pobres e o povo, não acredita absolutamente em nada, só na matéria, morreu e pronto. O que posso esperar da vida? Sem fa-

mília, só a minha mulher. Meus amigos quase todos morreram, eu cardíaco, minha filha que é a pessoa que eu mais amo num estado como está? Respostas metafísicas não me convencem e nem me dizem nada.

Não creio em absolutamente em nada que não veja na matéria e um pouco na nossa precária ciência. Você me deseja tudo de bom? Não acha que é um...demais?

Que é exagero? Quem tem tudo de bom?

A vida? Ela não é bela, é tragédia é terrível!

Nem filosofias orientais e ocidentais me convencem! Ha experiências, você me diz? De quem? De meia dúzia de iluminados? Eu não estou nessa não, sou um pobre homem, um pobre pecador. Nada mais! Você acha que eu consegui mais? Eu? Nunca! Não consegui absolutamente nada. E sempre pensei assim. A vida me desculpe a franqueza é apenas uma merda! O mundo foi feito por um Deus que o fez bastante malfeito e desengonçado. Absurdo, não vejo resposta para nada.

O meu soneto "o nome"? não tem nada a ver com Deus aquilo que fiz com o nome de uma namorada minha e como é um nome raro e que só conheci até agora 3 mulheres com esse nome, eu quando o escutava tomava um susto! Tal ela foi na minha vida. E quando o seu nome era pronunciado eu me arrepiava! Dai fiz o soneto.

Tudo se acabou entre nós dois, hoje conversamos pelo telefone e é só. Nunca tive ódios e não tenho que perdoar a ninguém, porque não guardo rancores. Sempre fui uma pessoa comedida. Nunca roubei e nem matei para não ser punido pessoalmente. Quanto as pequenas falhas eu as tenho porque nunca consegui me livrar delas, infelizmente, mas não abrijo rancores e não tenho a quem perdoar. Não tenho nada contra ninguém. Dentro de certo limite possível, você é

alguém que me dá alegria. Mas eu não tenho razões muito grandes para elas.

Sim a religião em que fui criado e que me ensinou isso que estou dizendo não tenho outra.

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, foi? E os monstros? E os assassinos, e os maiores criminosos? São eles feitos à sua imagem e semelhança de Deus? Quem é esse Deus, então? Metafísica não me convence! O mundo é um absurdo, não é nada bonito. Eu não acho a vida humana bonita? De forma alguma. Ela é terrível! Eu nunca acreditei em nada e não é nessas alturas com quase 85 anos, que eu vou acreditar. Não há resposta para os horrores do mundo. Eu vejo a pessoa que eu mais amo no mundo num estado como está a minha filha e o que posso fazer? Mas eu aceito, dentro do possível não me desespero.

## Opinião

Ele parece ofendido com as minhas palavras de perdoar, agradecer à maneira de [ilegível]. Ele acredita não ter rancor de ninguém, algumas antipatias, mas nada forte! E parece que ficou "magoado" apesar de me dizer que não em hipótese alguma e quem sabe que eu tenho muito amor e muito afeto para dar e que faço isso com boa intenção e carinho, mas para ele é impossível acreditar na força de uma palavra e nas vibrações de que eu falo. E que não é repetindo algo que ele irá resolver coisa tão complexa e séria. E que não acredita que ninguém pode influenciar ninguém. Ou contribuir para resolução de problemas de outrem. Nem pensamento e nem força positiva ou negativa, nada valeu. Não acredita em nada disso! Tudo para mim é bobagem. Já fiz tudo, mas não consigo me corrigir de pequenas falhas. E você assim mesmo. Notei-o "desencantado" "Revoltado" "aborrecido!", "Contrariado", "Nervoso", "Chateado". Quase

desesperado e agressivo sem aquela ternura a ele peculiar quando trata comigo pelo telefone. Está arrasado e desesperançado...

Que deus o proteja! Ele diz que tudo isso é enjoado para enganar os homens, fantasias para enganar a dor dos homens.

## Manuscrito do Manuscrito

Preferimos manter o texto original abaixo dentro da própria enumeração da qual se utilizou Dione Pinheiro. Ao digitalizarmos o presente manuscrito, percebemos que há uma sequência de datas na referida transcrição que está, provavelmente, fora da ordem.

Por isso, ao digitalizarmos a transcrição da transcrição, dispomos uma outra ordem que, a nosso ver, pode ser a sequência original. Assim, fica a critério do próprio leitor reorganizar a referida ordem para restabelecer, também, a sua própria ordem.

*Dione Pinheiro*

15 - 7 - 87

(1)

Conversei com o poeta. Ele falou da doença da filha, um mês no Hospital Samaritano e sofrendo, muito bem assistida pelos médicos mas sofrendo muito. É que os dois filhos vieram de B. Dires e se revezavam à noite para ficar com ela. É que achou muita honestidade minha ir falar com o Jacobina Lacombe. É que era uma coisa rara hoje em dia essa honestidade! É que me parabenizava por isso. É que normalmente a pessoa diz: "fã fiz, deixa pra lá", porém, eu não fui falar com o Lacombe (?) pra saber o certo e colocar a versão exata. Isso é raro hoje. Foi mais uma prova de minha correção literária. É que o Lacombe foi professor da filha dele. É que é muito bacana e muito gentil. É que o seu coração continua na mesma, ele já sabe qual é o remédio e quando sente é só tomá-lo e vai levando... O pior é a filha. É que a opinião dele com relação ao meu livro é a de um velho de 80 anos fora de forma já o que não gera nada! É que existe no todo do meu livro uma pureza que é bela e que ele acha bonita. É que vai falar ao Pedro para me telefonar. Eu disse que queria conversar com ele sobre a doença de sua mãe. Chamou-me de "minha flor"! (hã, hã, hã, hã, hã) É disse que me agradecia por tudo. É que Deus me pagasse por tudo.

(2)

A vida? Ela não é bela, é trágica e terrível! Sem filosofias orientais e ocidentais me convencem! Já experiências, você me diz? De quem? De minha duzia de iluminados? Eu não estou nessa mão, sou um pobre homem, um pobre pecador. Nada mais! Você acha que eu consegui muito? Eu? Nunca! Não consegui absolutamente nada. E sempre pensei assim. A vida me desculpe, a franqueza é apenas uma merda! O mundo foi feito por um Deus que o fez bastante malfeito e desengonçado. Obsurdo. Não vejo resposta para nada.

O meu soneto, "o nome"? Não tem nada a ver com Deus aquilo eu fiz com o nome de uma namorada minha e como é um nome raro e que só conheci até agora 3 mulheres com esse nome, eu quando o escutava tomava um susto! Tal ela foi na minha vida. É quando o seu nome era pronunciado eu me arrepiava! Já fiz o soneto. Tudo se acabou entre nós dois, hoje conversamos pelo telefone e é só. Nunca tive ódios e não tenho que perdoar a ninguém, por que não quero rancores. Sempre fui uma pessoa comedida. Nunca roubei e nem matei para não ser punido pessoalmente. Quanto as pequenas falhas eu as tenho porque nunca consegui me livrar delas, infelizmente, mas não abriço rancores e não tenho a quem perdoar, não tenho nada contra ninguém. Dentro de certo

(3)

limite possível, você é alguém que me dá alegria. Mas eu não tenho razões muito grandes para elas.

Sim, a religião em que fui criado e que me ensinou isso que estou dizendo não tenho outra.

Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança, foi? E os monstros? E os assassinos? E os maiores criminosos? São eles feitos à Sua imagem e semelhança de Deus? Quem é esse Deus, então? Metafísica não me convence! O mundo é um absurdo, não é nada bonito. Eu não acho a vida humana bonita. De forma alguma. Ela é terrível! Eu nunca acreditei em nada e não é nessas alturas com quase 85 anos, que eu vou acreditar. Não há resposta para os horrores do mundo. Eu vejo a pessoa que eu mais amo no mundo num estado como está a minha filha e o que posso fazer? Mas eu aceito, dentro do possível não me desespere.

### Opinião:

Ele parece ofendido com as minhas palavras de perdoar, agradecer à maníaca da Seicho-no-ye. Ele acredita não ter rancor de ninguém, algumas antipatias mas nada forte! E parece que ficou "magoada" apesar de eu dizer que não era hipótese alguma e quem sabe que eu tenho muito amor e muito afeto para dar e que faço isso com boa intenção e carinho, mas para ele é impossível acreditar na força de uma palavra e nas

(4)

vibrações de que eu falo. É que não é repetindo algo que ele irá resolver coisa tão complexa e séria. É que não acredita que ninguém pode influenciar ninguém, ou contribuir para resolução de problemas de outrem. Nem pensamento e nem força positiva ou negativa, nada valeu. Não acredito em nada disso! Tudo para mim é bobagem. Já fiz tudo mas não consigo me corrigir de pequenas falhas. É você assim mesmo. Rati-o deseducado. "Revoltoado" "abotrecido", "Contrariado", "Peroso", "Chateado". Quase desesperado e agressivo em aquela tenura a ele peculiar = quando trata comigo pelo telefone. Está arrastado e desesperado... Que Deus o proteja! Ele diz que tudo isso é esforço para enganar os homens, fantasias para enganar a dor dos homens.

### 2º papo

Irás sei separadamente cada um. Sei que ele sempre me telefonou depois dos trabalhos no Jornal do País e mais ainda a mangueira. Quando viu o meu retrato no jornal "A voz do morro" disse-me linda, o seu retrato está lindo". E depois pelo fato das novelas todas da Escola, injustiças comigo e eu briguei, disse-me uma santa. Mas que eu tinha e devia e tinha direito de procurar os meus direitos autorais. Depois me apresentou o neto por telefone e disse que este queria conhecer o carnavalero. Telefonou-me dizendo que estava com "sauda-

(5)

de de mim"--- e quando outra vez, perguntei se ele ia bem, falou-me: "Dou, graças a você."

Outro dia telefonou e se queixou da sensação ~~de~~ um "mal-estar na boca do estômago." É que se sentia mal em geral com isso, o mal-estar se espalhava--- pelo corpo todo.

Telefonou-me e comentou sobre as alegorias, assim que cheguei do Sarabodrome na 2ª feira de carnaval. Comentou as alegorias e agradeceu-me muito, dizendo que 50% da gratidão dele era para mim e 50% para o restante. Antes, quando comentou as injustiças do presidente da Escola (Nauqueira) na Globo que dissera ser o carnavalesco autor de tudo - dissera que era mais grato a mim do que a eles todos! Que eu fora maravilhosa e fizera o máximo. É que ele estava muito feliz com tudo aquilo. Mandei-lhe um retrato meu (que a fotografia do "Vale do Rio Doce" havia batido) grande preto e branco. Ele telefonou-me e disse-me eu encanto, no sentido interno que o meu sorriso era de pura bondade e um retrato de meu coração e de minha alma. Que era o maior presente que eu podia dar-lhe e que sempre tinha vontade de pedir um retrato meu, mas que tivera acanhamento, pois eu podia dizer-lhe: "Velho assanhado"!... Mas que adorava, recebi-lo. É que já me conhecia, não era desconhecida como mandara dizer-lhe, já me conhecia e muito bem (naturalmente que era conhecimento "interno")

Depois telefonou na 4ª feira da vitória do

(6)

Carnaval. (Pétrola da Nauqueira) Falou assim: "Parabéns vitoriosa!" E disse-me estar alegre e feliz e me agradeceu muito, muito muito, tudo devia a mim! É que não esperava a vitória, para surpresa total. É que eu fora disposta em ficar assistindo a noite inteira! Que eu sou um amuar e ao dizer-lhe que ele é quem é um amor ele falou assim: "Então nós somos dois amores!"

Depois telefonou-me para dizer que eu fora injusta com ele, dizendo que só era meu amigo no carnaval. - Eu falei ser de brincadeira que dissera aquilo e ele com uma fala muito triste e dolexida disse que nem de brincadeira eu podia dizer uma coisa dessa com ele nem de brincadeira! Ficou ofendidoíssimo!

Dissera-me antes, outro dia, - "Você é minha amiga e pode telefonar-me quando quiser pois os amigos são sempre bem-vindos e oportunos!" É nematon ser eu sua amiga!

Disse-me que recebe cartas, telegramas e ~~esta~~ telefonemas demais e que está doente e não suporta respondê-los todos pessoalmente, pede à sua família para dizer que não está ou que está ocupado, deixe recado, deixe o nome. É que ~~eu~~ sua mulher e sua filha tomaram conta dele e que ele está doente, muito doente e que sua médica viajara e ele terá que tirar um eletro, mas irá apanhar o carro na porta e voltar logo e que não tem saído de casa para parte alguma! É que o carnaval causou-o muito mal. É que todas as pessoas queriam respostas

(7)

personais. É que Louisa ficou entrando em sua casa com a televisão tudo armado pelo seu. Othair (?) foi impredovável! Ele dissera-lhe que ela ia sozinho e depois veio com televisão. Ele pioreu muito do coação com essas coisas. Muita emoção no carnaval! É que o fato de ver a novela (que eu falava, brincando com ele mexendo) era por ser uma novela de assunto atual e muito boa e com os atores muito bem nos seus papéis. (Isso ele falou com fala "ofendida"---) A novela era "Roda de Fogo".

É que gostara do cartão (Chaplin) de minha irmã e que gostara do meu artigo muito didático no jornal de Moiras e queria me enviar o seu exemplar do jornal já que eu não o recebera. E eu disse que não, ele ficaria pois ele disse então que "estaria em boas mãos". (É mandou pelo Correio.)

Deixou-se de que o Afonso Romano ao se encontrar com sua filha Maria Felicitá, pedira para ela conseguir que o pai desfilasse na "Marquês do Sapucaí". É sua filha dissera: "Você acha Afonso, que eu vou pedir uma coisa desta a meu pai?" Ele achava o cúmulo Afonso pedir tal coisa à <sup>seu</sup> filha! Disse que o pessoal de Itabira não o encomodou em nada, nem telefonou. Ficou chateado com a minha Brincadeira de sabê-lo assistindo novela de televisão Globo, 20.00 horas.

Gosta de receber cartas minhas particularmente,

(8)

só que não senti mais disposição para responder-las e o assédio das pessoas cansa-o muito. O capitão Guimarães que disse na televisão: "Quem é C.D. A.? Quem já leu algo dele? O poeta ficou magoado e senti-lo, eu disse que um homem desse não significaria nada pra ele! Disse-me que era "frescura" por eu não querer enviar original para ele ler. E outro dia disse: "Estou com saudades de você!!"

1<sup>o</sup> <sup>x x x</sup> Tapo com o Poeta

Dizendo que eu podia fazer-lhe a entrevista por carta, que estava doente resfriadíssimo e mesmo sendo ideal uma entrevista gravada, ele não estava em condições. Eu perguntasse o que quizesse e ele responderia por carta. Exaure 8 horas (21) e quando ele disse o seu nome eu fiquei entusiasmada. E ele perguntou: "Você está bem?" minha querida? Eu disse: "Eu ia bem, agora, estou ótima!" Ele riu... Que maravilha, com aquela fala encorbulada dele.

- 5 - 6 - 1987 -

Telefonei para o "Poeta"

Ele falou que do carnaval, a única lembrança agradável foi a minha atuação, fazendo tudo com carinho e entusiasmo. No mais foi tudo desagradável, sobretudo após o carnaval as invasões domi-ciliares e os exageros de cumprimentos pela vitória

27-7-87

(1)

(11 h. 10)  
Telefonema do poeta

Ele está autamente desencantado com o problema da filha, ele falou não tem mais jeito, há sete anos que ela está doente e agora só é medicada para não sentir dores, apenas isso. Ele está doente, mas não foi por causa dela, ela já estava antes. Ele está muito desencantado. Disse-me que não acredita absolutamente em nada, Deus é algo inventado pelo homem. A vida é uma tragédia, guerras, lutas, horrores. Basta ler, abrir um jornal e ver os horrores acontecendo todas as horas. Crianças assassinadas nos muros e injustiças sendo cometidas a cada minuto, roubos e os ladrões de colarinho não são punidos, apenas os pobres e o povo não acredita absolutamente em nada, só na matéria morreu, morreu é pronto. O que posso esperar da vida? Sem família, só a minha mulher. Meus amigos quase todos morreram, eu cardíaco, minha filha que é a pessoa que eu mais amo num estado como está? Respostas metafísicas não me convencem e nem ~~não~~ me dizem nada. Não creio em absolutamente em nada que não veja na matéria e um pouco na nossa precária ciência. Você me deseja tudo de bom? Nad acha que é um ... demais? Que é exagero? Quem tem tudo de bom?

## Recortes das Transcrições de Nevinha Pinheiro

X 15-7-87 @  
Conversar com o Jota,  
e falar da doença da  
filha, um mês no  
Hospital Samaritano  
e sofrendo, muito bem  
assistida pelo médico  
mas sofrendo muito.  
Esquece o 2 filho via-  
ram de B. Aires e  
queriam a noite  
falar com ela.

É que acho muito  
verdade minha ir falar  
com o Jacobina Lacerda  
É que era uma coisa rar  
foje me dia qua Lacerda  
dade! É que me falava  
zava pr isso. É que nos  
malmente a fessa diz: "H  
fiz, diga pra Ti, "porém, se  
nao, fui falar com o Lacerda  
para saber o certo e lo  
plan a ressaõ exata.  
isso é raro foje. Foi  
+ uma prova de minha  
correção literária. É que

3  
O Leonilde foi professor da  
filha dele. É que é muito  
beleza e muito gentil.  
É que o seu coração con-  
tinua na mesma, ele  
é o que qual é o remé-  
dio e quando sente é o  
funda-lo e vai brando...  
o fim é a sua filha. É  
que a opinião dele com  
relação ao meu livro é  
a de um velho de  
ano fora de forma  
e que não fora nada!

④  
E que existe no todo do  
meu livro uma "fureza"  
que é feita de feio de  
alma bonita. E que  
vai falar ao Pedro que  
me telefonar, eu disse  
que queria conversar com  
de sobre a jovem de  
sua mãe - Chama-me  
de "minha flor"! (A,  
A, A, A) E disse que  
me aparecia por tudo.  
E que "Deus me fez  
se por tudo".

## Considerações sobre Considerações

Considerar é respeitar, venerar, admirar, prestar homenagens, refletir, discernir, criticar. Nos parece que dentro deste contexto de amplitudes Semântica e Semiótica há um debate em que a consideração e o respeito são as molas mestras, as marcas mais fortes desta amizade, ou seja, desta parceria entre o poeta e a jornalista que produziram um diálogo de alto nível sobre diversos temas.

Estas considerações permanentes entre ambos, deflagram um momento bastante instigante, um momento ímpar de amizade e admiração mútuas entre crítico e autor. Portanto, a cada correspondência, há sempre uma demonstração de carinho e apreço entre ambos, o que explicita estas considerações.

Entre a voz e a escrita, há uma ponte que eleva a comunicação para além das "abordagens" de palavras com escassas ideias que não contribuíam nem contribuem para uma civilização mais avançada.

A voz é um "porto de passagem" para a comunicação em qualquer nível. A compreensão e a comunicação podem gerar uma indução, no

mínimo, providencial para a curva acentuada e imediata da interpretação do diálogo em sua plataforma de sons e de imagens geradas.

É verdade que escrever, conforme Marguerite Duras (1993) discute, pode ser considerado um "ato extremamente solitário" ou mesmo excludente, socialmente falando, para a comunicação entre milhões de seres que não dominam o código da escrita.

O ato de falar, ou seja, a arte de falar bem, por sua vez, em determinadas circunstâncias, pode, também, dilacerar um ato extremamente dominador no sentido de que quem fala bem ou melhor acaba por inibir os piores falantes, calando-os, silenciando-os.

No ato de escrever não é diferente, pois na seara de uma abertura para a democracia na comunicação, é o ser humano quem determina, imperativamente, qual o canal de comunicação deve imperar na conversação, se a escrita, a voz ou os gestos em línguas outras.

Ambas, escrita e voz, caminham dentro da história da humanidade revelando ou resguardando obras e respectivos autores. Embora a escrita seja mais "tardia" do que a voz, a voz por sua vez, também é um dos importantes arquivos do registro da história da humanidade. Isso quer dizer que entre a escrita e a voz, há uma lacuna impreenchível na comunicação humana e que precisa de uma atenção mais apurada.

Comunicar é se fazer entender em sua magnitude, e essa comunicação só será possível a partir do momento em que houver interação e integração entre os seres e os suportes que cada um domina no ato da conversação ou da comunicação em si, pois comunicar-se é ter remetentes e destinatários exercendo seus plenos direitos de abordagens sobre as coisas da vida e do mundo.

Sem dúvida alguma, as cartas, que hoje, na era da informática, assumem um papel midiático mais imediato do que outrora, exercem uma função preponderante na via que liga um ser a outro na

tentativa de que ambos se façam entender e, que, posteriormente, possam registrar suas opiniões sobre as coisas que organizam e desorganizam o mundo em que vivem.

As cartas entre Drummond e Nevinha Pinheiro, mesmo que breves em sua magnitude, trazem uma grandeza de conteúdo que encanta a comunicação, às vezes, incomunicável entre ambos.

São cartas, conforme discutimos, que trazem uma profundidade que amiúde engrandecem a ambos na busca efetiva de uma conversa que está propensa a um dos lados, mas que deixa uma brecha para que entendamos que esta comunicação era marcada, acima de tudo, por uma forte amizade que beirava uma admiração entre ambos, o que gerou considerações sobre considerações.

As cartas não perderam seu valor literário, mas cederam espaço para outras formas de comunicação que recorrem à brevidade, uma das marcas de Drummond de Andrade. Esta brevidade na comunicação é uma forma de dizer rapidamente o que permeava seu objetivo humano: se comunicar a partir da "brevidade" que a escrita de um poeta propõe.

Por outro lado, é perene a busca e a persistência de Nevinha Pinheiro para manter os diálogos entre ela e Drummond, o que revitaliza e solidifica o sentido da crítica literária perante o autor.

Nevinha Pinheiro de Serra Redonda da Paraíba, em sua genialidade, busca de toda forma esclarecer o papel dela diante da obra de Drummond, mas sobretudo, estabelecendo, mesmo sem querer, mas parece-nos querendo, um diálogo, um acasalamento perfeito e inteligente entre a escrita e a voz, o que é de total acordo do poeta que autoriza a jornalista a registrar a sua fala que viria pelo viés do Telefone que, enquanto suporte, fortaleceu a comunicação entre ambos no momento em que escrever, já não era o forte do poeta.

Portanto, no presente livro, trouxemos à baila este diálogo rico que envolveu a voz e a letra, fortalecendo os laços da não dissociação entre uma e outra modalidade da comunicação humana. Estas modalidades da comunicação são meios imprescindíveis ao bom relacionamento humano.

Não seria a mesma coisa, a escrita sem a voz que é tão elementar para a criação e a efetivação dos sentidos. Por isso, o presente debate começou com as cartas no apogeu da fome de escrever do poeta ao dizer suas percepções sobre o mundo e tudo que há nele.

O ato de escrever para o poeta, nas cartas em foco, demonstra de que forma ele buscava sua comunicação com as pessoas, em particular com Nevinha Pinheiro, sua confidente, e terminou com a grafia da jornalista das conversas com Drummond no auge de sua decadência com a doença de sua filha e com a sua própria doença, de sua falta de apetite para escrever sobre as coisas para seus leitores.

Assim, o poeta, com gentileza, autoriza a escritora e jornalista a registrar suas conversas por meio do Telefone como que prevendo a importância desta preservação.

Portanto, é esta falta de apetite para a escrita, o mote maior da segunda parte do presente debate, pois o poeta, agora arisco com a prática da escrita, prefere falar, embora pouco, sobre seu ódio, sua tristeza, sua doença e toda sua concepção de vida no "fim" da sua própria vida.

É uma oportunidade ímpar vivenciarmos o processo de transição de um poeta da escrita dos versos e das prosas, para um poeta agora, "transtornado pelo tempo", e transformado em poeta da fala, em poeta da voz. Esta oportunidade que ora trazemos à tona é uma demonstração clara da transição de um meio de comunicação para outro em alguns momentos da vida de nosso poeta maior.

Carlos Drummond de Andrade, o poeta, e Maria das Neves Pinheiro, Nevinha Pinheiro, a jornalista, escritora e crítica literária, deixaram marcas muito fortes de sua amizade e da criticidade que permearam as conversas destes gigantes da Literatura brasileira.

Nevinha Pinheiro é uma jornalista, uma romancista, uma crítica literária à frente de seu tempo, que com sua sagacidade, sua ginga de paraibana, sua astúcia e inteligência avançadas, angariou para si, a eterna simpatia e companhia do poeta Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores vultos, um dos mais honrados nomes da Literatura nacional e universal.

Portanto, nosso maior objetivo, no presente livro, além de destacar o nível desta amizade e deste diálogo tão produtivos e trazer à tona este arquivo tão rico em textos manuscritos, datilografados e falados (transcritos), é, sobretudo, ressaltar o valor literário de Nevinha Pinheiro que atuou não apenas no âmbito jornalístico.

Almejamos chamar atenção do nosso leitor para sua produção literária como crítica literária, contista, cronista, romancista, resenhista e que por suas qualidades e méritos merece figurar entre os cânones da Literatura paraibana e brasileira.



## Referências

- AUBETRON, Robert. **Introdução a Homero**. São Paulo: EDUSP, 1968.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993.
- BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. Campinas-SP: Papyrus, 1995.
- CHIAMPINI, Ligia; BRESCIANI, Maria Stella (Orgs.). **Literatura e Cultura no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- DERRIDA, Jacques. **A Escritura Pré-litera**. São Paulo: EDUSP, 1973.

DERRIDA, Jacques. **Salvo o Nome**. Campinas-SP: Papirus, 1995.

FREIRE, Antônio de Brito. **A Escrita da Voz e do Nome: Sócrates e Meleto na Apologia de Platão**. Campina Grande-PB: EDUEPB, 2019.

FREIRE, Antônio de Brito; JUSTINO, Luciano Barbosa. **Infitada**. Campina Grande-PB: Infitada, 2003.

FREIRE, Antônio de Brito; BRITO, Marcéu Gautama S. In: **Poieses**. Campina Grande-PB: EDUEPB, 2019.

FREUD, Sigmund. **Correspondência de Amor e Outras Cartas (1873-1939)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

HUBERMAN-DIDI, Georges. **O Que Vemos, o Que nos Olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

JUSTINO, Luciano Barbosa. **Literatura de Multidão e Intermidialidade. Ensaio Sobre Ler e Escrever o Presente**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Origem da Tragédia**. São Paulo: Ed. Moraes, 1984.

PINHEIRO, Dionea. **Echo da Serra**. Campina Grande: EDUEPB-LATUS, 2017.

PINHEIRO, Nevinha. **A Crucificação do Diabo**. São Paulo: Ed. Moderna, 1978.

QUIROGA, Tiago. **Pensando a Episteme Comunicacional**. 2.ed., Campina Grande-Pb: EDUEPB, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **O Que é Semiótica**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

SANTAELLA, Lúcia. **O Método Anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo:UNESP, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira, 2002.

SEDLAMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Orgs.). **Walter Benjamin. Rastro, Aura e História**. Belo Horizonte: ED. UFMG, 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A Arte de Escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

TOLEDO, Dionisio de Oliveira (org.). **Teoria da Literatura. Formalistas russos**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1978.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WATZLAWICK, Paul.; BEAVIN, Janet Helmick.; JACKSON DON D. **Pragmática da Comunicação Humana**. São Paulo: Cultrix, 2005.





## SOBRE O LIVRO

---

|                              |                                |
|------------------------------|--------------------------------|
| PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO | <i>Arão de Azevêdo Souza</i>   |
| CAPA                         | <i>Arão de Azevêdo Souza</i>   |
| REVISÃO LINGUÍSTICA          | <i>Antônio de Brito Freire</i> |
| TIPOLOGIAS UTILIZADAS        | <i>Zila Slab 11 pt</i>         |



Este livro percorre dois caminhos que permeiam o diálogo entre o poeta Carlos Drummond de Andrade e a escritora, jornalista e crítica literária, Nevinha Pinheiro. A comunicação entre ambos abrange os des-limites entre a escrita e a voz através de cartas e telefonemas. São dois capítulos que não se separam, nem se juntam porque cada um em si, diz sobre si mesmo a partir dos suportes que cada um detém na construção do seu ethos discursivo. É um livro de interpretações que estabelece convites para outras interpretações que almejem discutir, sobretudo, as incorrespondências das correspondências fulcrais em assuntos tão contemporâneos. É um livro de memória que traz em si uma espécie de lembrança de emoções pessoais devido o grau de subjetivismo que envolve esta comunicação, mas que conduz a um impacto com o real porque cada carta e cada telefonema transcrito são como mosaicos da vida poética-prosaica-política-científica de cada um.